

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

# **Aspectos morfológicos do Gavião-Pykobjê**

**ROSANE DE SÁ AMADO**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**ORIENTADOR:  
PROF. DR. WALDEMAR FERREIRA NETTO**

São Paulo  
2004

*Now I will do nothing but listen,  
To accrue what I hear into this song, to let sounds  
contribute toward it.*

*Walt Whitman*

*Agora não farei nada além de ouvir,  
Para acrescentar o que ouço a esta canção, para deixar que os sons contribuam  
para ela.*

*Este trabalho é dedicado*

*Aos meus pais, Rosa e Nelson,  
que sempre estiveram presentes.*

*Ao William,  
que, com seu apoio e paciência, me acompanhou em mais essa jornada.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos Gavião-Pykobjê, pela acolhida e hospitalidade com que me receberam desde a primeira vez que estive em suas terras, me proporcionando o contato com uma cultura rica e surpreendente.

Aos professores Célio Gavião, Mário Gavião, Boaventura Gavião, Joel Gavião e Jonas Polino Sansão, pela paciência e disposição que sempre tiveram para me ensinar as palavras de sua língua.

Ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto, pela orientação, discussões e sugestões valiosas durante toda a realização deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela bolsa concedida (Processo 01/03407-7), que tornou possível minha dedicação a esta pesquisa.

À Profª. Drª. Lucy Seki, ao Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, ao Prof. Dr. W. Leo Wetzel, ao Prof. Dr. George N. Clements, ao Prof. Dr. Joan Mascaró e ao Prof. Dr. Ben Hermann, pelos conhecimentos transmitidos em suas aulas.

Ao Departamento de Lingüística, em especial à Profª. Drª. Esmeralda Vailati Negrão e à Profª. Drª. Margarida Taddoni Petter, por seu apoio.

Aos colegas de área Flávia de Castro Alves e Frantomé Pacheco por suas sugestões e por seu companheirismo.

À Adélia Maria, ao Dionizio e à Camila, por sua amizade e apoio.

Aos colegas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, Profª. Drª. Elis de Almeida Cardoso e Profª. Maria Célia Hernandes, por seu companheirismo.

A toda a minha família, em especial aos meus sogros, José Roberto e Ana, aos meus cunhados, Andréa, José Aurino, Alessandra, Cyril e Carla, e aos meus irmãos, Ricardo e Rafael, que acreditaram em mim e me apoiaram em mais este trabalho.

# SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

RESUMÉ

ABREVIACÕES

1. INTRODUÇÃO .....	01
1.1. Os Pykobjê .....	01
1.2. A língua Pykobjê e o complexo Timbira .....	02
1.2.1. A grafia uniformizada .....	06
1.3. Os Timbira na família Jê e no tronco Macro-Jê .....	08
1.4. Pesquisa lingüística .....	09
1.4.1. Metodologia de trabalho .....	10
1.4.1.1. Pesquisa de campo .....	11
1.4.1.2. Análise dos dados .....	12
1.5. Apresentação do trabalho .....	13
2. O SISTEMA FONOLÓGICO DO PYKOBJÊ: UM BREVE PANORAMA .....	14
2.1. Inventário fonético .....	15
2.1.1. O efeito “ <i>breathy voice</i> ” .....	17
2.2. Inventário fonológico .....	19
2.2.1. Segmentos consonantais .....	20
2.2.2. Segmentos vocálicos .....	23
2.3. A sílaba .....	27
2.3.1. Ataque complexo .....	28
2.3.2. Coda .....	30
2.4. Acento .....	31
2.5. Processos fonológicos .....	33
3. UM ESBOÇO DA MORFOLOGIA DO PYKOBJÊ .....	34
3.1. Classes de palavras .....	36

<b>4. ASPECTOS DA MORFOLOGIA FLEXIONAL DO PYKOBJÊ .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1. O sistema pronominal .....</b>	<b>50</b>
<b>4.1.1. Estudos com línguas Macro-Jê .....</b>	<b>51</b>
<b>4.1.2. Os pronomes pessoais do Pykobjê e os prefixos relacionais .....</b>	<b>68</b>
<b>4.1.2.1. Os pronomes dependentes e os temas iniciados por consoante .....</b>	<b>75</b>
<b>4.1.2.2. Casos de ausência do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa .....</b>	<b>77</b>
<b>4.1.2.2.1. Dois casos especiais: temas iniciados por h e por w .....</b>	<b>79</b>
<b>4.1.2.3. Os pronomes dependentes e os temas iniciados por vogal .....</b>	<b>83</b>
<b>4.1.2.4. A hipótese dos prefixos relacionais na morfossintaxe do Pykobjê .....</b>	<b>87</b>
<b>4.1.2.4.1. Relações genitivas e adjetivas .....</b>	<b>87</b>
<b>4.1.2.4.2. Relações subjetivas .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1.2.4.3. Relações transitivas .....</b>	<b>92</b>
<b>4.1.2.5. O quadro dos pronomes dependentes .....</b>	<b>96</b>
<b>4.2. O verbo no Pykobjê: formas longas e breves .....</b>	<b>99</b>
<b>4.2.1. Análise das ocorrências em Pykobjê .....</b>	<b>100</b>
<b>4.2.2. As formas longas e breves na família Jê setentrional .....</b>	<b>104</b>
<b>4.2.3. As variações morfonológicas do verbo em Pykobjê .....</b>	<b>109</b>
<b>4.2.4. O papel da negação nos estudos das línguas do complexo Timbira .....</b>	<b>122</b>
<b>4.2.4.1. O verbo e a dupla negação em Pykobjê .....</b>	<b>123</b>
<b>4.2.4.2. A negação no futuro: uma ruptura nos tempos não-passado .....</b>	<b>126</b>
<b>5. ASPECTOS DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL DO PYKOBJÊ .....</b>	<b>129</b>
<b>5.1. Formação de palavras e alongamento vocálico .....</b>	<b>130</b>
<b>5.2. A sílaba VC como prefixo .....</b>	<b>141</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>147</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>157</b>

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar aspectos morfonológicos da língua Pykobjê, falada por aproximadamente quinhentas e quarenta pessoas da tribo homônima, também conhecida como Gavião do Maranhão, pertencente ao complexo Timbira, família Jê, tronco Macro-Jê, situada ao sul do Maranhão.

São apresentados um panorama da fonologia do Pykobjê, baseado em Sá (1999) e em algumas reanálises, um esboço da morfologia, identificando-se classes de palavras, e aspectos da morfologia flexional e derivacional desta língua Timbira, com enfoque na análise de processos morfonológicos na flexão de pronomes e verbos e na composição e derivação de novas palavras.

Palavras-chave: Línguas indígenas; Fonologia; Morfologia; Flexão; Derivação

## **ABSTRACT**

The goal of this study is to analyse morphophonological aspects of Pykobjê language, spoken approximatively by five hundred and forty people from the same-called tribe, that is also named as Gavião do Maranhão, belonged to Timbira complex, Jê family, Macro-Jê branch, which is located in south of Maranhão.

An overview of phonology, based on Sá (1999) and in some re-analysis, is presented as well as an outline of morphology with identification of word classes and aspects of inflectional and derivational morphology of this Timbira language, focusing the analysis of morphophonological processes involving inflexion of pronouns and verbs and composition and derivation of new words.

*Key Words:* Indigenous languages; Phonology; Morphology;  
Inflection; Derivation

## **RESUMÉ**

La présente étude a pour finalité l'analyse des aspects morpho-phonologiques de la langue Pykobjê. Appelée aussi Gavião do Maranhão et parlée par cinq cent quarante personnes de la tribu, elle appartient au complexe Timbira de la famille Jê, branche Macro-Jê, situé au sud du Maranhão.

Il sera exposé un panorama de la phonologie du Pykobjê, trame de Sá (1999) et à travers d'autres analyses un aperçu de la morphologie avec l'identification des classes des mots et les aspects de la morphologie flexionnelle et dérivative de cette langue Timbira en se focalisant sur l'analyse des processus (procédés) morpho-phonologiques dans la flexion des pronoms et verbes et dans la composition et la dérivation de nouveaux mots.

## **ABREVIAÇÕES**

1 .....	Primeira pessoa
2 .....	Segunda pessoa
3 .....	Terceira pessoa
NPR .....	Nome próprio
FUT .....	Futuro
GEN .....	Prefixo generalizador
POSS .....	Morfema de posse alienável
LOC .....	Locativo
DAT .....	Dativo
COMP .....	Companhia
NEG .....	Negação
NEG/FUT .....	Negação e futuro
PR .....	Presente imediato
TOP .....	Topicalizador
DUR .....	Durativo
INT .....	Interrogativo
DIR .....	Direcional
CAUS .....	Causativo
INSTR .....	Instrumental
DIMIN .....	Diminutivo
AUMENT .....	Aumentativo

# **1. INTRODUÇÃO**

## **1.1. Os Pykobjê**

O primeiro contato do povo Pykobjê com os não-índios ocorreu no século XVIII (cf. Nimuendaju, 1946). Àquela época, sua fama de guerreiros “ferozes e traiçoeiros” conferiu-lhes o codinome “Gavião do Maranhão”, assim como a outros povos Timbira, como os Krinkati e os Parkatejê, estes últimos também conhecidos como “Gavião do Pará” ou “Gavião da Mata”. Seu caráter belicoso impediu a colonização da região compreendida entre as cabeceiras dos rios Pindaré e Tocantins, mantendo-os afastados dos não-índios até meados do século XIX, quando as relações começaram a ficar amistosas.

Atualmente, os Pykobjê ocupam uma área de aproximadamente 42 mil hectares<sup>1</sup> demarcada em 1970, no município de Amarante, Maranhão. Com uma população de aproximadamente 540 índios, estão divididos em três aldeias – Governador, Rubiácea e Riachinho – distando entre 6 e 25 km da cidade de Amarante. A proximidade com a população não-índia e a exigüidade de seu território têm causado sérios problemas para os Pykobjê, que vêm dia-a-dia seus recursos naturais diminuírem frente a uma ocupação regional predatória sem contar com uma política efetiva de fiscalização oficial. Além disso, os mais velhos vêm, com preocupação, a tradição e a cultura de seu povo se transformarem pouco a pouco devido ao interesse crescente dos jovens em buscar novas formas de vida orientadas pela cultura não-índia.

---

<sup>1</sup> Dados do Centro de Trabalho Indigenista, 2004. ([www.trabalhoindigenista.org](http://www.trabalhoindigenista.org))

## **1.2. A língua Pykobjê e o complexo Timbira**

Pykobjê é também o nome da língua falada por esse povo indígena. A designação é uma adaptação de “*Pakupje*”, ou seja, o povo de Pacup, nome dado em homenagem a uma mulher que, segundo a cosmologia indígena, teria sido uma heroína do povo<sup>2</sup>. O sufixo “*je*”, encontrado no nome de outros povos Jê, embora grafado de formas diferentes, significa “minha gente” ou “povo”.

Um traço importante que tem auxiliado na preservação da cultura, apesar da crescente influência dos costumes não-índios, é o fato de 100% da comunidade falar a língua. O Português é falado como segunda língua na comunicação com os não-índios e somente é aprendido na idade de cinco a seis anos, quando as crianças começam a freqüentar a escola, sediada dentro das aldeias. Os indivíduos mais velhos têm uma dificuldade maior em se comunicar em Português, uma vez que a maioria não freqüentou a escola e mantém contato esporádico com os não-índios; já os mais jovens, tanto homens quanto mulheres, na faixa de 15 a 35 anos, mantêm um contato cada vez maior com a comunidade em derredor, principalmente por freqüentarem as últimas séries do ensino fundamental e o ensino médio na cidade de Amarante, uma vez que o ensino das escolas sediadas nas aldeias abrange apenas as quatro primeiras séries do fundamental. Nessas, o ensino é ministrado principalmente por professores da própria comunidade, formados em cursos de magistério do estado do Maranhão e em cursos organizados por uma organização não-governamental, o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), em parceria com a FUNAI.

---

<sup>2</sup> Dado fornecido pelo presidente da associação Wy’ty Catê, Jonas Polino Sansão

Quanto à filiação lingüística, o Pykobjê faz parte do complexo Timbira, junto com mais sete línguas (cf. Rodrigues, 1986), e que se subdividem em Timbiras Orientais, situados a leste do Rio Tocantins, e Timbiras Ocidentais, situados a oeste do Rio Tocantins (cf. Melatti, 1972).

TIMBIRAS ORIENTAIS	Nome oficial	Nome Timbira <sup>3</sup>	Significado
Maranhão	Krinkati	Pinkukatejê	“povo da mangaba”
	Apaniekrá-Canela	Apaniekakatejê	“povo da piranha”
	Ramkokamekrá-Canela	Ramkokatejê	“povo da mata”
	Pykobjê-Gavião	Pykokatejê	“povo de Pakup”
	Krenjê	Krenjê	----
Pará	Parkatejê-Gavião	Parkatejê	“povo do jusante”
Tocantins	Krahô	Marekatejê	“povo da ema”
<b>TIMBIRAS OCIDENTAIS</b>			
Tocantins	Apinajé	Ronkokatejê	“povo do cocal”

O nome Timbira faz referência às fitas de palha ou faixas trançadas em algodão que esses povos usam sobre o corpo: nos braços, tornozelos, testa etc. e significa “os amarrados” em tupi – *tin* ‘amarra’, *pi’ra* ‘passivo’ (cf. Nimuendaju, 1946). Contudo, eles próprios se autodenominam *mehẽ* ‘nossa gente’.

Esses povos partilham de características comuns como: corte de cabelo longo, com um sulco em torno da cabeça à altura da franja; produção de artefatos feitos com palha trançada como cestos, esteiras, faixas etc.; morfologia da aldeia, composta de um grande

---

<sup>3</sup> Nomes fornecidos pelo cacique Antenor Gavião, da aldeia Governador.

círculo com as casas dispostas lado a lado, das quais saem caminhos em direção ao centro, onde fica o pátio; ritos como as corridas de revezamento em que duas equipes carregam uma tora (de buriti ou de outra árvore), dentre outras. Outrora, esses grupos ocupavam uma grande extensão de terra situada entre o norte de Goiás e o sul do Maranhão. Atualmente, seus territórios são descontínuos, variando entre 50 a 300 mil hectares, cercados ou invadidos por pequenas fazendas de gado (cf. Ladeira, 2001).

Em relação aos idiomas desses povos, ainda há controvérsia quanto ao fato de serem reconhecidos como línguas aparentadas ou como dialetos de uma única língua Timbira. De qualquer forma, com o crescente avanço dos estudos, têm-se descoberto tanto semelhanças como diferenças, que permitem agrupar as línguas do complexo Timbira em quatro subconjuntos (cf. Alves, 2002a):

1. Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô
2. Krinkati, Pykobjê
3. Apinajé
4. Parkatejê

O povo Krenjê não fala mais a língua Timbira, sendo monolingüe em Português. O povo Apinajé, embora se considere descendente dos Timbira, fala uma língua muito mais próxima do Mẽbengokrê (ou Kayapó, língua da família Jê) do que dos demais povos Timbira.

Os povos que representam os três primeiros subconjuntos formaram, há mais de uma década, uma associação – a *Wy'ty Caté* – através da qual têm procurado reforçar a identidade Timbira e contam, ao longo dos últimos dez anos, com a assessoria do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Desse esforço conjunto, surgiram projetos como “Frutos do

“Cerrado” – uma cooperativa que agrupa a associação Wy’ty Caté e pequenos agricultores na coleta de frutos nativos que são beneficiados na forma de polpa congelada para comercialização junto ao mercado consumidor – e “Uma Escola Timbira”, que conta com a formação de professores indígenas, propostas de elaboração de material didático e de uma grafia uniformizada, entre outros.

Há um constante intercâmbio entre os povos da associação e mesmo destes com com os Parkatejê, incluindo casamentos e estadas prolongadas com os “parentes”. Presenciando conversas entre integrantes de povos diversos, pude constatar a facilidade com que todos se comunicam, às vezes, surgindo brincadeiras de alguns sobre, por exemplo, o modo “cansado” com que os Pykobjê falam a língua (devido ao efeito “*breathy voice*” que será comentado adiante). Dessa forma, julgo importante a percepção que os próprios falantes têm de sua língua e ressalto para o esforço contínuo que tem havido entre esses povos quanto ao fortalecimento de uma unidade cultural, a qual passa, sem dúvida, pela unidade lingüística, mesmo que, há menos de cinqüenta anos, muitos deles estivessem envolvidos em conflitos entre si. De fato, muitos desses povos mantiveram uma certa hostilidade que, em alguns casos, resultou em guerras. A própria denominação *-(ka)mekrá* indica o afastamento, no passado, de grupos que se consideravam rivais; já a denominação *-katejê* é um índice de aproximação e aliança (cf. Azanha, 1984). Atualmente, todos os grupos se tratam como *-katejê*, embora na nomenclatura oficial tenham permanecido denominações como Apaniekrá e Ramkocamekrá. Quanto ao processo de reconhecimento da unidade lingüística, este culminou no evento realizado em dezembro de 2003, no qual foi estabelecida uma grafia uniformizada para o Timbira padrão, como será visto a seguir.

### **1.2.1. A grafia uniformizada**

Desde 1994, representantes dos seis povos Timbira associados à *Wy'ty Catē* têm se reunido com o intuito de elaborar uma grafia unificada para suas línguas. Discussões acirradas deram o tom desses encontros no início, já que povos outrora inimigos – como os Krahô e os Ramkokamekrá – não admitiam falar línguas aparentadas e, muito menos, dialetos de uma mesma língua. Além disso, outros povos que já contavam com uma grafia elaborada por missionários, presentes em suas terras há pelo menos duas ou três décadas, como os Pykobjê e os Krinkati, diziam já estarem acostumados com seu “modo de escrever”. Contudo, o esforço crescente de se criar uma identidade forte e representativa junto aos “*kopẽ*” (os não-índios), no qual se baseia a origem da associação *Wy'ty Catē*, conseguiu pouco a pouco vencer as barreiras e convencer as comunidades sobre a importância de uma forma de comunicação escrita padrão através da qual todos possam se entender. Assim, em dezembro de 2003, na oficina realizada no *Pẽmxwyj Hémpejxy* (Centro de Formação de Professores Timbira) em Carolina, Maranhão, que reuniu dezessete representantes dos povos acima mencionados, e que contou com a assessoria da lingüista Flávia de Castro Alves (presente nos encontros desde 1994) e com o meu auxílio, finalmente estabeleceu-se uma grafia uniformizada que está sendo testada no decorrer deste ano. Foram oito dias de trabalho intenso e de muitas discussões que resultaram em um documento que seria apresentado pelos participantes a suas comunidades, contendo a explicação das letras e dos sons e uma lista de palavras<sup>4</sup> (cerca de 350) que serviram como exercício e de exemplos para a utilização e a fixação da grafia. Tal instrumento representa uma conquista para os

---

<sup>4</sup> A lista de palavras e a explicação da correspondência de letras e sons encontram-se no apêndice.

povos indígenas em geral, já que raríssimas vezes em sua história de contatos eles têm participado da elaboração de um sistema de escrita para suas línguas, sendo muito mais comum a imposição de um alfabeto, geralmente feito por missionários nem sempre preparados em questões lingüísticas. Para os representantes do povo Pykobjê, com os quais mantendo contato desde 1997, ficou a certeza de que tal grafia será muito mais fácil de ser ensinada às crianças em idade escolar do que a que eles vêm utilizando; para mim, o orgulho de ter participado de um evento raro na pesquisa lingüística: o momento em que os próprios falantes se apropriam de sua língua, concretizando-a num modelo de escrita, deixando de ser objeto para se tornar sujeito de seu próprio destino cultural e lingüístico.

### 1.3. Os Timbira na família Jê e no tronco Macro-Jê

As línguas do complexo Timbira estão filiadas à família Jê. Essa família etnolíngüística foi pela primeira vez identificada pelo naturalista Karl von Martius em meados do século XIX (1867, *apud* Câmara Jr, 1977) extinguindo, dessa forma, a antiga denominação ‘tapuia’ para todos os grupos que não fossem tupi. No decorrer de mais de cem anos, novas tentativas de classificação foram feitas por diversos etnólogos e lingüistas até a mais recente, de Rodrigues (1986), que filia essa família ao tronco lingüístico Macro-Jê, proposto por Mason (1950 *apud* Rodrigues, 1999) e que congrega outras famílias lingüísticas. Segue abaixo um quadro adaptado com essa classificação:

FAMÍLIAS	LÍNGUAS	
JÊ Setentrional	Timbira	Apinajé, Canela Apaniekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykobjê, Krahô, Krenje, Krinkati
	Kayapó ou Mẽbengokré	A'ukré, Gorotire, Kararaô, Kikretum, Kokraimóro, Kubenrankén, Menkrangoti, Mentuktire, Xikrin
	Suyá	Suyá, Tapayúna
	Panará	
Central	Xavante ou A'uwen	
	Xerente ou Akuwen	
Meridional	Kaingang	K. de SP, K. do PR, K. Central, K. do Sudoeste e K. do Sueste
	Xokleng	Xokleng (Laklänõ)
MAXACALI	Maxacali	
KRENAK	Krenak	
YATÉ	Yatê	
KARAJÁ	Karajá	
OFAYÉ	Ofayé, Ofayé Xavante	
BORORO	Bororo	
GUATÓ	Guató	
RIKBAKTSÁ	Rikbaktsa	

## **1.4. Pesquisa lingüística**

O primeiro trabalho de descrição e análise da língua Pykobjê é meu trabalho de mestrado (Sá, 1999) defendido em fevereiro de 2000. Nesse estudo procurei descrever o sistema fonológico, incluindo unidades distintivas, sílaba e padrão acentual, e analisar processos de sonorização, neutralização, alongamento vocálico, ressilabificação, entre outros. No capítulo 2, faço uma apresentação sucinta desse trabalho, buscando facilitar a compreensão da análise de aspectos morfológicos a que se propõe este estudo.

Vale ressaltar o grande avanço que tem ocorrido nas duas últimas décadas quanto a estudos com as demais línguas do complexo Timbira, dentre os quais destacam-se: a dissertação de mestrado defendida por Alves (1999) sobre o Apaniekrá, e trabalhos posteriores; a dissertação de mestrado de Souza (1990) sobre o Krahô; a tese de doutorado de Ferreira (2003) e a tese de doutorado de Araújo (1989) sobre o Parkatejê e outros artigos publicados; o estudo de Oliveira (2003) sobre o Apinajé; e o trabalho pioneiro de Popjes & Popjes (1986) sobre o Canela-Krahô, mais especificamente sobre o Ramkokamekrá.

#### **1.4.1. Metodologia de trabalho**

A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a realização de duas pesquisas de campo, em que se procedeu à coleta de dados lingüísticos, e a análise desse material, através da seleção e agrupamento dos dados, e da formulação de hipóteses acerca das questões envolvidas. Sendo um estudo de caráter morfofonológico, procurou-se orientação em modelos fonológicos não-lineares, autosegmentais e métricos, e de estudos em morfologia lexical e derivacional. Além disso, buscou-se traçar um quadro comparativo de estudos feitos com línguas da família Jê e do tronco Macro-Jê em que se abordassem os tópicos analisados neste trabalho.

#### **1.4.1.1. Pesquisa de campo**

Os dados encontrados neste trabalho são provenientes de duas viagens de campo, realizadas em agosto de 2002 e dezembro de 2003. Além disso, por se tratar de um estudo em que se dá prosseguimento à análise e descrição fonológica feitas durante o mestrado, foi utilizada grande parte dos dados coletados nas três viagens realizadas durante esse período – em janeiro e setembro de 1998 e janeiro de 1999.

A coleta de dados foi feita através da gravação em mini-disc's de palavras e frases previamente arroladas em questionários, além de questões que surgiam no momento das conversas com os informantes ou com outros integrantes da comunidade. Os principais informantes foram quatro professores das aldeias: Célio, da aldeia Riachinho, Mário, da aldeia Rubiácea, Jonas e Boaventura, da aldeia Governador. Também contribuíram em conversas os professores Joel, Edmar e Diana, além dos caciques Antenor e Damásio e de outros falantes mais velhos, como D. Carmelita e Sr. Anastácio, que contavam histórias e lendas dos “*mehē*”.

#### **1.4.1.2. Análise dos dados**

Durante o mestrado, através da descrição e análise do sistema fonológico do Pykobjê, pude estabelecer os sistemas vocálico e consonantal e as estruturas silábicas, além de apresentar um esboço do padrão acentual. Entretanto, em muitos aspectos, deparei com processos nitidamente morfofonológicos envolvendo dois campos da morfologia: o flexional e o derivacional.

No caso da morfologia flexional, os processos se referem a duas classes de palavras:

- pronomes pessoais – a relação entre os pronomes e os nomes inalienáveis e verbos intransitivos e os processos de silabificação;
- verbos – as formas longas e breves e sua relação com o tempo em que os verbos estão conjugados.

Já no caso da morfologia derivacional, o estudo dos processos de formação de palavras, tanto composição quanto derivação, compreende dois casos que não ficaram claros na análise estritamente fonológica:

- alongamento vocálico – sua relação com a composição de novas palavras.
- sílaba VC – sua ocorrência apenas em início de palavra e sua possível identificação como um prefixo na composição de palavras.

## **1.5. Apresentação do trabalho**

A fim de se ter uma melhor compreensão acerca da língua que está sendo estudada, esta tese constará de quatro capítulos, além deste e das considerações finais – o primeiro, referente à fonologia, com uma apresentação sucinta do que foi analisado durante o mestrado (Sá, 1999); o segundo, referente a um esboço da morfologia com a identificação de classes de palavras; o terceiro, referente a aspectos de morfologia flexional, mais especificamente às classes dos verbos e dos pronomes pessoais e, o quarto, referente a morfologia derivacional, apresentando tópicos de composição de palavras envolvendo questões relacionadas ao alongamento vocálico e à sílaba VC.

## **2. O sistema fonológico do Pykobjê: um breve panorama**

O objetivo deste capítulo é traçar um breve panorama acerca do sistema fonológico do Pykobjê a fim de subsidiar os capítulos em que se discutem aspectos morfofonológicos. A proposta se baseia na minha dissertação de mestrado (Sá, 1999) e em reanálises feitas a partir dos novos dados coletados para este trabalho.

Este capítulo se subdivide em cinco seções: a primeira apresenta o inventário fonético e o efeito “*breathy voice*”; a segunda trata dos segmentos consonantais e vocálicos distintivos da língua; a terceira apresenta os tipos de sílabas encontrados e a distribuição dos segmentos consonantais nas posições de ataque, ataque complexo e coda; a quarta trata do padrão acentual; e a quinta seção apresenta um resumo dos processos fonológicos encontrados, incluindo-se aqueles envolvendo fronteiras de morfemas e de palavras que motivaram o presente estudo.

## 2.1. Inventário fonético

Nos dados coletados nas pesquisas de campo realizadas de 1998 a 2003, foram encontrados os seguintes sons:

Dezoito sons consonantais:

	Labiais	Coronais		Dorsais		Glotais
Oclusivas	p	t	tʃ	k	k <sup>b</sup>	?
	b	d		g		
Nasais	m	n		ŋ		
Fricativas		s	f			h
Aproximantes	w	r	j			

Analisando a tabela, pode-se perceber que o traço [sonoro] nas oclusivas só ocorre com os segmentos simples, ou seja, tanto a africada quanto a dorsal aspirada não apresentam contraparte sonora. Pode-se, portanto, restringir a sonoridade aos segmentos que portem o traço [-contínuo], considerando que tanto tʃ quanto k<sup>b</sup> apresentam um traço [+ contínuo] no segundo segmento. O caso da glotal oclusiva deve ser analisado à parte já que ela é considerada um segmento em distribuição complementar com a glotal aspirada, como será visto a seguir. De qualquer forma, o traço de sonoridade indica que o sistema parece privilegiar três articuladores ativos quanto aos segmentos com traço [- contínuo] – labial,

coronal e dorsal – fato que é corroborado pelas nasais, embora a dorsal pré-nasalizada não tenha ocorrência muito freqüente.

Vinte e seis sons vocálicos:

Coronais	Dorsais	Dorso-labiais
i      i:      ï	í      í:      ï	u      u:      û
e      e:      ë      ë:	ə      ə:      ð	o      o:      õ      õ:
ɛ      ɛ:		ɔ      ɔ:
	a      a:	

Quanto aos sons vocálicos, observam-se certas regularidades. Todas as vogais orais podem sofrer alongamento vocálico. O traço de nasalidade não é encontrado em nenhuma vogal baixa, ou seja, **e**, **a** e **ɔ** e, dentre as vogais que detêm esse traço, somente as médias coronal e dorso-labial apresentam alongamento. Quanto aos articuladores, praticamente se repete a distinção feita entre as consoantes com traço [- contínuo]; considerando-se a dupla articulação das vogais posteriores, têm-se (dorso)-labiais, coronais e dorsais.

### 2.1.1. O efeito “*breathy voice*”

Nas duas ocasiões em que tive contato com integrantes de outros povos Timbira – em 1998 em um curso de formação de professores e em 2003 na oficina de grafia – pude observar representantes dos Krahô ou dos Ramkokamekrá fazendo brincadeiras com o falar dos Pykobjê, como já mencionei anteriormente. De fato parece ser uma marca de “sotaque” o tal jeito “cansado” com que os Pykobjê produzem sua fala. Esse “sotaque”, já descrito em minha dissertação, é denominado no IPA (International Phonetic Alphabet) como efeito “*breathy voice*”, que pode ser também traduzido como efeito “murmurado”. Ainda que seja um diacrítico cultural dos Pykobjê, ele pode ser considerado uma variante social dentro da própria comunidade, visto que nem todos os falantes o produzem. Em minhas pesquisas de campo, pude observar que esse efeito ocorre com mais freqüência na fala de indivíduos mais velhos, embora não tenha feito nenhum estudo sociolinguístico sobre o fenômeno. Mas, mesmo entre os falantes que produzem o murmurório, não são todos os segmentos vocálicos que podem portar o efeito, havendo algumas restrições. A tabela seguinte apresenta esses dados:

Coronais	Dorsais	Dorso-labiais
é      ë	ã      ã	ó      õ
ɛ	ɐ	ɔ

Constata-se que o efeito não ocorre com vogais altas. Deve-se salientar que as vogais baixas **ɛ** e **ɔ** sempre portam esse efeito e que foram encontrados pouquíssimos

exemplos de palavras com as vogais médias **e** e **o**. Esse dado, aliado à não ocorrência do efeito entre as vogais altas, pode indicar que o fenômeno condicione um abaixamento no timbre vocálico. Este, entretanto, é bloqueado na presença de um traço [nasal] visto que **e** e **o** nunca aparecem nasalizados.

De qualquer forma, tal “sotaque” parece estar se perdendo entre os mais novos, que, talvez se sintam “estigmatizados” dentro do espaço Timbira. Um estudo sociolinguístico sobre esse tipo de variação fonética poderia indicar com mais precisão o que vem ocorrendo dentro da comunidade, levando os próprios falantes a se questionarem sobre a língua que utilizam.

À guisa de complementação, é interessante notar que a grafia elaborada para os Pykobjê pelos missionários da “Novas Tribos do Brasil”, presentes na aldeia Governador há mais de três décadas, contempla esse fenômeno, que não é distintivo, utilizando o grafema <h> após a vogal, e que acaba por “complicar” (usando as palavras de um professor Pykobjê presente na oficina de grafia de dezembro/2003) a escrita de palavras simples como <cohcryht> ‘anta’, que, com a grafia uniformizada, pode ser escrita como <cökryt>.

## **2.2. Inventário fonológico**

Para determinar os sons distintivos da língua, num primeiro momento foram utilizados procedimentos estruturalistas (cf. Trubetzkoy, 1973) como a verificação de pares mínimos e a observação de distribuição complementar e de variações livres. Já na formulação de hipóteses quanto às possíveis variações, os modelos utilizados foram o autossegmental de Goldsmith (1990) e a geometria de traços de Clements & Hume (1995), além de princípios da fonologia lexical de Kiparsky (1982). Algumas das variações encontradas – como entre os segmentos **h** e **tʃ** e o caso dos alongamentos vocálicos – tornaram-se o viés principal do presente estudo, uma vez que a análise puramente fonológica não pôde explicar tais fenômenos, tendo sido necessário um trabalho envolvendo processos morfológicos de derivação e flexão.

## 2.2.1. Segmentos consonantais

Do total de dezoito sons consonantais observados, foram determinados como segmentos distintivos da língua somente onze.

	Labiais	Coronais		Dorsais		Glotal
Obstruintes	p	t	tʃ	k	k <sup>h</sup>	h
Nasais	m	n				
Aproximantes	w	r	j			

O quadro de oclusivas ficou restrito para os segmentos surdos. Isso porque foi observado que a realização das oclusivas sonoras somente ocorre em variação livre com os segmentos surdos homorgânicos em posição intervocálica ou em fronteiras morfológicas, após o acréscimo de algum morfema, cujo segmento inicial seja [ + soante ], como é o caso de pəkɔp + je → pəkobje.

Além disso, o segmento oclusivo glotal ? foi considerado como estando em distribuição complementar com a fricativa glotal h, esta em posição de ataque e aquele em posição de coda silábica. A fricativa foi escolhida como sendo o segmento distintivo por aparecer em posição canônica do padrão silábico universal CV, além de apresentar variações com outros segmentos como a africada tʃ. Vale ressaltar que essa decisão é arbitrária e baseada em princípios de economia do sistema, já que os próprios falantes fazem distinção clara entre os dois segmentos, inclusive grafando-os de forma diferente (apêndice).

Quanto às fricativas **s** e **ʃ**, foram consideradas alofones de **j** na posição de coda, já que apareceram variando livremente com essa aproximante. Esses sons, contudo, a exemplo do efeito “*breathy voice*”, são considerados diacríticos culturais do Pykobjê junto aos outros povos Timbira, já que na língua desses talis segmentos nunca ocorrem. Tal fato pode ser comprovado também na uniformização da grafia (apêndice) em que os representantes Pykobjê fizeram questão de que o grafema <x> - que indica a africada **tʃ** - fosse considerado também para representar as fricativas **s** e **ʃ** em posição de coda em algumas palavras como **kas** ‘pacará’ (um tipo de cesto) e **kaj** para os demais povos Timbira, grafada como <cax> ou <caj> ou ainda **h-õmtʃ** ‘pulso dele’<sup>5</sup> e **h-ũmtəj** para os outros, grafada como <hũmt̯x> ou <hũmt̯j>. Em um estudo comparativo da fonologia Macro-Jê, envolvendo as línguas Apinajé, Canela, Suyá, Xavante e Kaingang, Davis (1966) afirma ser o **j** na posição de coda uma manifestação de **tʃ** em algumas dessas línguas, como no Apinajé e no Suyá. Minha hipótese é que essas fricativas estejam sofrendo um processo de semivocalização no Pykobjê, que talvez já tenha acontecido em outras línguas Macro-Jê, e que, no momento, estejam co-ocorrendo com a aproximante **j** no mesmo ambiente. De qualquer forma, não há como pretender a realização de um estudo sincrônico, sem se considerar hipóteses diacrônicas, como afirma Ferreira Netto (2001:16) “*tais como quaisquer diacríticos culturais, fatos lingüísticos transitam entre fronteiras, promovendo mudanças que nem sempre são acompanhadas de acomodações ao sistema estabelecido cognitivamente pelo grupo de falantes*”.

---

<sup>5</sup> Partes do corpo são nomes inalienáveis, portanto sempre têm que estar acompanhadas de um pronome indicador de posse.

A dorsal pré-nasalizada foi excluída do quadro de unidades distintivas por se apresentar como um segmento de baixíssima freqüência e por variar com *j* em algumas palavras. Tal segmento, contudo, pode ser resquício de um sistema antigo de nasais nas línguas Timbira (ou até na família Jê), visto existir no Krahô, no Apinajé e no Apaniekrá, um segmento correlato – *ŋ*.<sup>6</sup> Ele é considerado distintivo pelos falantes desses povos e do Pykobjê, tendo sido escolhido, na oficina sobre a grafia uniformizada, o grafema <g> para representá-lo. Uma ressalva é feita ao Krinkati, língua Timbira mais próxima do Pykobjê, que não apresenta esse segmento e que, nos vocábulos correlatos, realiza a fricativa aspirada **h**.

---

<sup>6</sup> Esse sistema de nasais incluiriam a nasal labial – *m* –, a coronal – *n* – e a velar – *ŋ* – que teriam derivado oclusivas homorgânicas em algumas línguas Jê (como no Pykobjê) e, em outras, mantiveram-se como nasais, cf. Sá, 1999, p. 73.

## 2.2.2. Segmentos vocálicos

### VOGAIS ORAIS

	i	í	u	e	ə	o	a
aberto 1	-			+			+
aberto 2	-			-			+

O quadro de vogais orais se reduz quanto ao grau de abertura; tanto **e** quanto **ə** apresentam-se como variações livres de **e** e **o**. Assim ficam estabelecidos apenas dois traços de abertura: [aberto 1] e [aberto 2]. É importante lembrar que as vogais **e** e **ə** sempre são realizadas com o efeito “*breathy voice*”, que parece ser o fator condicionante para o traço [+ aberto 3]. Entre as dorsais, também há casos de variação livre envolvendo **í** e **ə**, com o apagamento do traço [aberto 1] embora sejam encontrados pares mínimos com essas vogais. É importante notar uma alternância envolvendo **ə** e **a** relacionada à mudança de tempo passado para não-passado em alguns verbos como ‘pescar’ - **j-əpin** (passado) e **a:pi** (não-passado) - casos que serão vistos adiante no estudo sobre formas verbais longas e breves.

Vale ressaltar que as distinções vocálicas entre as línguas Timbira envolvidas no projeto da grafia uniformizada estão estritamente relacionadas com o grau de abertura. Exemplos:

Ramkokamekrá / Apāniekrá / Krahô	Pykobjê / Krinkati	Glossa
t̪ep	tep	'peixe'
protti	prutte	'sapo'
kumtſe	komtſi	'bacuri'
rɔ?ti	ro?te	'sucuri'
k <sup>b</sup> wər	k <sup>b</sup> wir	'mandioca'
kuk <sup>b</sup> rit	kok <sup>b</sup> rət	'anta'

Quanto ao ponto de articulação, permanecem as três distinções:

coronais	dorsais	dorso-labiais
i	i	u
e	ə	o
	a	

Foram encontrados somente alguns exemplos envolvendo variações livres entre a média dorsal - ə - e as dorso-labiais o e ɔ.

Quanto às vogais nasais, o quadro se reduz somente a três:

## VOGAIS NASAIS

ẽ    ã    õ

A vogal dorsal baixa - **a** - sofre um processo de neutralização com a dorsal média - **ə** - em presença de consoante nasal que resulta em uma nasalização regressiva, como exemplifica a mudança do tempo passado para o não-passado do verbo ‘matar’ – **korẽn** (passado) e **kora** (não-passado).

As vogais altas – **i**, **í** e **u** – também sofrem processo de nasalização regressiva por estarem sempre precedendo uma consoante nasal e foram consideradas nasalizadas, já que o traço [nasal] só está presente nesse ambiente.

Fenômeno análogo acontece com as vogais médias diante de consoantes nasais, contudo, o traço [nasal] também está presente em ambientes estritamente orais, como em processos de composição de palavras:

- |    |                        |   |        |   |                          |
|----|------------------------|---|--------|---|--------------------------|
| 1. | e? - k <sup>h</sup> rẽ | + | he     | → | e? - k <sup>h</sup> rẽhe |
|    | 3 ‘cabeça’             |   | ‘osso’ |   | ‘caveira dele’           |

Além disso, foram encontrados pares mínimos com vogais orais, como no exemplo:

- |    |       |  |
|----|-------|--|
| 2. | rõ?te | ‘sucuri’                               |
|    | ro?te | ‘juruva’ (um pássaro de pequeno porte) |

Ainda com relação às outras quatro línguas Timbira, é interessante notar que o grupo das línguas Krahô, Apâniekrá e Ramkokamekrá apresenta vogais altas e baixas nasais, mas não médias nasais, como se pode ver nos exemplos abaixo:

Ramkokamekrá / Apâniekrá / Krahô	Pykobjê / Krinkati	Glossa
kutẽ	kotẽ	‘murici’
mĩ	mẽ	‘jacaré’
põ	põ	‘campo’
hũmre	hõmre	‘homem’
kahãj	kahẽj	‘mulher’

Observando tal quadro, pode-se levantar a hipótese de que o grupo do Pykobjê e do Krinkati neutralizou as duas alturas em uma única, enquanto o outro grupo privilegiou a distinção entre altas e baixas no sistema nasal das vogais.

## **2.3. A sílaba**

A sílaba constitui a unidade básica da organização do sistema fonológico de uma língua, já que define condições e restrições para a ocorrência ou não de segmentos em determinadas posições. Ela é também considerada a menor categoria prosódica da língua e é ela a portadora do acento.

A sílaba adotada para esse estudo é baseada no modelo proposto por Selkirk (1982) e defendido por Itô (1986), segundo o qual ela é estruturada em ataque (A) e rima (R) e, esta última, ramificada em núcleo (Nu) e coda (Co).

Partindo do estudo da sílaba no Pykobjê, foram estabelecidos os grupos de consoantes que podem atuar no ataque complexo e na coda, analisando-se os processos que envolvem esse constituinte, tais como elisão, epêntese, ressilabificação etc.

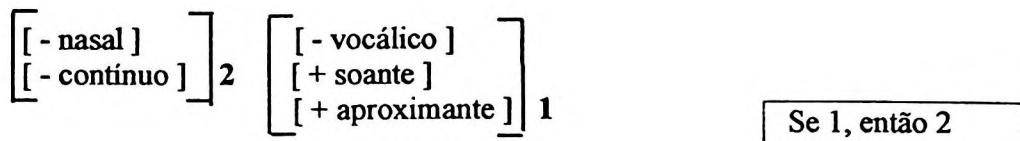
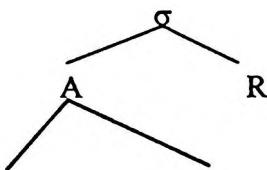
O Pykobjê, além do padrão universal CV, também apresenta o padrão CVC em qualquer posição do vocábulo. Também é encontrado o padrão VC, mas somente em início de palavra e com restrições quanto aos segmentos que podem ocupar as posições; essa sílaba mereceu uma seção à parte no presente estudo, em que se contemplam processos morfológicos quanto à composição e à flexão de palavras. A língua apresenta ataques complexos, mas não coda complexa, sendo portanto, C(C)V(C) o padrão máximo.

### 2.3.1. Ataque complexo

A língua aceita como ataque complexo a seqüência obstruinte + aproximante, mas nem todas as seqüências são permitidas:

Obstruintes	Aproximantes		
	w	r	j
Labiais	-	pr	pj
Coronais	tʃw, tw	-	-
Dorsais	kw, kʰw	kr, kʰr	kj, kʰj

Observando o quadro acima, nota-se uma distribuição entre os encontros consonantais labiais e coronais; não há encontro labial + labial/dorsal nem coronal + coronal, enquanto que as dorsais não apresentam nenhuma restrição. Dessa forma, pode-se levantar a seguinte hipótese:



Restrição: seqüência de dois segmentos com mesmo ponto de articulação não é permitida

Esse filtro proíbe as seguintes seqüências de consoantes:

\*pw, \*tr, \*tʃr, \*tj, \*tʃj, \*mw, \*mr, \*mj, \*nw, \*nr, \*nj, \*hw, \*hr, \*hj

É importante ressaltar que, na realização, é possível uma ressilabificação em processos de composição de palavras em que ocorram ataques complexos como **tj**, **tr** e **mr**, respeitando a seqüência de sonoridade proposta por Clements & Hume (1996), como mostram os exemplos abaixo envolvendo o sufixo de diminutivo {-re} e um composto com a palavra {-jẽ} ‘carne’:

3. ju?.jut.re ‘tucaninho’
4. wet.re ‘calango’
5. prẽm.re ‘pium’
6. prom.re ‘formiga’
7. ko.k<sup>h</sup>rət.jẽ ‘carne de anta’

### 2.3.2. Coda

O Pykobjê restringe a posição de coda apenas aos segmentos simples e ao **w**, excluindo-se **k<sup>h</sup>** e **tʃ**.

p	t	k	?
m	n		
w	r	j	

Parece que em posição de coda, somente as obstruintes com traço [-contínuo] são aceitas; assim, também a fricativa glotal **h** é substituída pela oclusiva glotal **?**.

Há, portanto, duas possibilidades de segmentos em coda: o grupo dos que portam o traço [+ soante] que inclui as nasais e as aproximantes e o grupo do segmentos [- soante], que devem ser também [- contínuo], e que inclui os segmentos oclusivos simples.

## 2.4. Acento

Para o estudo do acento no Pykobjê, buscaram-se parâmetros nas diversas teorias não-lineares recentes como a teoria métrica clássica da árvore e a teoria da grade métrica (Halle & Vergnaud, 1987), assim como a teoria rítmica assimétrica (Hayes, 1995). O acento da língua é previsível. Do *corpus* analisado durante o mestrado, cerca de 97% dos dissílabos apresentam a última sílaba acentuada, ou seja, possuem pé dominante à direita. Em relação aos trissílabos, isso ocorre em cerca de 93% e nos polissílabos em 100% dos casos. Exemplos:

8. pə'rej ‘cajá’
9. tʃew'tʃet ‘arraia’
10. ka,po're ‘jaó’
11. k<sup>b</sup>rã,tõm'wej ‘avô paterno ou materno’
12. hon,kɾə.te'tʃu ‘cacau’
13. k<sup>b</sup>rət ja.ra're ‘mariposa’

Por esses dados, pode-se classificar o Pykobjê, segundo Hayes (1995), como uma língua que apresenta pé métrico iâmbico moraico, contudo não é sensível ao peso silábico, já que grande parte dos dissílabos apresenta sílaba pesada à esquerda (VC, CVC ou CV:) e sílaba leve à direita, como se pode observar nos exemplos abaixo:

14. a?<sup>!</sup>prə ‘ pena da asa’
15. prəm'te ‘borrachudo’
16. tʃo:'re ‘raposa’

Esses casos serão analisados no capítulo 5, já que parecem tratar de palavras derivadas ou compostas em que o acento é lexical, ou seja, o radical à direita da nova palavra já porta o acento, independentemente de ser uma sílaba leve ou não.

Através da análise de trissílabos e polissílabos, pode-se concluir que o pé é construído da direita para a esquerda e, em alguns casos, é iterativo.

Há ainda casos particulares que não se ajustam ao padrão acentual e que deverão ser analisados em um estudo futuro sobre o padrão entonacional da frase, visto que tem se observado também nas pesquisas para este trabalho oscilações quanto ao acento da palavra no âmbito da frase.

## **2.5. Processos fonológicos**

Dos processos descritos no trabalho do mestrado, cinco não puderam ser compreendidos plenamente somente com uma análise fonológica. São eles:

- a) a alternância entre **h** e **tʃ**;
- b) processos de silabificação envolvendo pronomes pessoais;
- c) a mudança das formas verbais em breves e longas;
- d) o alongamento vocálico;
- e) o caso da sílaba VC.

Todos esses processos envolvem fronteiras morfológicas e processos flexionais e/ou derivacionais que são objetos do presente estudo. Em alguns casos, como o das formas verbais breves e longas, foi necessário, inclusive, partir para uma análise morfossintática. Os próximos capítulos, portanto, constarão dos estudos relacionados estritamente a este trabalho.

### 3. Um esboço da morfologia do Pykobjê

Um dos princípios básicos da morfologia é a decomposição da palavra. Tradicionalmente, a morfologia divide-se em: 1) derivacional – que produz novos itens lexicais e 2) flexional – que traz novas marcas gramaticais à palavra. Jensen (1990:6) ainda considera um terceiro aspecto: a composição. Esta também produz novos itens lexicais, só que a partir da combinação de dois ou mais radicais. Segundo o autor, o que diferencia flexão de derivação e composição é a relevância sintática. Enquanto as formas flexionais de uma palavra contêm propriedades relacionais ou de concordância, as formas derivadas ou compostas são palavras sintaticamente simples com suas propriedades semânticas relacionadas. Contudo, essa distinção não é muito clara, já que os processos gramaticais – como alternância de fonemas, afixação etc – podem envolver tanto a flexão quanto a derivação; além disso, as categorias gramaticais também podem apresentar diferenças nas línguas; para tanto, Anderson (1985:177) exemplifica com o diminutivo e o aumentativo que, em Fula, são flexionais, e no Alemão, são derivacionais. Bybee (1985:81) afirma que o critério mais objetivo para diferenciar flexão de derivação é o da *obrigatoriedade*, proposto por Greenberg (1954 *apud* Bybee 1985), segundo o qual uma categoria morfológica é flexional se obrigatoriamente ela acompanha o elemento radical quando ele ocorre em uma sentença finita. Para testar esse último critério, vejamos os exemplos do Pykobjê:

17. ej - te      kru: - jẽ      kor

1 ERG ‘porco’ ‘carne’      ‘comer’      ‘eu comi carne de porco’

18. wa ha      pr̩te - jẽ      ko

1 FUT ‘boi’ ‘carne’      ‘comer’      ‘eu vou comer carne de gado’

Segundo esse critério, por um lado, pode-se substituir *kru:jẽ* por *prətejẽ* em qualquer uma das sentenças sem prejuízo da estrutura sintática, o que definiria tais construções como *palavras derivadas* ou *compostas*; por outro lado, não se pode substituir **kor** por **ko** pois as formas verbais estão ligadas sintaticamente com outros constituintes da sentença, como, por exemplo, a posposição { te } que só ocorre em sentenças transitivas no tempo passado e a partícula { ha } que marca o tempo futuro, além das próprias marcas de pessoa, distintas em relação ao tempo passado ou não-passado, o que definiria tais formais verbais de *formas flexionais*.

Baseando-se nesse último critério, este estudo buscará tratar dos processos fonológicos que envolvem fronteiras de morfemas tanto em processos de flexão quanto de derivação em Pykobjê.

Quanto às classes de palavras envolvidas neste estudo, é importante ressaltar que se referem tanto às classes abertas quanto às classes fechadas, seguindo a divisão proposta por Schachter (1985):

- a) Classes abertas: nomes, verbos, adjetivos, advérbios – palavras que apresentam significado lexical;
- b) Classes fechadas: pronomes, posposições, partículas, classificadores – palavras que apresentam significado gramatical.

Para se distinguir essas classes no Pykobjê, farei um breve esboço acerca de suas principais características morfossintáticas e semânticas, tomando como exemplos de análise os trabalhos de Dourado (2001) sobre o Panará e de Ferreira (2003) sobre o Parkatejê.

### 3.1. Classes de palavras

#### I. Nomes

Do ponto de vista sintático, os nomes ocupam as posições estruturais de argumentos nucleares, ocorrendo como sujeito, objeto de verbos e objeto de posposições, como se vê nos exemplos abaixo:

19. **kujkwa** <sup>ŋ</sup>gōr

NPR 'dormir' 'Kujkwa está dormindo'

20. a: - te **kokuj** korən

2 ERG 'macaco' 'matar' 'você matou o macaco'

21. ki ha j - òtʃō - mə əm<sup>ŋ</sup>gō

3 FUT 1 'pai' DAT 'pagar' 'ele vai pagar meu pai'

Morfologicamente, os nomes podem receber os sufixos derivacionais {-re} e {-te}, que designam o diminutivo e o aumentativo, respectivamente. É interessante notar que muitos nomes já possuem esses sufixos incorporados, principalmente, o diminutivo no caso dos insetos, o que pode indicar que as noções de diminutivo e aumentativo possam ser termos de classe. A partícula { mē } indica plural, sendo, contudo, exclusiva para os nomes que possuam o traço semântico [+humano]. Quanto ao gênero, este é referido pela junção

dos nomes indicando ‘homem/masculino - **homre** - e ‘mulher/feminino’ - **kahēj**.

Exemplos:

22.	<b>rop</b> ‘onça’	<b>ropre</b> ‘gato’
23.	<b>rō:</b> ‘babaçu’	<b>rō:te</b> ‘coco da praia’
24.	<b>hōmre</b> ‘homem’	<b>mē hōmre</b> ‘muitos homens’
25.	<b>prəte</b> ‘gado’	<b>prətekahēj</b> ‘vaca’

Além dessas características morfológicas, os nomes em Pykobjê podem ser formados por composição a partir de seqüências de raízes simples ou de outras categorias do léxico como os termos de classe. Alguns desses processos de composição serão analisados no capítulo 5. Exemplos seguem abaixo:

26.	<b>ku + tək</b> ‘água’ ‘preto’	<b>kutək</b> ‘café’
27.	<b>ej + par<sup>7</sup> + k<sup>bə</sup></b> 1 ‘pé’ ‘invólucro’	<b>ejpark<sup>bə</sup></b> ‘meu sapato’
28.	<b>pō + tʃit</b> ‘campo’ ‘queimar’	<b>pō:tʃit</b> ‘queimada’

<sup>7</sup> Nome inalienável, ou seja, que nunca ocorre sem o pronome possessivo.

Do ponto de vista semântico, os nomes distinguem-se em duas classes: os alienavelmente possuíveis como objetos da cultura material, animais, plantas; e os inalienavelmente possuídos como partes do corpo ou conceitos intrínsecos ao ser (alma, sombra, e secreções como suor, pus, fezes etc), termos de parentesco e certos objetos da cultura material. Essas relações de posse também se distinguem morfossintaticamente como será visto na subseção 4.1.2.

## II. Verbos

Os verbos no Pykobjê ocupam o núcleo do predicado, dividindo-se em transitivos e intransitivos. Essa classificação é relevante para o sistema pronominal, como será visto na subseção 4.1.2. Os intransitivos ainda se subdividem em ativos e estativos. Os verbos ativos são aqueles cujo sujeito apresenta volição ou controle sobre a ação (exemplos 29 e 30 abaixo). Já com os estativos isso não ocorre e eles podem, inclusive, se confundir com a noção de adjetivos, possuindo uma carga predicativa (exemplo 31).

29. ko - te tun pro

3 ERG ‘tatu’ ‘pegar (vivo)’ ‘ele pegou um tatu (vivo)’

30. Ø tē

3 ‘vir’ ‘ele está vindo’

31. e? - ko

3 ‘estar molhado’ ‘ele está molhado’ (ele se molhou)

Do ponto de vista morfológico, grande parte dos verbos ativos, tanto transitivos quanto intransitivos, apresentam duas formas, uma longa e uma breve, que serão analisadas na seção 4.2. Exemplos:

32. ej - te      kopət    korən  
       1 ERG 'guariba' 'matar'                          'eu matei o guariba'

33. wa ha      kopət    kora  
       1 FUT 'guariba' 'matar'                          'eu vou matar o guariba'

A categoria de tempo é definida no Pykobjê a partir do passado; sua forma é a não-marcada; aparentemente, futuro e presente diferem entre si apenas quanto à presença de uma partícula indicadora de futuro, sendo denominados de tempos não-passado. Há, entretanto, um marcador de negação que rompe com essa unidade, como será visto na subseção 4.2.4.2. A distinção entre passado e não-passado também é feita pelo uso dos pronomes pessoais e pela presença da posposição { te } nas orações transitivas no tempo passado, como se observa nos exemplos 29 e 32.

As categorias de aspecto ocorrem no Pykobjê sob a forma de partículas; algumas delas serão vistas adiante.

O sistema de marcação pessoal nos verbos é designado pelos pronomes; há uma distinção entre os pronomes usados para o tempo passado e para os tempos não-passado, como será visto na subsecção 4.1.2.

### **III. Adjetivos**

Os adjetivos fazem parte de uma classe de palavras situada entre os nomes e os verbos; em Pykobjê, consideram-se alguns verbos intransitivos como tendo função predicativa o que, em línguas neo-latinas como o Português, costuma ser denominado de participípio. Contudo, há também adjetivos que funcionam como qualificativos, quantificadores ou modificadores dos nomes, como cores, noções de dimensão, etc. Esses, a exemplo dos nomes, podem portar os sufixos {-re} de diminutivo e {-te} de aumentativo, além de alguns termos de classe. Exemplos:

**34. hõmre pr̩ire**

‘homem’ ‘baixo’ ‘o homem é baixo’

**35. ka:pukre- t̩su t̩sen**

‘uti’ ‘fruto’ ‘doce’ ‘a fruta do uti é doce’

**36. k<sup>h</sup>r̩ere enkot**

‘periquito’ ‘verde’ ‘periquito verde’

### **IV. Advérbios**

Os advérbios abrangem uma classe de palavras ainda pouco estudada no Pykobjê; eles são aqui identificados como modificadores de categorias que não envolvam nomes, como, por exemplo, tempo, intensidade, modo etc. Exemplos:

37. awka?te wa ha tʃəre ampra:  
       ‘amanhã’ 1 FUT ‘tarde’ ‘acordar’           ‘amanhã eu vou acordar tarde’
38. wa a:pə kate  
       1 ‘comer’ ‘muito’                                   ‘eu estou comendo muito’
39. ne: j - õt pes no:re  
       NEG 1 ‘dormir’ ‘bem’ NEG                           ‘eu não dormi bem’

É interessante notar que o advérbio { pes } deriva um verbo intransitivo estativo – **empes** – ‘estar bem’, que pode tornar-se transitivo com a junção da partícula { to } e passar a significar ‘fazer bem feito’ ou ‘consertar’.

## V. Pronomes

O Pykobjê apresenta uma série de palavras pró-formas, ou seja, elementos que são usados para substituir sintagmas nominais, como os pronomes pessoais, e que podem também modificar o nome como os possessivos, demonstrativos – **enta** ‘este(a)’ – e indefinidos – **jom** ‘algum’. Neste estudo, a subseção 4.1. tratará especificamente dos pronomes pessoais e possessivos.

## VI. Posposições

As posposições são núcleos de sintagmas posposicionais, apresentando obrigatoriamente um objeto antecedido que pode ser um pronome ou um nome. Os tipos de posposições encontrados no *corpus* relacionam-se a categorias espaço-temporais, dativas, que expressam companhia e marcação de caso; a posposição { te} exemplifica esta última.

Vários estudos – Souza (1990) sobre o Krahô, Alves (2002b) sobre o Apâniekrá, Araújo (1989) e Ferreira (2003) sobre o Parkatejê, Reis Silva & Salanova (2000) sobre o Mẽbêngôkre – têm tratado essa posposição e seus correlatos em cada língua como uma marca de ergatividade cindida ocorrendo junto ao sujeito do verbo transitivo no tempo passado. Embora neste trabalho eu não tenha me aprofundado nas questões de marcação de caso sobre as quais poderei ter melhor compreensão em trabalhos futuros, no momento, considerarei a posposição { te } como marca de ergatividade cindida também no Pykobjê, apoiando-me nos estudos citados acima, principalmente no de Alves (2002b) sobre o Apâniekrá. Exemplos das outras categorias seguem abaixo:

40. enta - kəm wa ha tʃwa

‘este’ LOC 1 FUT ‘banhar’ ‘hoje eu vou banhar’

41. ka pji - kəm ⁹gōr

2 ‘chão’ LOC ‘dormir’ ‘você está dormindo no chão’

42. e?no?nə a: - te ej - to a: - jōt

‘ontem’ 2 ERG 1 COMP 2 ‘dormir’ ‘ontem você dormiu comigo’

43. ej -tōs - te ej - mə h - õk<sup>h</sup>retʃi jõ<sup>h</sup>rə  
 1 ‘irmã’ ERG 1 DAT 3 ‘colar’ ‘dar’ ‘minha irmã me deu seu colar’

## VII. Partículas

A classe das partículas em Pykobjê agrega um conjunto de palavras invariáveis que ocupam posições relativamente fixas nas sentenças e em alguns casos podem se ligar a algum nome ou pronome. Elas exercem diversas funções gramaticais como plural, negação, interrogação, aspecto, tempo, modo, direção, instrumento, mudança de valência verbal (de intransitivo para transitivo), topicalização etc. Alguns exemplos seguem abaixo:

44. wa ha mẽ tʃwa  
 1 FUT PL ‘banhar’ ‘nós vamos banhar’
45. ne: jom - te tʃun korən no:re  
 NEG ‘algum’ ERG ‘urubu’ ‘matar’ NEG ‘ninguém matou o urubu’
46. ki wir komtʃi: kwa  
 3 NEG/FUT ‘bacuri’ ‘pegar’ (coletar) ‘ele não vai pegar bacuri’
47. tem ka kormə tʃwa  
 INT 2 PR ‘banhar’ ‘você vai banhar agora?’
48. wa ri?mə j - artʃa  
 1 DUR 1 ‘correr’ ‘eu ainda estou correndo’

Algumas observações devem ser feitas quanto às partículas exemplificadas. As partículas de negação { **ne:** } e { **no:re** } e a partícula *portemanteau* { **wir** } serão objeto de análise da subseção 4.2.4. A partícula de topicalização { **mə** } é homônima à posposição que indica o dativo; ambas diferem, entretanto, não só quanto à função, como também quanto à posição que ocupam na frase: esta última é núcleo de um sintagma posposicional, estando sempre ligada ao objeto que a antecede, enquanto a primeira ocorre junto ao nome ou pronome tópico da frase, que pode, inclusive, ser o sujeito desta, como exemplificado em (49). As partículas indicadoras de direção, instrumento e mudança de valência são homônimas – { **to** }. Poder-se-ia imaginar tratar-se de uma única partícula com múltiplas funções, todavia, os exemplos abaixo corroboram a hipótese de serem realmente partículas diferentes:

Quanto ao causativo é interessante observar que ele também pode formar o modo imperativo, conforme se observa no exemplo 53. Sua posição costuma ser após o objeto, como se vê no exemplo abaixo, que é a resposta a uma pergunta do tipo '*você bebeu o quê?*':

56.      ej - te    ej - kom    ku    to  
           1 ERG    1    'beber'    'água' CAUS        'eu bebi água'

Contudo essa partícula também pode ocorrer precedendo o objeto com o uso de alguns verbos:

57. ej - te    to    ej - k<sup>h</sup>re    jahər  
       1 ERG CAUS 1 'casa' 'construir' (levantar)    'eu construí a minha casa'

58. ej - te    to    k<sup>h</sup>wirpes    kahun  
       1 ERG CAUS 'mandioca' 'cozinhar'    'eu cozinhei mandioca'

59. ej - te    to    ku    prōprōt  
       1 ERG CAUS 'água' 'fervor'    'eu fervei água'

60. ej - te to ku kakro  
1 ERG CAUS 'água' 'esquentar' 'eu esquentei água'

Embora a tradução para o Português pudesse induzir a transitividade intrínseca desses verbos, no Pykobjê a tradução melhor seria algo como '*eu fiz a água ficar quente*' ou '*eu fiz a mandioca ficar cozida*' etc. É interessante que essa partícula pode também envolver nomes, como é o caso de **k<sup>h</sup>re** '*casa, toca, buraco*' no exemplo abaixo:



A função dessa partícula voltará a ser estudada na subseção 4.1.2.

## VIII. Termos de classe

Os termos de classe em Pykobjê designam nomes genéricos semanticamente baseados em partes de plantas ou do corpo, ou ainda em formas geométricas, a exemplo do que ocorre em Panará (Dourado, 2001), em Apaniekrá (Alves, 2004) e em Parkatejê (Ferreira, 2003). Há também um nominalizador e um possível designativo de traço [+humano]. Esses termos estão restritos a certos campos lexicais e se apresentam como componentes derivacionais da língua. O mesmo pode-se aplicar aos termos que especificam tamanho como o diminutivo e o aumentativo, já vistos anteriormente. Alguns são historicamente derivados de nomes e se apresentam como formas independentes; outros,

contudo, são afixos e somente ocorrem ligados a nomes, pronomes ou verbos. Alguns exemplos seguem abaixo:

	<b>Termo de classe</b>	<b>Composto</b>	<b>Glossa</b>	<b>Tradução</b>
62.	k <sup>h</sup> ə	ej-to:-k <sup>h</sup> ə peĩ:-k <sup>h</sup> ə pren-k <sup>h</sup> ə	1-olho-invólucro árvore-invólucro pequi-invólucro	minha pálpebra casca da árvore casca do pequi
63.	hu	ej-to:-hu j-ar-hu pop-hu	1-olho-pêlo, folha 1-parte inferior do rosto-pêlo, folha banana-folha	meu cílio minha barba folha da bananeira
64.	krat	pẽ:-krat ej-par-krat ej-pa:-krat	árvore-ângulo reto 1-pé-ângulo reto 1-braço-ângulo reto	tronco meu calcanhar meu antebraço
65.	k <sup>h</sup> re	tun-k <sup>h</sup> re j-apak-k <sup>h</sup> re j-ara-k <sup>h</sup> re	tatu-concavidade 1-orelha-concavidade 1-braço-concavidade	toca do tatu meu ouvido minha axila
66.	tʃə	ej-tem-tʃə ej-krer-tʃə ej-tʃwir-tʃə	1-sair-nominalizador 1-cantar-nominalizador 1-banhar-nominalizador	minha saída minha cantoria meu banho
67.	re	kopri-re hõm-re jom-re	moça-humano masculino-humano algum-humano	moça homem alguém
68.	re	prom-re k <sup>h</sup> en-re tʃo:-re	tipo de inseto-diminutivo pedra-diminutivo cachorro-diminutivo	formiga miçanga raposa

69.	te	tʃo:-te əmtʃo-te pirhə-te	cachorro-aumentativo rato-aumentativo pimenta-aumentativo	lobo-guará ratazana pimentão
-----	----	---------------------------------	---	------------------------------------

O termo designativo de traço [+humano] é homônimo ao sufixo de diminutivo {-re}. Existem ainda outros termos de classe mais restritos a partes do corpo como **he** – **osso** – e **k<sup>h</sup>on** – ligamento – que formam novos compostos como, por exemplo:

- |                                  |                          |  |                 |
|----------------------------------|--------------------------|--|-----------------|
| 70. j-ar- <b>he</b>              | 'meu queixo'             | 73. ej-pa:- <b>k<sup>h</sup>õn</b>             | 'meu cotovelo'  |
| 71. ej-te?- <b>he</b>            | 'minha canela'           | 74. ej-par- <b>k<sup>h</sup>õn</b>             | 'meu tornozelo' |
| 72. ej- <b>k<sup>h</sup>õ-he</b> | 'minha coluna vertebral' | 75. ej- <b>k<sup>h</sup>õn-k<sup>h</sup>rə</b> | 'meu joelho'    |

Outros afixos serão tratados na seção 5.2. sobre a sílaba VC.

Enfim, essas são as classes de palavras que serão objeto de discussão deste trabalho, diretamente – como é o caso dos pronomes, nomes e verbos – ou indiretamente – como é o caso das demais. Outras classes de palavras são encontradas no Pykobjê como as conjunções e as interjeições, todavia, como este estudo não as envolve e nem tem a pretensão de ser um trabalho mais abrangente sobre a morfossintaxe da língua, elas não foram discutidas nesse breve esboço.

## **4. Aspectos da morfologia flexional do Pykobjê**

Este capítulo se subdivide em duas seções: a primeira discute o sistema pronominal do Pykobjê e os processos fonológicos que ocorrem na flexão de pessoa/posse diante de verbos intransitivos e nomes inalienáveis confrontando-os com propostas de estudos de outras línguas do tronco Macro-Jê sobre a existência de prefixos relacionais; a segunda seção analisa possíveis processos morfológicos que envolvem as formas longas e breves de uma classe de verbos quando conjugados em determinados tempos.

## **4.1. O sistema pronominal**

Em trabalho anterior (Sá, 1999), deparei com processos fonológicos que envolvem pronomes pessoais/possessivos. Propus, então, que os processos ocorrem no nível silábico, em uma tentativa de preservação da estrutura para impedir a realização de sílaba V na superfície, como será visto adiante. Contudo, trabalhos com outras línguas do tronco Macro-Jê sobre o sistema pronominal têm apontado para uma outra categoria grammatical envolvendo processos semelhantes aos que propus para o Pykobjê. Essa seção tratará, portanto, do confronto entre minha análise para o sistema pronominal do Pykobjê e a hipótese da existência dessa categoria grammatical – o “prefixo relacional”.

Os prefixos relacionais, segundo Rodrigues (1994), servem para marcar uma relação de contigüidade ou de não-contigüidade entre genitivo e nome, sujeito e verbo descritivo, objeto direto e verbo transitivo ou entre nome e posposição. É uma das características morfológicas mais arraigadas nas línguas do tronco Tupi, tendo sido observada nos estudos mais antigos a respeito dessas línguas e também em estudos recentes como o de Cabral (2000) sobre a família Tupi-Guarani e o de Gomes (2000) sobre o Munduruku. Já nas línguas do tronco Macro-Jê, Rodrigues (2000) afirma haver fenômenos análogos na família Jê (ramo setentrional), na Ofayé, na Karajá e na Maxacali; em outras, como a Kariri e a Bororo e os ramos central e meridional da Jê, há vestígios da existência de tal fenômeno no passado. Comumente os relacionais têm sido entendidos como alternâncias entre duas ou mais formas de um mesmo tema. Em alguns casos uma das formas alternantes é { Ø- }.

#### **4.1.1. Estudos com línguas Macro-Jê**

Em vários estudos sobre línguas do tronco Macro-Jê, pesquisadores têm buscado evidências da existência dos prefixos relacionais. A seguir, serão apresentados alguns desses estudos em Kayapó Mẽbengokrê, Panará, Apinajé, Krahô e Parkatejê.

##### **I. Kayapó Mẽbengokrê**

Borges (1996), em seu trabalho sobre as relações genitivas no Kayapó Mẽbengokrê, família Jê, aponta para a existência de duas classes de nomes que podem ser possuídos, os nomes independentes e os dependentes. Para cada classe de nomes, estabelece-se uma construção sintática diferente entre o núcleo possuidor e o objeto possuído. Os prefixos relacionais seriam os “*elementos ligadores entre os pronomes e os nomes dependentes*” (p. 79). A sua forma é condicionada pelo primeiro segmento do nome dependente:

consoante	vogal nasal	vogal oral	vocal alta anterior	vocal alta posterior
Ø	n-	y-	n-	j-

76. i Ø - pa  
1s REL - ‘braço’ ‘meu braço’

Já a construção sintática entre o núcleo possuidor e o nome independente é marcada somente pelo prefixo relacional {y-} e um morfema genérico de posse {õ}.

77. i y<sup>8</sup>- õ kikre  
1s REL - POSS 'casa' 'minha casa'  
78. memi y - õ kikre  
'homem' REL - POSS 'casa' 'casa do homem'

Em Kayapó, a terceira pessoa pronominal realiza-se como zero, ocorrendo, nesse caso, apenas o nome genérico de posse. Em vista disso, Borges (1996:80) afirma estar comprovado “*o caráter de prefixo relacional do {y-}*”.

79. õ - kikre  
POSS 'casa' 'casa dele'

Como pode se observar em seu estudo, Borges (1996) não aponta nenhum prefixo relacional que expresse não-contigüidade no Kayapó.

Em outro estudo também sobre o Mẽbengokrê, conduzido por Reis Silva & Salanova (2000), os autores discordam da existência dos prefixos relacionais, argumentando que, na realidade, não há condicionamento fonético para postular qual consoante se aplicaria diante de cada palavra como prefixo relacional, o que sugeriria que este deveria estar determinado para cada item do léxico, como demonstram os exemplos abaixo:

---

<sup>8</sup> Os destaque são nossos.

80. amꝝ / amꝝ ‘abraçar’

81. jakꝝ / aka ‘branco’

82. nirej / irej ‘dividir’

83. ji / i ‘osso’

Em contrapartida, os autores propõem que as consoantes que seriam supostamente os prefixos relacionais (e que são em maior número do que as apontadas por Borges, 1996) – j, dꝝ, n, w, p – fazem parte da raiz da palavra e sofrem aférese quando flexionadas na 3<sup>a</sup> pessoa, que é também a forma de citação, como se pode ver nos exemplos com o verbo ‘sentar’:

84. pwka be i - nūrū<sup>9</sup> ket  
terra em 1 - sentar NEG<sup>10</sup> ‘eu não sento na terra’

85. ūrū wā nē i - kanikwꝝj  
sentar essa NÃO-FUT 1 - ‘irmã’ ‘essa que está sentada ali é minha irmã’

Em temas iniciados por outros segmentos, a flexão de 3<sup>a</sup> pessoa é { Ø } já que não apresentam nenhuma variação.

Além disso, entre as palavras flexionáveis, não existem palavras iniciadas com as consoantes acima apontadas nas quais elas sejam estáveis, isto é, não existem paradigmas com todas as pessoas flexionadas em que tais consoantes se mantenham. E isso, como afirmam os autores, “*no es consecuencia de una restricción fonotáctica, ya que estas*

---

<sup>9</sup> Os destaque são nossos.

<sup>10</sup> A tradução do original em espanhol é de minha responsabilidade.

*consonantes ocurren con frecuencia en inicio de sílaba en posición medial, y en inicio de palabra en varias palabras no flexionables*<sup>11</sup> (p. 8)

Contudo, como os próprios pesquisadores afirmam, é necessário determinar por que exatamente essas consoantes são afetadas pelo processo de aférese e tal não ocorre com outros segmentos.

## II. Panará

Dourado (1993), em seu estudo sobre fenômenos morfofonêmicos do Panará, e em sua tese sobre essa língua da família Jê (2001), aponta para a existência de três construções sintáticas diferentes nas quais aparecem as relações de contigüidade ou não-contigüidade entre os elementos – nome imediatamente precedido de genitivo; adjetivo imediatamente precedido de nome; verbo transitivo imediatamente precedido de objeto. A forma do prefixo que marca essas relações é condicionada, como afirma Borges (1996) em seu estudo sobre o Kayapó, pelo primeiro segmento do determinante. Dourado (1993) ordena esses nomes em três classes de temas, de acordo com o primeiro segmento. A seguir uma tabela com as formas do prefixo relacional conforme a classe de temas a qual ele está ligado:

	Classe A	Classe B	Classe C
	Consoante obstruinte	Vogal	/i/
contigüidade	Ø	y-	assimilação
não-contigüidade	i-	s-	Ø

<sup>11</sup> Tradução: “não é consequência de uma restrição fonotática, já que estas consoantes ocorrem com freqüência em inicio de sílaba, em posição medial, e em inicio de palavra, em várias palavras não-flexionáveis”.

	contig (RC)	não-contig (RNC)
86. Classe A	ka $\emptyset^{12}$ -te você RC-perna 'tua perna'	nãkã    i-te    rõ cobra RNC-perna NEG 'cobra não tem perna'
87. Classe B	i?kow y-aanpi macaco RC-rabo 'o rabo do macaco'	i?kow s-aanpi macaco RNC-rabo 'o macaco tem rabo'
88. Classe C	nãkã ãtõ cobra RC-olho 'o olho da cobra'	nãkã $\emptyset$ -ítõ cobra RNC-olho 'cobra tem olho'

### III. Apinajé

Oliveira (2003), em seu estudo a respeito de categorias lexicais e descriptivos em Apinajé, língua do complexo Timbira, afirma que “*an important morphological characteristic of Apinajé is a series of prefixes that indicate whether a dependent element occurs immediately adjacent to its head*”<sup>13</sup> (p.251). Esses prefixos são observados entre nomes, verbos e descriptivos. Um dado interessante também é a constatação de que tais prefixos (PR) só ocorrem diante de radicais que tenham por segmento inicial uma vogal. A escolha da consoante parece ser pré-especificada lexicalmente, já que não é determinada pela vogal que a segue.

---

<sup>12</sup> Os destaques são nossos.

<sup>13</sup>No original: “*uma característica importante do Apinajé é uma série de prefixos que indicam se um elemento dependente ocorre imediatamente após seu elemento-chave*”.

Verbos	Nomes	Descritivos
89. i - č <sup>14</sup> - i 1 PR ‘posicionar’ ‘X posiciona-me’	94. it - č - uči 1 PR ‘fala’ ‘minha fala’	97. i - č - opre 1 PR ‘hostil’ ‘eu sou hostil’
90. i - j - ačy 1 PR ‘atrair’ ‘X atrai-me’	95. it - j - ae 1 PR ‘ninho’ ‘meu ninho’	98. i - j - akri 1 PR ‘frio’ ‘eu estou com frio’
91. i - jn - ipeč 1 PR ‘fazer’ ‘X faz-me’	96. i(jn) - jn - ipeč 1 PR ‘joelho’ ‘meu joelho’	99. it - p - uduju 1 PR ‘mau’ ‘eu sou mau’
92. it - p - ide 1 PR ‘pegar’ ‘X pega-me’		
93. it - t - o 1 PR CAUS ‘X faz eu...’		

Dos exemplos acima, pode-se extrair os seguintes prefixos relacionais para o Apinajé: č<sup>15</sup>, j, jn, p, t. É interessante notar que tal série assemelha-se muito ao grupo de consoantes apontados por Reis e Silva & Salanova (2000) que sofrem aférese em nomes flexionados na 3<sup>a</sup> pessoa, em seu trabalho sobre o Mẽbengokrê.

A autora ainda aventa a possibilidade dessas formas serem resquícios de morfemas de 3<sup>a</sup> pessoa.

---

<sup>14</sup> Os destaque são nossos.

<sup>15</sup> Supõe-se que a autora esteja se referindo à africada tʃ.

#### IV. Krahô

Souza (1990), em sua dissertação de mestrado sobre o sistema de referência pessoal do Krahô, língua do complexo Timbira, chama os prefixos relacionais de Rodrigues (1994) de *referenciais* dizendo que eles “*estabelecem uma ligação entre a pessoa pronominal dependente, ou nomes, com outros nomes e verbos (...) essa ligação referencial pode ser contígua ou não contígua*” (p. 45) A pessoa pronominal dependente é também expressa em relações genitivas. O quadro de prefixos referenciais é o seguinte:

	Classe A	Classe B	
		I	II
+ contigüidade	y-	Ø	Ø
- contigüidade	h-	i?-	in-

A classe A representa nomes ou verbos iniciando-se por vogal e a classe B nomes ou verbos iniciando-se por consoante. Há uma subdivisão na classe B ocasionada pela alternância do segundo segmento do referencial em não-contigüidade não comentada pela autora. O referencial de contigüidade só ocorre quando a pessoa pronominal ou um nome “*antecedem direta e explicitamente o elemento de ligação*”. Como pessoa pronominal deve-se entender somente a primeira e a segunda pessoa, já que Souza (1990) afirma que a terceira pessoa é marcada diretamente pelos prefixos referenciais de não-contigüidade.

100. i y<sup>16</sup> - õt  
1 ref dormir-pass 'eu dormi'

101. i tε a y - akεp  
1 erg 2 ref cortar-pass 'eu cortei você'

102. rop y - apír  
cachorro ref rabo 'o rabo do cachorro'

Em relação à referência não-contígua, Souza (1990:47) afirma que ela ocorre quando “*a pessoa pronominal não aparece expressa e sua referência é obtida através de um antecedente lingüístico ou a partir do contexto*”. Em seu texto, não fica explícito se a pessoa pronominal a que ela se refere é somente a terceira pessoa; entretanto, os exemplos que apresenta indicam todos a terceira pessoa:

103. wayí pa tε h - akεp  
       ‘carne’ 1e2 erg ref ‘cortar’                     ‘nós cortamos carne’

104. h - arkwa  
       ref ‘boca’   ‘boca dele’

105. a tε i? - kuran  
       2 erg ref ‘matar’                                     ‘você matou ela’

106. in - krεr  
       ref ‘cantar-pass’                                     ‘ele cantou’

<sup>16</sup> Os destaques são nossos.

Assim como no Kayapó, nas relações genitivas, há duas classes de nomes: os dependentes, que Souza (1990) chama de *inalienáveis*, e os independentes, chamados de *alienáveis*. No exemplo acima, ‘boca’ é um nome inalienável, sendo, portanto, antecedido sempre do referencial. Já com nomes alienáveis, ocorre o que Souza (1990:44) denomina como “*morfema indicador de propriedade (alienável)*” – { õ } antecedido pelo referencial:

107. i y - õ kři

1 REF ALIEN ‘aldeia’ ‘minha aldeia’

Ainda com relação à segunda pessoa pronominal, Souza (1990) aponta uma variante que substitui tanto o pronome { a } quanto o referencial { y- } nas relações de contigüidade, a que ela chama de morfema *portemanteau* { ȷ- }.

108. i tε ȷ- akεp

1 ERG 2 ‘cortar-pass’ ‘eu cortei você’

109. ȷ- arko

2 ‘saliva’ ‘tua saliva’

A autora não explicita mais nada sobre o contexto em que ocorre essa substituição, levando a crer que deva ser um caso de variação livre.

## V. Parkatejê

Em sua tese de doutorado sobre o Parkatejê, língua do complexo Timbira, Ferreira (2003:39) propõe a existência dos prefixos relacionais como “*um sistema bem*

desenvolvido na língua, que marca obrigatoriamente a relação entre o possuidor e o nome possuído, no caso dos nomes inalienáveis, da mesma forma que marca a relação entre os argumentos e os verbos intransitivos estativos e os verbos transitivos". A autora os divide em duas classes, propondo o seguinte quadro<sup>17</sup>:

Classe A		Classe B
Possuidor especificado / S <sub>o</sub> , S <sub>io</sub> e O <sup>18</sup> especificados		Possuidor indefinido / S <sub>o</sub> , S <sub>io</sub> e O indefinidos
Possuidor expresso na locução/ S <sub>o</sub> , S <sub>io</sub> e O expressos na locução verbal	Possuidor ≠ Sujeito ou deslocado de sua posição original / S <sub>o</sub> , S <sub>io</sub> e O deslocados de sua posição original	
3- y- tʃ- Ø-	h- Ø-	h- Ø-

Em contrapartida à análise de Rodrigues (1994) sobre as noções de contigüidade e não-contigüidade, Ferreira propõe que se leve em conta a função anafórica desses elementos. Assim, os prefixos relacionais da classe A subdividem-se em:

- (1) aqueles que fazem referência a um possuidor expresso dentro da locução genitiva em relação sintagmática com o núcleo ou ao S<sub>o</sub>, S<sub>io</sub> e O expressos na locução verbal, como nos exemplos:

110. i- 3<sup>19</sup>- īn

1 Rel- fezes

'minhas fezes'

<sup>17</sup> Este quadro resume, na realidade, dois quadros diferentes propostos na tese, um para nomes (p.39 ) e outro para verbos (p. 88)

<sup>18</sup> S<sub>o</sub> – verbos intransitivo descritivos; S<sub>io</sub> – verbo intransitivo do tipo 'gostar', 'ter sede'; O – objeto

<sup>19</sup> Os destaques são nossos.

111. kra y- ahi  
paca Rel- cara 'cara da pacá'
112. mpo tʃ- ur  
Ind Rel- pus 'pus da ferida'
113. yatʃu Ø- krə  
veado Rel- cabeça 'cabeça do veado'
114. mĩ, piare.ka ka tɔ pərʃo ʒ- itep nə pən i- mə hõ  
pega Piare 2 Fut castanha Rel-cortar SS carregar 1-Dat dar '...pega, Piare. Tu vais cortar castanha e carregar para me dar (pagar)...'

(2) aqueles que fazem referência a um possuidor conhecido pelo contexto ou expresso fora da locução genitiva, indicam se o possuidor é diferente do sujeito ou ainda se S<sub>o</sub>, S<sub>io</sub> e O estão deslocados de sua posição original, como nos exemplos:

115. wa mū h- õ rōkre wír mõ  
Eu Rel- Pos casa Dir ir 'eu vou para a casa dele'
116. ʃintʃum te h- itep  
pai de Ego Erg Rel-cortar 'meu pai cortou (a/as)'

Os prefixos da classe B são formalmente idênticos a estes últimos, sendo distinguidos apenas pelo contexto, podendo assumir um significado citacional, como nos exemplos:

117. **h-** īn ‘fezes’ ou ‘fezes dele’  
 118. **Ø-** kr̩it ‘nariz’ ou ‘nariz dele’

Apesar da análise detalhada quanto às funções sintáticas dos prefixos relacionais, Ferreira não especifica o condicionamento fonético para a ocorrência de seus diferentes alomorfes. A autora ainda afirma que Araújo em uma análise e descrição anterior sobre o Parkatejê (1977 *apud* Ferreira, 2003:39) trata a possível existência dos prefixos relacionais como “*uma questão fonético-fonológica, um caso de variação condicionada de certos fonemas ao seu ambiente de ocorrência*”.

Todos os estudos apresentados acima foram realizados com línguas da família Jê. Entretanto, há mais dois estudos sobre os mesmos prefixos relacionais com línguas de outras famílias, integrantes também do tronco Macro-Jê, que são interessantes de se analisar, principalmente porque ambos tentam fazer uma comparação com outras línguas do mesmo tronco.

## **VI. Prefixos relacionais na família Jê e na família Karajá**

Baseando seu estudo no texto de Davis (1966) sobre a reconstrução dos fonemas do Proto-Jê (com dados de duas línguas do complexo Timbira – Apinajé e Canela – além do Suyá, Xavante e Kaingang), Ribeiro (2002a) traça um paralelo com o Panará (dados de Dourado, 1990, e Rodrigues, 1994), o Parkatejê, complexo Timbira (dados de Ferreira, em comunicação pessoal), o Xokleng (dados de Henry, 1935, 1948, *apud* Ribeiro, 2002a), o (pré-)Kaingang (Davis, 1966, Cavalcante, 1987, Wiesemann, 1978 *apud* Ribeiro, 2002a) e o Karajá (Ribeiro, 1996). Também utiliza dados do Timbira sem, entretanto, mencionar a qual

das línguas do grupo ele se refere. Esses dados são extraídos do texto de Rodrigues (1994) que, por sua vez, coletou-os do texto de Popjes & Popjes (1986) sobre as línguas Canela-Krahô.

Em seu estudo, Ribeiro (2002a) reinterpreta casos que Davis (1966) trata como variações fonológicas da raiz de certos vocábulos como sendo, na realidade, prefixos relacionais. O autor também assume que o marcador de não-contigüidade de Rodrigues (1994) é o prefixo de 3<sup>a</sup> pessoa, e que o único prefixo relacional é o marcador de contigüidade. Baseando-se nesses dados e nos das outras línguas citadas, o autor estabelece um quadro de prefixos relacionais nas línguas Jê:

	3 <sup>a</sup> pessoa (ou marcador de não-contigüidade)	Prefixo relacional (ou marcador de contigüidade)	Prefixo relacional (antes de /u/)
Proto-Jê	*z-	*j-, *ɲ-	*c-
Panará	s-	j-	
Parkatejê	h-	j-, dʒ-	tʃ-
Timbira	h-	ts-, j-	
Apinajé	?-, ø-	j-, ɲ-	tʃ-
Xavante	ts-	dz-, ɲ-	
Pré-Kaingang	ɸ-	j-	
Xokleng	ð-	j-	

O Karajá, analogamente ao quadro, apresenta como prefixo relacional (marcador de contigüidade) { d-} e como marcador de terceira pessoa {d̪-}.

119. habu d<sup>20</sup> - εra

homem REL antebraço ‘o antebraço do homem’

120. d- εra

3/REL antebraço ‘seu antebraço’

Vale ressaltar que, em outro estudo sobre o marcador de posse inalienável em Kariri, Ribeiro (2002b), em nota de rodapé, afirma que a análise que segue sobre os prefixos relacionais é a de Rodrigues (1953) que assinala apenas como prefixo relacional o marcador de contigüidade, assumindo como forma de 3<sup>a</sup> pessoa o marcador de não-contigüidade da análise de Rodrigues (1994). Também assume a divisão em classes de temas proposta por Rodrigues (1953) para o Tupinambá: à classe I, cujos temas não recebem prefixo de relação, pertencem todos os temas começados por consoante ou semivogal e parte dos temas começados por vogal; à classe II, cujos temas recebem prefixos de relação, pertencem só temas começados por vogal.

Apesar da análise de Ribeiro (2002a) ser louvável quanto à revisão do trabalho de Davis (1966), alguns comentários devem ser feitos quanto a certas fontes utilizadas. Seguindo o critério que ele estabelece no trabalho sobre o Kariri (2002b), os prefixos citados como sendo os do Panará são apenas os que Dourado (1993) classifica como pertencentes à classe B que antecedem temas iniciados com vogal. Os dados do Apinajé também não contemplam o estudo de Oliveira (2003), mais recente que o de Ribeiro (2002a), o que deixa o quadro incompleto (não constam os relacionais p- e t-) e desdiz a análise da autora quanto ao não condicionamento da qualidade da vogal para a escolha da consoante (no caso da

---

<sup>20</sup> Os destaque são nossos.

africada *tʃ*- que Oliveira simboliza por č-, (exemplos 89, 94 e 97). Além disso, como já comentado acima, os dados do Timbira não se referem a todas as línguas do complexo, inclusive por aparecer no mesmo quadro mais duas línguas do mesmo grupo – Parkatejê e Apinajé – que apresentam prefixos diferentes, ainda que possa se considerar o Apinajé uma língua não-Timbira. Diante desse fato, pode-se considerar relevante a contribuição do estudo de Ribeiro quanto aos dados do Karajá, contudo, seu quadro histórico-comparativo, que mistura dados de línguas filiadas ao mesmo grupo sem denominá-las seguindo a classificação corrente (Rodrigues, 1986), corroboradas por afirmações como “*sincronicamente, línguas de todos os ramos da família Jê apresentam prefixos relacionais. Este mecanismo é bastante produtivo em línguas do ramo Jê Setentrional, tais como Timbira e Parakatejê*” (p. 3), deve ser considerado com reservas.

## VII. Prefixos relacionais no tronco Macro-Jê

O segundo estudo comparativo sobre os relacionais no tronco Macro-Jê é o de Rodrigues (2000). Seu trabalho busca evidências da flexão relacional em várias famílias do tronco: Ofayé, Karajá, Maxakali, Jê, Kariri e Bororo. Assim como no trabalho de Ribeiro, ao tratar do ramo setentrional da família Jê, Rodrigues (2000) utiliza-se de dados das línguas Canela-Krahô (Popjes & Popjes, 1986) tratando-os como língua Timbira, comparando-os com dados do Panará (Dourado, comunicação pessoal). O quadro abaixo de prefixos relacionais foi estabelecido pelo autor:

	Panará		Timbira	
	Classe I	Classe II	Classe I	Classe II
	Temas em C	Temas em V	Temas em C	Temas em V
Contigüidade	ø-	j-	ø-	j- ~ ts-
Não-contigüidade	i- ~ ø-	s-	ø-	h-

Novamente ocorre a generalização de dados de duas línguas para todo um grupo de oito línguas. Além disso, os próprios dados de Popjes & Popjes (1986) devem ser discutidos com maior rigor. Embora denominem seu trabalho como sendo um estudo sobre o Canela-Krahô, todos os seus dados foram coletados junto aos Canela Ramkokamekra. Estudos recentes com as demais línguas do grupo Timbira, como o de Souza (1990) sobre o Krahô e o de Alves (1999) sobre o Canela Apâniekrá, têm realmente apontado semelhanças que justificam a classificação dessas línguas em um mesmo subgrupo, mas também diferenças, sobretudo fonológicas, que impedem a generalização de dados. Dessa forma, é possível contestar o quadro estabelecido por Rodrigues (2000) para os prefixos relacionais do Timbira baseando-se nos próprios dados em que o autor se apóia. Comparando este quadro com o de referenciais estabelecido por Souza (1990) para o Krahô, nota-se a diferença dos relacionais apontados por Rodrigues para o Timbira, baseando-se nos dados de Popjes & Popjes (1986) para o Canela-Krahô. Para os temas iniciados por vogal, Souza (1990) classifica como relacional de contigüidade o prefixo { y- }<sup>21</sup> e como não-contigüidade { h- }. Rodrigues (2000) aponta os mesmos relacionais, mas acrescenta o { ts- } também para expressar contigüidade. A diferença maior entre os dois autores está, no

---

<sup>21</sup> Note-se que a autora utiliza, em seu trabalho de 1990, o y no lugar do glide coronal j comumente adotada pelo IPA 93

entanto, nos prefixos estabelecidos para temas iniciados por consoante. Enquanto no quadro de Rodrigues (2000) não há nenhum prefixo, tanto para contigüidade como para não-contigüidade, Souza (1990) aponta para expressar não-contigüidade dois prefixos para duas classes de palavras { i?- } e { in- } e nenhum para expressar contigüidade. Este fato ajuda a comprovar que não se pode relacionar o Krahô aos dados do trabalho de Popjes & Popjes (1986) e, muito menos, atribuir um único quadro de prefixos relacionais a todas as línguas do grupo Timbira.

Enfim, a análise dos estudos acima tem o intuito de gerar uma discussão acerca da existência dos prefixos relacionais nas línguas Jê. Como os trabalhos sobre esta categoria gramatical possuem caráter essencialmente morfossintático (exceto o estudo de Reis e Silva & Salanova, 2000), propõe-se, com este estudo sobre o Pykobjê, uma outra análise sob um enfoque morfonológico em questões que envolvem a preservação da estrutura silábica dessa língua do complexo Timbira e a comparação desta análise com a hipótese da existência de prefixos relacionais nesta língua.

#### **4.1.2. Os pronomes pessoais do Pykobjê e os prefixos relacionais**

O Pykobjê possui um quadro de pronomes pessoais dividido em três grupos: os pronomes enfáticos, os pronomes com forma livre (independentes) e os pronomes com forma presa (dependentes).

	Enfáticos	Independentes	Dependentes
1 <sup>a</sup> sg	pa	wa	ej-
2 <sup>a</sup> sg	ka	ka	a-
3 <sup>a</sup> sg	ta	ki / Ø	eh- / Ø / ko-
1 <sup>a</sup> pl incl	mẽ pa	wa mẽ	mẽ ej
1 <sup>a</sup> pl excl	mẽ pa	ko mẽ	mẽ ej
2 <sup>a</sup> pl	mẽ ka	ka mẽ	mẽ a-
3 <sup>a</sup> pl	mẽ ta	ki mẽ / mẽ Ø	mẽ eh- / mẽ Ø / mẽ ko-

Os enfáticos são utilizados como forma de citação, como resposta simples a uma pergunta e também em situação de foco, como nos exemplos abaixo:

121. pa ej - te      ku      jakjin  
       1    1 ERG    'água'    'buscar'                          'eu é que busquei água'

122. tem jõm - te      prutte      kin ? ta  
       INT 'algum' ERG 'jenipapo' 'ralar'    3                  'quem ralou jenipapo? ele'

Como visto na seção 3.1, a partícula { mē } marca o plural tanto de nomes quanto de pronomes. Exemplos:

123. **ko mē krē**

1 excl PL ‘sentar’ ‘nós estamos sentados’

124. **wa mē to jət kato**

1 incl PL CAUS ‘batata’ ‘cozinhar’ ‘nós estamos cozinhando batata’

125. **ka mē tʃwa**

2 PL ‘banhar’ ‘vocês estão banhando’

126. **mē a: - pempra:**

PL 2 ‘acordar’ ‘vocês acordaram’

127. **ki ha mē rop korən**

3 FUT PL ‘onça’ ‘matar’ ‘eles vão matar onça’

A forma dependente de 2<sup>a</sup> pessoa será sempre realizada como vogal alongada [ a:i- ] (cf. exemplo 126) e a glotal fricativa da forma da 3<sup>a</sup> pessoa é realizada como glotal oclusiva [ e?/- ], pois em coda os segmentos com traço [ - soante ] obrigatoriamente devem ter traço [ - contínuo ] (Sá, 1999).

Quanto à sua função, os pronomes independentes são usados como sujeitos dos verbos ativos (ou de ação), tanto transitivos quanto intransitivos, quando expressos nos tempos não-passado (presente ou futuro). A marca de 3<sup>a</sup> pessoa, contudo, apresenta duas formas: { ki } para verbos no tempo futuro e { Ø } para verbos no tempo presente.

Exemplos:

128. **ki** ha k<sup>h</sup>wir ki  
3 FUT ‘mandioca’ ‘ralar’ ‘ele ralará mandioca’
129. **Ø** ri?mə k<sup>h</sup>wir ki  
3 DUR ‘mandioca’ ‘ralar’ ‘ele ainda está ralando mandioca’
130. wɪr ki tẽ  
NEG/FUT 3 ‘ir’ ‘ele não irá’
131. **Ø** kormə tẽ  
3 PRES ‘ir’ ‘ele está indo agora’

Em algumas ocasiões são também usados em conjunto com os pronomes dependentes, realçando o sujeito da ação, a exemplo dos pronomes enfáticos, como se vê no exemplo abaixo:

132. **wa** ej - te to kreru: kakro  
1 1 ERG CAUS ‘inhame’ ‘quente’ ‘eu esquentei inhame’ (e não outra pessoa)

Como sujeitos de verbos ativos no tempo passado, são usados os pronomes dependentes.

Com verbos transitivos, os pronomes obrigatoriamente ligam-se à posposição {te} que marca o caso ergativo<sup>22</sup>, como se vê nos exemplos abaixo:

133. ej - te rop popo  
1 ERG ‘onça’ ‘ver’ ‘eu vi uma onça’

---

<sup>22</sup> Para aprofundamento na questão da ergatividade cindida, recomendo a leitura de Alves (2002b) sobre o Apāniekrá.

Já como sujeitos de verbos intransitivos, os pronomes ligam-se diretamente aos verbos:

136. **ej** - pemter  
1 ‘sonhar’ ‘eu sonhei’

137. **a:** - pemter  
2 ‘sonhar’ ‘você sonhou’

138. **e?** - pemter  
3 ‘sonhar’ ‘ele sonhou’

139. **Ø** mõr  
3 ‘andar’ ‘ele andou’

Observa-se nesses exemplos uma mudança quanto à forma da 3<sup>a</sup> pessoa: {ko-} para verbos transitivos e {e?} para verbos intransitivos. Dentre esses últimos há alguns que prescindem do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa, sendo este, portanto, {Ø}. Esses verbos serão vistos adiante.

Esses mesmos pronomes são usados como sujeitos de verbos estativos intransitivos, no tempo não-passado. Exemplos:

140. **ej - kro**

1 'cheirar mal' 'eu estou cheirando mal'

141. **a: - kro**

2 'cheirar mal' 'você está cheirando mal'

142. **e? - kro**

3 'cheirar mal' 'ele está cheirando mal'

Esse pronome também aparece redundante com alguns verbos ativos nos tempos não-passado junto com os pronomes independentes, como se vê no exemplo abaixo:

143. **ka ha a: - kato**

2 FUT 2 'sair' 'você vai sair'

Eles também são usados para expressar o objeto direto, ligando-se diretamente aos verbos transitivos ou como objeto indireto, ligando-se a uma posposição. A 3<sup>a</sup> pessoa, nesse caso, é marcada por três formas diferentes: {e?-} ou {Ø} para objetos diretos e {ko-} para objetos indiretos. Seguem exemplos abaixo:

144. **kahẽj - te e? - huk**

'mulher' ERG 3 'pintar' 'a mulher pintou ele (o corpo dele)'

145. **ej - te ko - mə komtsj: kwir**

1 ERG 3 DAT 'bacuri' 'pegar' 'eu peguei bacuri para ele'

Estas formas dependentes também são utilizadas em relações genitivas, como possessivos, ligando-se ao núcleo possuído, se este for um nome inalienável, como partes do corpo, relações de parentesco etc. A exemplo dos verbos ativos intransitivos, alguns nomes também não aceitam a forma de 3<sup>a</sup> pessoa, sendo esta, portanto, {Ø}.

146. **ej - k<sup>b</sup>rẽ**

1 ‘cabeça’ ‘minha cabeça’

147. **a: - pot**

2 ‘pescoço’ ‘teu pescoço’

148. **e? - pejõe**

3 ‘genro’ ‘genro dele’

149. **Ø kapru:**

3 ‘sangue’ ‘sangue dele’

Se o núcleo possuído for um nome alienável, entre o pronome e o núcleo possuído, ocorrerá um afixo indicativo de posse { -õ- }; o pronome, contudo, sofrerá um processo fonológico que ocorre diante de palavras iniciando-se com vogais, como será visto adiante. Exemplo:

150. **j - õ - tʃi**

1 POS ‘cinto’ ‘meu cinto’

Resumindo, pode-se formular o seguinte quadro quanto à função dos pronomes independentes e dependentes:

	Sujeito de Verbos Ativos com Tempos não-passado		Sujeito de Verbos Ativos com Tempo passado		Sujeito de Verbos Estatutivos	Objeto Direto	Objeto Indireto	Expressão de posse
	Futuro	Presente	Trans.	Intrans.		ej -	ej -	ej -
1s	wa	wa	ej -	ej -				
2s	ka	ka	a: -	a: -	a: -	a: -	a: -	a: -
3s	ki	Ø	ko -	e? - / Ø	e? -	e? -	ko -	e? - / Ø
1 incl	wa mē	wa mē	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-
1 excl	ko mē	ko mē	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-	mē ej-
2 pl	ka mē	ka mē	mē a:-	mē a:-	mē a:-	mē a:-	mē a:-	mē a:-
3 pl	ki mē	mē	mē ko-	mē e?- / mē Ø	mē e?-	mē e?- / mē Ø	mē ko-	mē e?- / mē Ø

Neste estudo, são analisados os pronomes dependentes e os processos fonológicos decorrentes de sua junção com nomes inalienáveis na expressão de posse ou como sujeitos de verbos intransitivos ativos no tempo passado ou estatutivos nos tempos não-passado ou como objetos diretos; assim sendo, são analisados todos os pronomes dependentes, com exceção da forma de 3ª pessoa que somente se liga a posposições - {ko-}.

Como as formas de plural para esses pronomes se realizam apenas com a anteposição da partícula de plural {mē}, serão analisadas somente as formas do singular. Essa análise morfofonológica será confrontada com a hipótese da existência de prefixos relacionais no Pykobjê, baseando-se nos estudos vistos sobre essa categoria em línguas do tronco Macro-Jê.

Os processos fonológicos que serão analisados a seguir estão relacionados com a preservação da estrutura silábica do Pykobjê que não prevê sílaba V na superfície, apenas VC ou V: e estas duas últimas somente em início de palavra (*edge effect*, segundo Blevins, 1995). Nas próximas subseções, serão descritas e analisadas a junção dos pronomes dependentes com temas (de verbos e de nomes) iniciando-se com consoante, com temas iniciando-se com vogal e a ausência do pronome de 3ª pessoa diante de alguns temas.

#### **4.1.2.1. Os pronomes dependentes e os temas iniciados por consoante**

Diante de verbos ou nomes iniciando-se com consoante, os pronomes, com exceção do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa ligando-se a alguns nomes que serão vistos a seguir, não sofrem nenhuma alteração. Exemplos:

151.	<b>ej</b> - pa		154.	<b>ej</b> - hər	
1	'braço'	'meu braço'	1	'dançar'	'eu dancei'
152.	<b>a:</b> - pa		155.	<b>a:</b> - hər	
2	'braço'	'teu braço'	2	'dançar'	'você dançou'
153.	<b>e?</b> - pa		156.	<b>e?</b> - hər	
3	'braço'	'braço dele'	3	'dançar'	'ele dançou'

O pronome de 3<sup>a</sup> pessoa, diante de alguns nomes e verbos, sofre uma alteração quanto ao segundo segmento:

157.	<b>en</b> - to	'olho dele'	160.	<b>em</b> - pjen	'marido dela'
158.	<b>em</b> - pot	'pescoço dele'	161.	<b>en</b> - tʃar	'ele mordeu'
159.	<b>em</b> - pa	'fígado dele'	162.	<b>em</b> - pus	'ele chegou'

Esse caso é também relatado em outras línguas do complexo Timbira, como no Apäniekrá (Alves, 1999) e no Krahô (Souza, 1990) e parece estar relacionado com fatores lexicais em que, na forma subjacente desses verbos e nomes inalienáveis, talvez tivesse havido um processo de nasalização antigo nas línguas Jê que se realiza na superfície. Em algumas línguas, como no Suyá (Davis, 1966), as consoantes iniciais de algumas dessas

palavras são nasais com o mesmo ponto de articulação das oclusivas do Pykobjê: **mutu** (pescoço), **ma** (fígado) e **nə** (olho)<sup>23</sup>. A proposta que fiz em trabalho anterior (Sá,1999) é que, no Pykobjê, esses vocábulos ficaram com um traço [ nasal ] flutuante. Ao suceder uma consoante subespecificada como é o caso da glotal, esse traço [ nasal ] é incorporado ao segmento, assimilando o ponto de articulação da oclusiva seguinte o que resulta em **em.pot**, assim como **em.pa** e **en.to**. É interessante notar, entretanto, que o mesmo caso não ocorre com o pronome de 2<sup>a</sup> pessoa **a-** que tem sua vogal alongada.

É importante ressaltar também que essa alternância na forma de 3º pessoa – **e?**- / **en-** – remete às formas apontadas por Souza (1990) como sendo os prefixos referenciais para nomes ou verbos iniciados por consoantes em relação de não-contigüidade – **i?**- / **in-** .

---

<sup>23</sup> Em Santos (1997), não se encontra a nasal alveolar para esse vocábulo, mas sim a oclusiva pré-nasalizada – **ndʒ** ‘olho’ –; o autor, inclusive, no inventário de fonemas que descreve para o Suyá, apresenta um grupo de alofones pré-nasalizados [ mb, nd, ɲg ] para as nasais [ m, n, ɲ ] (p.23).

#### 4.1.2.2. Casos de ausência do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa

Em Pykobjê, há também alguns nomes inalienáveis e verbos que não admitem o pronome de 3<sup>a</sup> pessoa. Os exemplos encontrados no *corpus* são os seguintes:

163. kajēn	'tutano dele'	174. pəjkitje	'sogro de homem'
164. kakēk	'costas dele'	175. prek <sup>h</sup> isje	'sogra de mulher'
165. karō	'sombra, alma dele'	176. tok <sup>h</sup> aje	'irmão de marido'
166. kapru:	'sangue dele'	177. təjre	'avó ou tia paterna dele'
167. kotsek	'veia dele'	178. hor	'pus dele'
168. kati:tik	'machucado dele'	179. humtsup	'coceira dele'
169. kator	'ele saiu'	180. həm	'ele levantou'
170. kotor	'ele foi embora'	181. wīr	'ele banhou'
171. k <sup>h</sup> rətomwej	'avô dele'	182. wīje	'nora dela'
172. kite	'marido da irmã do pai dele'	183. wa	'dente dele'
173. prekitje	'sogro de mulher'	184. mōr	'ele andou'

As palavras foram agrupadas de acordo com os segmentos que as iniciam. Parece haver claramente cinco grupos específicos – **k**, **p**, **t**, **h**, **w** – com um número razoavelmente representativo de palavras e um grupo – **m** – com apenas uma palavra (ex. 184) encontrada no *corpus*. Este último grupo será considerado, enquanto não houver mais dados, uma exceção.

No caso dos três primeiros grupos, das oclusivas velar, labial e alveolar, não há nenhum condicionamento fonético que impeça o aparecimento do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa –

e? – visto que há, inclusive, exemplos de palavras que também se iniciam com o mesmo segmento e que permitem a presença do pronome:

185.	e? - <b>kro</b>	'ele está cheirando mal'	193.	e? - <b>pəm</b>	'ele caiu'
186.	e? - <b>ko</b>	'ele está molhado'	194.	e? - <b>pənje</b>	'irmã de esposa ou sogra dele'
187.	e? - <b>ka:ka</b>	'ele respirou'	195.	e? - <b>par</b>	'pé dele'
188.	e? - <b>ka:kuk</b>	'ele falou'	196.	e? - <b>pemter</b>	'ele sonhou'
189.	e? - <b>kak<sup>h</sup>ri</b>	'rim dele'	197.	e? - <b>təmtʃwi</b>	'neto dele'
190.	e? - <b>tem</b>	'ele veio'	198.	e? - <b>te</b>	'perna dele'
191.	e? - <b>to</b>	'barriga dele'	199.	e? - <b>totok</b>	'coração dele'
192.	e? - <b>tō</b>	'irmão dele'			

Pode ser o caso, portanto, de uma classe específica de palavras, agrupando tanto nomes quanto verbos, sendo que uma de suas peculiaridades é prescindir da presença do pronome de 3<sup>a</sup> pessoa. Os casos das palavras iniciadas por **t** e por **p** e de algumas iniciadas por **k** (exemplos de 171 a 177) podem ser considerados um grupo específico, relacionado a termos de parentesco, cujos graus não sejam tão próximos do falante, comparando-os com os termos exemplificados em 192, 194 e 197. Os temas iniciados pela fricativa glotal e pelo glide velar labial demandam uma análise mais aprofundada e serão vistos a seguir.

#### 4.1.2.2.1. Dois casos especiais: temas iniciados por **h** e por **w**

Os dois casos seguintes, da fricativa glotal **h** e do glide velar labial **w**, parecem ser resultados de um processo fonológico envolvendo o mesmo segmento – o **tʃ**. A seguir os exemplos de dois paradigmas:

200.	ej - tʃəm	'eu levantei'	201.	ej - tʃwir	'eu banhei'
	a: - tʃəm	'você levantou'		a: - tʃwir	'você banhou'
	hem	'ele levantou'		wir	'ele banhou'

Similar ao exemplo 200, referente à mudança de **tʃ** para **h**, existe um grupo de palavras em que ocorre a mesma alternância e o condicionamento parece ser a presença ou não de um determinante:

202.	jom tʃõmre	'algum homem'	hõmre	'homem'
203.	krowtʃu	'fruto do buriti'	hu	'fruto'
204.	pje tʃum	'grão de terra'	hum	'grão'
205.	ej - te kəm koje tʃər	'eu guardei a colher'	ej - te kəm hər	'eu a guardei '

Nos exemplos 202, 203 e 204, o fato do determinado juntar-se ou não ao determinante formando uma palavra composta não é relevante; a simples presença deste último já é fator condicionante para a alternância dos segmentos. No exemplo 205, o fator é morfossintático, ou seja, a ausência do complemento verbal **koje** ('colher') determina a

alternância. Casos parecidos – em relações transitivas – serão tratados adiante, na subseção 4.1.2.4.3. com outros segmentos.

Do ponto de vista fonológico, os segmentos em questão, **tʃ** e **h**, alternam-se nessas seqüências como complementares: a glotal aparece no ataque em início de palavra e a africada, no ataque em interior de palavra fonológica (considerando-se assim os sintagmas nominais apresentados). Em trabalho anterior (Sá, 1999) considerei a glotal como fonema e a africada como variante fonética. Tal fato parece ser o mesmo no caso do exemplo 201, considerando-se a presença, no nível profundo, da glotal e a sua não realização fonética como ataque complexo, já que tal seqüência – **hw** – é proibida de acordo com os padrões de boa formação de ataques complexos na língua (Sá, 1999). É interessante notar que a fricativa glotal costuma ser resultado de processos de enfraquecimento e redução em muitas línguas do mundo. Conforme relata Bybee (2004:12) é comum que oclusivas tornem-se fricativas e essas, posteriormente, percam sua articulação supraglotal, reduzindo-se a uma simples fricção glotal, no caso o [ **h** ]: “*the glottal fricative itself, being weakly articulated and acoustically less salient, is subject to loss*”<sup>24</sup>. Esse processo é mais comum na posição de coda silábica, contudo, há ocorrências no ataque como o caso da passagem da palavra *cord-* do Latim para o *heart* do Inglês (**k** > **h**).

Voltando aos estudos de línguas Macro-Jê, na subseção 4.1.1., Rodrigues (2000), em seu quadro para os relacionais do Timbira (Canela-Krahô), afirma ser o segmento **ts** um relacional que expressa contigüidade, enquanto que **h** expressa não-contigüidade. O exemplo citado para o Canela-Krahô é o que segue:

---

<sup>24</sup> Tradução: “*a própria fricativa glotal, sendo fracamente articulada e acusticamente menos saliente, está sujeita ao desaparecimento*”.

206.	pjen ts <sup>25</sup> - om	'grãos de areia'
	h - om	'grãos'

É possível a correlação entre o *ts* do Pykobjê e o *ts* dos dados do Canela-Krahô, o que poderia resolver sob um enfoque morfossintático o caso dessa variação no Pykobjê. Contudo, a exemplo do que apresenta Oliveira (2003) para o Apinajé, esse relacional - *ts* - não está condicionado à presença de qualquer vogal no Pykobjê, tendo que ser pré-especificado lexicalmente. Pode-se também considerar *h* como marca de 3<sup>a</sup> pessoa para os exemplos 178 (*h-or* 'pus dele'), 179 (*h-umt̪sup* 'coceira dele') e 180 (*h-əm* 'ele levantou'), como prediz Ribeiro (2002) para o Timbira em seu quadro de prefixos relacionais, mas o mesmo não se aplica aos exemplos 202 (*hōmre* 'homem'), 203 (*hu* 'fruto') e 204 (*hum* 'grão') que apresentam formas de citação, ou seja, formas em que não há possuidor expresso ou qualquer tipo de determinante.

Além disso, esse relacional teria que se restringir a uma classe específica de palavras, já que há, na língua, exemplos de termos de classe e verbos cuja glotal *h* em início de palavra não se modifica no interior de palavra fonológica:

207. <b>hu</b>	'folha'	krow-hu	'folha do buriti'
208. <b>hə</b>	'semente'	prattʃē-hə	'semente de melancia'
209. <b>he</b>	'osso'	e?-he	'osso dele'
210. <b>həhi</b>	'amarre!' (imperativo)	ej - te jara həhi	'eu amarrei as penas'
211. <b>ki kormə hər</b>	'ele ainda está dançando'	e? - hər	'ele dançou'

---

<sup>25</sup> Os destaque são nossos.

Como explicar a não ocorrência do relacional de contigüidade **tʃ** nesses casos? O inverso também ocorre, ou seja, a africada ocorrendo em relação de não-contigüidade, onde supostamente deveria alternar-se com a glotal **h**:

- |      |           |                         |      |                        |
|------|-----------|-------------------------|------|------------------------|
| 212. | pẽ:-tʃit  | 'queimada (de árvores)' | tʃit | 'queime!' (imperativo) |
| 213. | a?jẽ tʃər | 'a carne está assada'   | tʃər | 'asse!' (imperativo)   |
| 214. | ej -tʃar  | 'eu mordi'              | tʃa  | 'morda!' (imperativo)  |

Poder-se-ia pensar, então, na proposta de Ribeiro (2003) pela qual existiriam duas classes de temas também para o Pykobjê: uma que recebe o prefixo relacional e outra que não o recebe.

Seki (2000), em sua gramática para o Kamaiurá, língua da família Tupi-Guarani, aponta para uma série de prefixos relacionais cujo uso depende, dentre outros, do tipo de referência expressa. Destaca-se aqui o prefixo { r- } que se agrega ao radical de um nome inalienavelmente possuído iniciado por vogal<sup>26</sup> sempre que o possuidor estiver posicionado imediatamente antes, ou seja, “*o prefixo marca o item como tendo um elemento dependente*” (p. 56). Esta definição – de marcar a relação de dependência entre dois elementos – se aplica melhor ao caso do **tʃ** do que a suposta relação de contigüidade, visto que abrange, no Pykobjê, relações de nome-nome ou pronome-nome (exemplos 202 a 204) e relações nome-verbo (exemplo 205).

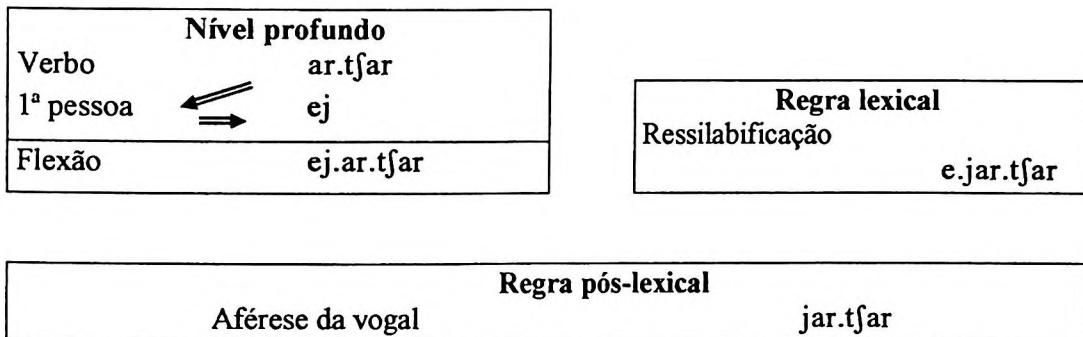
Contudo, outras questões sobre os pronomes dependentes e a existência dos relacionais serão ainda analisadas para se chegar a um quadro conclusivo.

---

<sup>26</sup> Há uma outra subclasse, de nomes iniciados por consoante ou também por vogal, cujo prefixo é Ø.

#### **4.1.2.3. Os pronomes dependentes e os temas iniciados por vogal**

Nos temas iniciados com vogal, com intuito de preservar a estrutura silábica que impede a realização de sílaba VC ou V: no interior da palavra, assim como a sílaba V em qualquer posição da palavra, ocorre uma ressilabificação e uma aférese, conforme proposto em Amado (2003a). Utilizando-se da fonologia lexical, seguem exemplos desses processos, de acordo com o ordenamento de regras. Exemplo: verbo ‘correr’ - ‘artſar’<sup>27</sup>:



A aférese do primeiro segmento e a ressilabificação desse pronome é fato corrente registrado na fala rápida em alguns contextos:

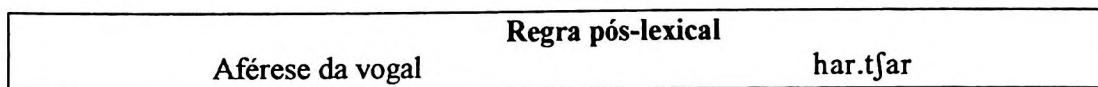
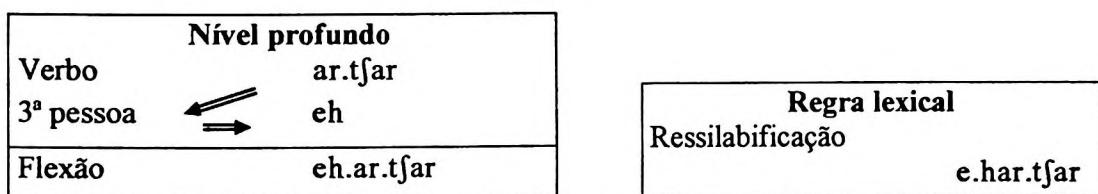


<sup>27</sup> Forma subjacente nunca realizada sem a flexão de pessoa.

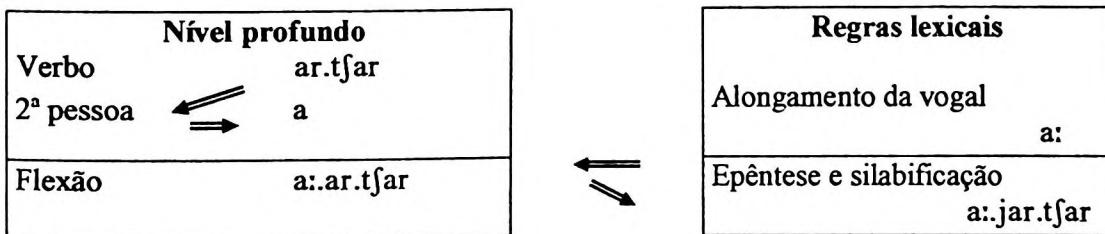
É interessante observar que tal processo não ocorre com outras línguas Timbira, como o Apāniekrá, o Ramkokamekrá e o Krahô, conforme se pode observar nos exemplos extraídos da lista de palavras elaboradas na oficina de grafia Timbira:

	<b>Pykobjê</b>	<b>Apān / Ramk / Krahô</b>	
217.	j - apartʃwis	ij - apartʃwəj	
	1 ‘sobrinha, neta’	1 ‘sobrinha, neta’	‘minha neta, minha sobrinha’

O mesmo processo ocorre com o pronome de 3ª pessoa {eh-}<sup>28</sup> e o verbo, originando no nível pós-lexical **har.tʃar** ‘ele correu’.



Já com o pronome de 2ª pessoa, o processo é diferente:



<sup>28</sup> A glotal torna-se oclusiva somente no nível pós-lexical.

O alongamento da vogal do pronome ocorre ainda no nível profundo. A epêntese é necessária para evitar segmentos vocálicos adjacentes e a ocorrência de sílaba VC em interior de palavra.

Ainda em relação ao pronome de segunda pessoa diante de nomes e verbos iniciando-se com vogal, a exemplo do que acontece no Krahô (Souza, 1990), ocorre em casos de variação livre, geralmente com informantes jovens, a utilização de uma velar pré-nasalizada:

- |                        |   |                    |               |
|------------------------|---|--------------------|---------------|
| 218. <b>⁹gapak</b>     | ~ | <b>a:japak</b>     | 'tua orelha'  |
| 219. <b>⁹gejakkʰre</b> | ~ | <b>a:jejakkʰre</b> | 'tua narina'  |
| 220. <b>⁹gekre</b>     | ~ | <b>a:jekre</b>     | 'teu ombro'   |
| 221. <b>⁹gõto?</b>     | ~ | <b>a:jõto?</b>     | 'tua língua'  |
| 222. <b>⁹gartʃar</b>   | ~ | <b>a:jartʃar</b>   | 'você correu' |
| 223. <b>⁹gə:pən</b>    | ~ | <b>a:jə:pən</b>    | 'você comeu'  |

Esse segmento aparece também como variação do j na conjugação do verbo 'pagar' nas formas longa e breve, como será analisado na seção 4.2.:

- |             |         |         |                     |
|-------------|---------|---------|---------------------|
| 224. ej- te | a: - mə | jəmjɔr  |                     |
| 1 POSP      | 2 - DAT | 'pagar' | 'eu paguei você'    |
| 225. wa ha  | a: -mə  | əm⁹gōr  |                     |
| 1 FUT       | 2 - DAT | 'pagar' | 'eu vou pagar você' |

Nesse caso, porém, a variação não é livre, ocorrendo sistematicamente quando o verbo está conjugado na forma breve. De qualquer forma, o contexto fonético – a presença do glide j – é o mesmo.

No caso do pronome de segunda pessoa, o fato de variar livremente e a presença do glide levam à hipótese de se tratar de uma regra pós-lexical. Além disso, parece ser um fenômeno recente, visto os falantes mais velhos não utilizarem essa variante. Como tal fato ocorre também no Krahô, pode-se arriscar tratar-se de uma mudança lingüística que as línguas do complexo Timbira estejam sofrendo. Sapir (1971), ao tratar da língua como produto histórico, afirma que as mudanças fonéticas são regulares e que é possível que línguas ou dialetos passem por fases iguais ou muito semelhantes. Como exemplo, o autor cita as formas irregulares de plural do Inglês – *foot* : *feet*, *mouse* : *mice* – e do Alemão – *fuss* : *füssse*, *maus* : *mäuse* – , afirmando que, devido a processos históricos análogos pelos quais ambas as línguas passaram, atualmente “*há maior semelhança entre as formas inglesas e alemãs do que entre cada uma delas e o ponto de partida do germânico ocidental comum, donde provieram em marchas independentes*” (p. 180)<sup>29</sup>.

A hipótese apresentada em Sá (1999) é a seguinte: ocorre a dissimilação do traço [ coronal ] de *j* em favor do [ dorsal ] da vogal que o precede, no caso o *a*, enquanto o traço de raiz [ + soante ] do glide permanece no segmento pré-nasalizado. A esse soma-se o traço [ - contínuo ] da oclusiva e é mantido o traço [ + sonoro ] do glide, originando o segmento de contorno.

Afora esta análise feita do sistema pronominal do Pykobjê sob enfoque morfofonológico, há de se considerar dados que envolvem aspectos morfossintáticos e possíveis referências aos prefixos relacionais como será visto a seguir.

---

<sup>29</sup> Tradução de J. Mattoso Câmara Jr.

#### **4.1.2.4. A hipótese dos prefixos relacionais na morfossintaxe do Pykobjê**

Para confrontar a análise sobre o sistema pronominal proposto para o Pykobjê com a hipótese da existência dos prefixos relacionais nessa língua, buscou-se estudar os ambientes de ocorrência apontados por Rodrigues (1994) para as relações de contigüidade ou não-contigüidade desses prefixos. Para tanto, serão analisadas, a seguir, as relações genitivas e adjetivas entre determinante e determinado (nome-nome, nome-adjetivo), as relações subjetivas entre sujeito e verbo intransitivo e as relações transitivas entre verbo e objeto.

##### **4.1.2.4.1. Relações genitivas e adjetivas**

226. hək j-ara	'asa, pena do gavião'	h-ara	'asa, pena dele'
227. tʃo: j-õto	'pata do cachorro'	h-õto	'pata dele'
228. jatʃə j-ẽku	'chifre do veado'	h-ẽku	'chifre dele'
229. k <sup>h</sup> rij j-apa	'rabo do papagaio'	h-apa	'rabo dele'
230. rop j-õk <sup>h</sup> op	'garra da onça'	h-õk <sup>h</sup> op	'unha dele'
231. pẽ:j-ari	'raiz da árvore'	h-ari	'raiz dele'
232. prə j-atətre	'caminho estreito'	h-atətre	'ele é estreito'
233. k <sup>h</sup> row j-atos	'flecha reta'	h-atos	'ele é reto'
234. ej-k <sup>h</sup> rit j-ẽkot	'meu nariz está inchado'	h-ẽkot	'ele está inchado'

Comparando os exemplos acima com os estudos feitos nas línguas Jê, principalmente o de Dourado (1993) sobre o Panará, poder-se-ia supor que há no Pykobjê prefixos relacionais nas relações genitivas: **j** para contigüidade e **h** para não-contigüidade,

como afirma Rodrigues (2000), ou ainda este último como marca de 3<sup>a</sup> pessoa, como afirma Ribeiro (2002a). Contudo, pode-se também aventar a hipótese de que o **j** (que representa a marca de 1<sup>a</sup> pessoa) é uma forma padrão adotada pelo uso para representar a segunda palavra de um sintagma nominal, e que, além disso, esta deve ser iniciada por vogal, pois, como se pode constatar nos exemplos abaixo de relações genitivas com temas iniciados por consoante, tais prefixos não ocorrem.

235. pupjẽ	'carne de poraqué'	jẽ	'carne dele'
236. kokuj pa	'figado do macaco'	em-pa	'figado dele'
237. makrẽ	'flor de mangueira'	rẽ	'flor'
238. a?kritpər	'cajueiro'	pər	'pé-de-'
239. k <sup>h</sup> wirkapri:k	'mandioca vermelha'	kapri:k	'vermelho'
240. kahẽj k <sup>h</sup> in	'a mulher é feia'	k <sup>h</sup> in	'feio'
241. pẽ:k <sup>h</sup> ə k <sup>h</sup> orə	'a casca da árvore é lisa'	k <sup>h</sup> orə	'liso'
242. põhə tatap	'o milho é amarelo'	tatap	'amarelo'
243. kru: twim	'banha de porco'	twim	'banha'
244. ej-pot rət	'meu pescoço é comprido'	rət	'comprido'

É importante destacar também que, diferente do que ocorre com a alternância entre **tʃ** e **h**, analisada na subseção 4.1.2.2.1., não foram encontrados exemplos com formas de citação para a alternância entre **j** e **h**, o que corrobora a hipótese de forma de 3<sup>a</sup> pessoa para a glotal.

#### 4.1.2.4.2. Relações subjetivas

##### 245a. **h-ẽr**

- |                          |                             |
|--------------------------|-----------------------------|
| 3 ‘levantar’             | ‘ele levantou’              |
| b. j-õtſõ j-ẽr           |                             |
| 1 ‘pai’ ‘levantar’       | ‘meu pai levantou’          |
| c. j-õtſõ mə h-ẽr        |                             |
| 1 ‘pai’ TOP 3 ‘levantar’ | ‘foi meu pai quem levantou’ |

##### 246a. **h-õt**

- |                        |                           |
|------------------------|---------------------------|
| 3 ‘dormir’             | ‘ele dormiu’              |
| b. j-õtſõ j-õt         |                           |
| 1 ‘pai’ ‘dormir’       | ‘meu pai dormiu’          |
| c. j-õtſõ mə h-õt      |                           |
| 1 ‘pai’ TOP 3 ‘dormir’ | ‘foi meu pai quem dormiu’ |

##### 247a. **h-artſar**

- |                        |                           |
|------------------------|---------------------------|
| 3 ‘correr’             | ‘ele correu’              |
| b. j-õtſõ j-artſar     |                           |
| 1 ‘pai’ ‘correr’       | ‘meu pai correu’          |
| c. j-õtſõ mə h-artſar  |                           |
| 1 ‘pai’ TOP 3 ‘correr’ | ‘foi meu pai quem correu’ |

##### 248a. **h-əpən**

- |                  |                 |
|------------------|-----------------|
| 3 ‘comer’        | ‘ele comeu’     |
| b. j-õtſõ j-əpən |                 |
| 1 ‘pai’ ‘comer’  | ‘meu pai comeu’ |

249a. **h-atoj**

3 ‘voltar’ ‘ele voltou’

b. **j-õtſõ j-atoj**

1 ‘pai’ ‘voltar’ ‘meu pai voltou’

Observa-se, pelos exemplos acima, que, embora todos os verbos estejam na 3<sup>a</sup> pessoa, quando o pronome é substituído por um nome – j-õtſõ ‘meu pai’ – , fonologicamente o verbo retoma uma forma canônica, que coincide com a da 1<sup>a</sup> pessoa. Além disso, quando há uma palavra se interpondo entre o nome e o verbo, no caso **mə**, a forma continua com a fricativa glotal. Essa partícula coloca o sujeito em evidência, topicalizando-o; a melhor tradução para os exemplos 245c., 246c. e 247c. seria algo como “meu pai, ele ...”, ou seja, o verbo assumiria novamente o pronome de 3<sup>a</sup> pessoa na forma da glotal **h**. Uma outra questão também aparece: todos esses verbos estão no tempo passado; quando estão conjugados em um tempo não-passado, presente ou futuro, não existe mais nenhuma suposta relação de contigüidade com alternância de formas para a 3<sup>a</sup> pessoa.

Abaixo segue o exemplo de um paradigma verbal no tempo presente:

250. **wa j-artſa**

1 1 ‘correr’ ‘eu estou correndo’

251. **ka a:j-artſa**

2 2 ‘correr’ ‘você está correndo’

252. **Ø h-artſa**

3 3 ‘correr’ ‘ele está correndo’

253. **a?-k<sup>h</sup>-rare h-artſa**

GEN‘criança’ 3 ‘correr’ ‘a criança está correndo’

254. j-õtſõ h-artſa

1 ‘pai’ 3 ‘correr’ ‘meu pai está correndo’

Embora utilizando pronomes independentes, o verbo apresenta redundância pronominal (com exceção da forma independente de 3<sup>a</sup> pessoa que, no presente, é Ø); contudo, o fato interessante são os dois casos de nome + verbo - **a?k<sup>h</sup>rare** e **jõtſõ** (exemplos 253 e 254) -, em que há uma suposta relação de contigüidade, na qual, entretanto, o prefixo relacional não muda como nos exemplos dos verbos no passado. Esta condição – do verbo estar no passado – é mais uma restrição para o aparecimento dos prefixos relacionais, além do condicionamento fonológico do verbo ser iniciado por uma vogal. Uma última análise é feita a seguir a respeito das relações verbo transitivo-objeto.

#### 4.1.2.4.3. Relações transitivas

- 255a. ej - te      ku      j-akjin  
       1 ERG 'água' 'buscar'      'eu busquei água'  
  b. ej - te      h-akjin  
       1 ERG 3 'buscar'      'eu a busquei'
- 256a. a: - te      to      ej-k<sup>h</sup>re      j-ēpis  
       2 ERG CAUS 1 'casa' 'construir'      'você construiu minha casa'  
  b. a: - te      to      h-ēpis  
       2 ERG CAUS 3 'construir'      'você a construiu'
- 257a. ko - te      kra:      j-ahir  
       3 ERG 'paca' 'caçar'      'ele caçou pacá'  
  b. ko - te      h-ahir  
       3 ERG 3 'caçar'      'ele a caçou'
- 258a. ej - te      prə      j-apin  
       1 ERG 'caminho' 'procurar'      'eu procurei o caminho'  
  b. ej - te      h-apin  
       1 ERG 3 'procurar'      'eu o procurei'
- 259a. a: - te      pa      j-ak<sup>h</sup>ep  
       2 ERG 'galho' 'cortar'      'você cortou o galho'  
  b. a: - te      h-ak<sup>h</sup>ep  
       2 ERG 3 'cortar'      'você o cortou'
- 260a. ko - te      ingres      j-akrepes  
       3 ERG 'inglês' 'saber'      'ele sabia Inglês'

Cabe informar que o Pykobjê, como muitas línguas indígenas, segue o padrão Sujeito-Objeto-Verbo. Os verbos acima não possuem redundância pronominal, portanto, não sofrem alteração quanto à pessoa em que estão sendo flexionados. Novamente, pode-se cogitar a possibilidade de uma relação de contigüidade e não-contigüidade, agora entre objeto e verbo, ou simplesmente determinar a forma de 1<sup>a</sup> pessoa como forma canônica para relação entre objeto-verbo e a fricativa glotal como representante da 3<sup>a</sup> pessoa para o marcador de não-contigüidade. Esta última hipótese pode ser corroborada pelos exemplos abaixo em que, caso o objeto esteja na 1<sup>a</sup> ou na 2<sup>a</sup> pessoa, o segmento inicial do verbo assume a forma pronominal correspondente:

261. a: - te j-ak<sup>h</sup>ep  
 2 ERG 1 'cortar'      'você me cortou'

262. ej - te a:j-ak<sup>h</sup>ep  
1 ERG 2 'cortar'      'eu te cortei'

Cabem ainda outras considerações sobre os prefixos relacionais referentes a alguns exemplos encontrados no *corpus*.

O verbo ‘pescar’ em Pykobjê é intransitivo, mas em ocasiões raras ele pode se tornar transitivo com a presença da partícula causativa { to }, sendo mais comum, na maior parte das relações transitivas, isto é, com a presença do objeto “pescado”, o uso de um verbo

correspondente a ‘pegar’ (pro). Algumas hipóteses foram testadas com os informantes e os resultados seguem abaixo:

263. h- əpin

3 ‘pescar’ ‘ele pescou’

264. j- õtſõ j- əpin

1 ‘pai’ ‘pescar’ ‘meu pai pescou’

Os exemplos 263 e 264 mostram o verbo em sua forma intransitiva, variando o início da palavra de acordo com a suposta relação de contigüidade ou não.

265. j- õtſõ teprə to j- əpin

1 ‘pai’ ‘cará’ CAUS ‘pescar’ ‘meu pai pescou cará’

Já no exemplo 265, o verbo, em uma função transitiva, comporta-se como tal, em sua relação de contigüidade com o objeto teprə ‘cará’, uma vez que, distante do sujeito, deveria assumir a forma de relação não-contígua. Note-se, entretanto, que o relacional não “enxerga” a partícula causativa { to } da mesma forma como ele “enxerga” a partícula de topicalização { mə } nos exemplos 245c, 246c e 247c.

266. teprə to j- õtſõ j- əpin

‘cará’ CAUS 1 ‘pai’ ‘pescar’ ‘meu pai pescou cará’

267. j- õtſõ, h- əpin teprə to  
1 ‘pai’ 3 ‘pescar’ ‘cará’ CAUS ‘meu pai, ele pescou cará’

No exemplo 266, com o objeto distante, ele se comporta novamente como verbo intransitivo, referindo-se ao sujeito em relação contígua. Este fato é confirmado pelo exemplo 267, no qual, estando o sujeito topicalizado, o verbo assume a 3<sup>a</sup> pessoa ou a relação de não-contigüidade.

Contudo, comparando-se o exemplo 266 com os dois exemplos abaixo, percebe-se que o suposto prefixo relacional de contigüidade pode simplesmente ser, como já afirmei anteriormente, a forma canônica para uma relação entre nome (no caso, atuando como sujeito) e verbo:

- 268a. teprə to j- əpin  
‘cará’ CAUS 1 ‘pescar’ ‘eu pesquei cará’
- b. teprə to a:j- əpin  
‘cará’ CAUS 2 ‘pescar’ ‘você pescou cará’

#### 4.1.2.5. Um quadro final para os pronomes dependentes

Como última análise, é necessário testar a hipótese da existência de prefixos relacionais no Pykobjê, seguindo a proposta de Rodrigues (2000) e os demais estudos feitos com línguas Macro-Jê, em especial o de Souza (1990) feito com o Krahô, revisando o quadro de pronomes dependentes e elaborando um quadro para os relacionais:

**Pronomes dependentes**

1	e-
2	a:-
3	ko- ~ Ø

**Prefixos relacionais**

	Temas iniciados por Vogal		Temas iniciados por Consoante	
	Contig	Não-Contig	Contig	Não-Contig
1	j -	Ø	- j -	Ø
2	- j -	Ø	Ø	Ø
3	j - ~ tʃ -	h -	Ø	e?- ~ eN-

Analizando ambos os quadros, constatamos que, do ponto de vista fonológico, não haveria como explicar o alongamento da vogal a no pronome de 2ª pessoa e o não-alongamento da vogal e no pronome de 1ª pessoa. Ou ainda, por que haveria um relacional de contigüidade para a 1ª pessoa diante de temas iniciados com consoante e não para a 2ª

pessoa. Da mesma forma, não haveria explicação coerente para o apagamento da vogal e do pronome de 1<sup>a</sup> pessoa diante de temas iniciados por vogal e o não-apagamento da vogal **a** do pronome de 2<sup>a</sup> pessoa no mesmo contexto. Além de tudo isso, causa estranheza a não existência do pronome indicando 3<sup>a</sup> pessoa nas construções genitivas, adjetivas e intransitivas, sendo que, em outras construções, como nas transitivas, o pronome - { **ko-** } - é obrigatório ligando-se à posposição { **te** } e como forma independente { **ki** } e enfática { **ta** } com verbos ativos nos tempos não-passado. Proponho, dessa forma, um quadro final dos pronomes dependentes e seus alomorfos para o Pykobjê:

	Temas iniciados por Consoante	Temas iniciados por Vogal
1	<b>ej</b> -	<b>j</b> -
2	<b>a:</b> -	<b>a:j</b> -
3	<b>e?</b> - / <b>eN-</b> / <b>ko-</b> / <b>Ø</b>	<b>h</b> -

Diante de todos os exemplos comentados e de tais questões de caráter morfológico e mesmo morfossintático – como a relação de contigüidade estar restrita ao tempo passado – , afirmar categoricamente a existência de prefixos relacionais no Pykobjê seria uma tese difícil de se sustentar. A hipótese de que a forma de 1<sup>a</sup> pessoa ou simplesmente uma forma iniciando-se com **j** para as relações entre nome-nome, nome-adjetivo, nome-verbo tenha sido escolhida como forma padrão e a fricativa glotal – **h** – seja realmente a marca de 3<sup>a</sup> pessoa é uma possibilidade que não se pode descartar. Quanto à

alternância entre **tʃ** e **h**, esta seria um indício para corroborar a hipótese de resquícios de prefixos relacionais, não de contigüidade ou não-contigüidade como propõe Rodrigues (2000), mas sim para marcar a relação de dependência entre dois elementos, próximo do que propõe Seki (2000) para o Kamaiurá, visto que essa alternância abrange palavras que prescindem de marca de pessoa em uma forma de citação, ainda que coexistam palavras iniciando-se com essas mesmas consoantes e que não sofrem alternância. Os prefixos relacionais **tʃ** e **h** poderiam, dessa forma, ser vistos como classificadores desse grupo específico de palavras, como ocorre largamente em línguas australásicas, em que as relações de posse são marcadas por prefixos que determinam a classe a que as palavras envolvidas pertencem, conforme trabalho de Lichtenberk (1983). Essas classes referem-se geralmente a nomes inalienáveis (parentesco e partes de um todo), alimentos, bebidas, animais etc. Assim, um estudo que envolvesse aspectos semânticos e culturais poderia talvez abrir novas perspectivas na discussão desse tópico, deixando de se restringir ao caráter puramente morfossintático ou morfonológico.

## **4.2. O verbo no Pykobjê: formas longas e formas breves**

A classe dos verbos no Pykobjê apresenta variações quanto às formas. Tal fenômeno ocorre em grande parte dos verbos ativos, tanto transitivos quanto intransitivos, encontrados na língua. Essa variação é também relatada em muitas outras línguas da família Jê setentrional – Krahô (Souza, 1997), Panará (Dourado, 2001), Canela-Krahô (Popjes & Popjes, 1986), Xerente (Wiesemann, 1986), Mẽbengokrê (Salanova, 2001 e Reis e Silva & Salanova, 2000), Parkatejê (Ferreira, 2003) e Suyá (Santos, 2002) – e comumente as formas decorrentes são chamadas de longa e breve ou não-finita e finita. Além dessa variação, que consiste basicamente, no Pykobjê, do acréscimo ou da apócope de uma consoante no final do verbo, outras alternâncias são relatadas também na raiz de alguns verbos. Nesta seção, serão analisadas essas variações buscando-se um possível condicionamento morfológico.

#### **4.2.1. Análise das ocorrências em Pykobjê**

Grande parte dos verbos ativos do Pykobjê apresentam algum tipo de variação em relação ao tempo em que estão sendo expressos. O tipo mais freqüente de variação é o acréscimo ou apócope da consoante final da chamada forma longa. Abaixo estão listados alguns exemplos:

- |      |          |                    |                    |            |                             |
|------|----------|--------------------|--------------------|------------|-----------------------------|
| 269. | ej - te  | a?jẽ               | kor                |            |                             |
|      | 1        | ERG                | 'carne'            | 'comer'    | 'eu comi a carne'           |
| 270. | awka?te  | wa ha              | a?jẽ               | ko         |                             |
|      | 'amanhã' | 1                  | FUT                | 'carne'    | 'comer'                     |
| 271. | wa       | a?jẽ               | ko                 |            |                             |
|      | 1        | 'carne'            | 'comer'            |            | 'eu estou comendo a carne'  |
| 272. | ej- te   | k <sup>b</sup> wir | kīn                |            |                             |
|      | 1        | ERG                | 'mandioca'         | 'ralar'    | 'eu ralei mandioca'         |
| 273. | awka?te  | wa ha              | k <sup>b</sup> wir | ki         |                             |
|      | 'amanhã' | 1                  | FUT                | 'mandioca' | 'ralar'                     |
| 274. | wa       | k <sup>b</sup> wir | ki                 |            |                             |
|      | 1        | 'mandioca'         | 'ralar'            |            | 'eu estou ralando mandioca' |
| 275. | ej - te  | ku                 | to                 | ej - kom   |                             |
|      | 1        | ERG                | 'água'             | CAUS       | 1 'beber'                   |
| 276. | wa ha    | ku                 | to                 | ej - ko    |                             |
|      | 1        | FUT                | 'água'             | CAUS       | 1 'beber'                   |
| 277. | wa ku    | to                 | ej - ko            |            |                             |
|      | 1        | 'água'             | CAUS               | 1 'beber'  | 'eu estou bebendo água'     |

Os dados mostram que os verbos ‘comer’, ‘ralar’ e ‘beber’ no tempo passado apresentam uma forma longa, com a presença da aproximante **r** ou das nasais **n** ou **m**, enquanto que nos tempos não-passado, essas consoantes sofrem uma apócope. Aparentemente, não há nenhum condicionamento externo que justifique a escolha de **n**, **m** ou **r** para a forma longa dos verbos, embora a freqüência de ocorrência dessa última seja maior do que a das consoantes nasais. Poder-se-ia constatar, a partir disso, que essas consoantes são marcas lexicais do passado; no entanto, elas reaparecem nos outros tempos caso esteja presente a partícula de negação ou um quantificador após o verbo.

278. awka?<sup>t</sup>e wa ha ne: a?<sup>j</sup>ẽ kor no:re  
      ‘amanhã’ 1 FUT NEG ‘carne’ ‘comer’ NEG           ‘amanhã eu não comerei a carne’
279. wa k<sup>h</sup>wir kin kate  
      1 ‘mandioca’ ‘ralar’ ‘muito’                           ‘eu estou ralando muita mandioca’
280. wa ku to ej - kom kri:re  
      1 ‘água’ CAUS 1 ‘beber’ ‘pouco’                   ‘eu estou bebendo pouca água’

A forma longa é obrigatória em quase todos os casos em que há uma palavra após o verbo. É importante ressaltar que o Pykobjê é uma língua SOV e que apenas algumas classes de palavras podem seguir o verbo. Na presença da partícula de negação **no:re**, em todos os casos, ocorre a forma longa do verbo. Quanto aos quantificadores apresentados nos exemplos – **kate** e **kri:re** –, em alguns casos, a forma verbal não varia, permanecendo breve, caso o verbo esteja flexionado nos tempos não-passado. Testes foram feitos também alternando, para a posição após o verbo, alguns advérbios, como os de tempo (‘cedo, tarde’),

e partículas aspectuais ('agora, já') que costumam ficar ou no início da frase ou entre sujeito e verbo intransitivo ou entre objeto e verbo transitivo, mas nenhuma alteração ocorreu com a forma verbal, permanecendo também na forma breve quando flexionada em tempo não-passado.

Os exemplos abaixo ocorreram com os verbos 'banhar' ( tʃwɪr / tʃwa ), 'dormir' ( j-ōt / ɻgōr ) e 'acordar' ( pempra: / ampra: ):

281. ka **tʃwa** kormə

2 'banhar' PR 'você está banhando agora'

282. Ø **ɻgōr** rɪ?mə

3 'dormir' DUR 'ele ainda está dormindo'

283. awka?te wa ha **ampra:** tʃere

'amanhã' 1 FUT 'acordar' 'tarde' 'amanhã eu vou acordar tarde'

284. ka ha awka?te **ampra:** ejrərəni

2 FUT 'amanhã' 'acordar' 'cedo' 'amanhã você vai acordar cedo'

Um outro exemplo que apareceu no *corpus* apenas uma vez, com o verbo 'pescar' (j-əpin / a:pi), sugere também a mudança da forma verbal diante da partícula direcional e um complemento.

285. wa ha **j-əpin** to prə

1 FUT 'pescar' DIR 'caminho' 'eu vou pescar' (estou a caminho)

Outro fato interessante é que os verbos intransitivos, quando assumem a forma longa nos tempos não-passado em posição não-final, requerem a presença do pronome forma dependente. Abaixo alguns exemplos com os verbos ‘banhar’ ( *tʃwir / tʃwa* ), ‘comer’ ( *j-apən / a:pə* ) e ‘vir’ ( *tẽm / tẽ* ):

286. *wa ha tʃwa*

1 FUT ‘banhar’	‘eu vou banhar’
wa ha ne: ej- <i>tʃwir</i> no:re	
1 FUT NEG 1 ‘banhar’ NEG	‘eu não vou banhar agora’

287. *ka a:pə kate*

2 ‘comer’ ‘bastante’	‘você está comendo bastante’
ka ne: a:j - əpən no:re	
2 NEG 2 ‘comer’ NEG	‘você não está comendo’

288. *kormə Ø tẽ*

PRES 3 ‘vir’	‘ele está vindo’
ne: e?-tem no:re	
NEG 3 ‘vir’ NEG	‘ele não está vindo’

Aliás, poucos desses verbos não prescindem do pronome dependente mesmo com a forma breve nos contextos em que ela ocorre, como apresentarei adiante.

A seguir serão vistos alguns estudos que propõem hipóteses para a ocorrência dessas formas verbais nas línguas Jê do ramo setentrional.

#### 4.2.2. As formas longas e breves na família Jê setentrional

Souza (1997:86-88) propõe para o Krahô que os segmentos **r**, **n** e **m** sejam sufixos para indicar relações do tipo adverbiais, em geral indicativas de tempo/espaço. Propõe ainda que esses sufixos sejam “*uma redução do advérbio ‘ra’, de uso restrito e precedido aos verbos que dão idéia de movimento, ‘mō’ e ‘ten’ / ‘ir/vir’, nos outros casos redução das posposições ‘nā’ e ‘mā*<sup>30</sup>, também pospostas e reduzidas estrategicamente por motivo de concordância verbal / adverbial final.” Exemplos:

289. ku tε ko pupun

3perf-erg rio ver-sufix

‘ele viu o rio’

290. humrε tem nare

homem vir-sufix neg

‘o homem não vem’

291. me kuna me ikrer pey

pl todo pl 1-cantar bem

‘todos nós cantamos bem’

Já Dourado (2001:30), tendo em vista que no Panará a oposição entre formas breve e longa não parece consistente para o julgamento dos próprios falantes que não atribuem diferença no uso de uma ou outra forma, lança a hipótese inicial de que “*na forma longa do verbo, os sufixos –ri –ni –ti, ou a reduplicação da última sílaba codificam o*

---

<sup>30</sup> “nā” e “mā” são considerados LOCATIVOS em seu trabalho.

*aspecto perfectivo, e na forma breve, o morfema zero codifica o modo imperfectivo para uma classe de verbos em Panará”.*

Popjes & Popjes (1986:192), em seu trabalho sobre o Canela-Krahô (mais precisamente sobre o Canela Ramkokamekrá, como já foi discutido anteriormente), afirmam que a forma longa ocorre quando o tempo é o passado recente e em alguns casos quando o verbo está em posição não-final na oração. Exemplos:

292. ca a- te ton<sup>31</sup>

2 2-PAS fazer ‘você o fez’

293. quê ha ton pyrentu

3 FUT fazer imediatamente ‘ele o fará imediatamente’

Para o Mẽbengokrê, Reis e Silva & Salanova (2000) apontam a correlação entre as formas finita (breve) e não-finita (longa) e a marcação de caso. Para as formas finitas, somente a pessoa do objeto (pronome forma presa) se flexiona nos verbos transitivos; o sujeito é expresso pelos pronomes (livres) do caso nominativo, tanto para os verbos transitivos quanto para os intransitivos. Com as formas não-finitas, o sujeito (pronome forma presa) também se flexiona nos verbos intransitivos, e “*los sujetos de verbos transitivos se expresan por formas pronominales distintas de las nominativas*”<sup>32</sup>, correspondente ao caso ergativo. As formas não-finitas ocorrem nas orações negativas, subordinadas e nominalizadas e, com baixa freqüência, nas orações principais. Exemplos:

---

<sup>31</sup> Os destaques são nossos.

<sup>32</sup> Tradução: “*os sujetos de verbos transitivos se expresan por formas pronominales distintas de las nominativas*” (p. 3).

294. arxm nẽ ba kum piok janɔ  
 já NFUT 1Nom 3+para papel enviar      ‘já enviei para ele a mensagem’
295. kraje ije kum piok janɔrɔ ket  
 mas 1Erg 3+para papel enviar NEG      ‘mas não enviei para ele a mensagem’

No Xerente, Wiesemann, em seu artigo sobre sistemas pronominais de algumas línguas Jê e Macro-Jê (1986), relata que há duas formas de verbo: uma breve e uma longa. A forma breve ocorre apenas com pronomes do caso nominativo em orações não-habituais, enquanto a forma longa ocorre em todos os outros tipos de oração quando em posição não-final. Exemplos:

296. wa - za ì - mōrì  
 1s - FUT 1s hab-ir      ‘eu irei’
297. ì - mōr - kōdi  
 1s ir não      ‘eu não vou’

No Parkatejê, Araújo (1989) aponta que a variação de formas longa e breve ocorre com alguns verbos ativos, sendo que os primeiros ocorrem quando o tempo é passado e o aspecto é perfeito (completo). Ferreira (2003) amplia essa distinção no Parkatejê, a exemplo de Wiesemann (1986) e de Reis e Silva & Salanova (1999), para a marcação de caso: “*as formas longas ocorrem quando o sistema está operando como Abs-Erg, isto é, no tempo passado e aspecto perfectivo, enquanto as formas curtas ocorrem quando o sistema é*

*Nom-Acu, ou seja, tempo não-passado e aspecto não-perfectivo.*" A autora ainda acredita ser um fenômeno condicionado lexicalmente. Exemplos:

298. mẽ mpi tɔ

Pl homem dançar 'os homens dançam'

299. mẽ mpi tɔr

Pl homem dançar+Pass 'os homens dançaram'

Para o Suyá, Guedes (1993:131-2) afirma a existência de formas reduzidas (breves) e longas de alguns verbos. Para os ambientes de ocorrência, a autora descreve que "as formas reduzidas são sempre formas verbais transitivas"; já as formas longas "podem ocorrer como verbos transitivos ou não". Ela também afirma que estas últimas podem não ser o último elemento da oração. Exemplos:

300. rɔpra kãja pĩ

onça cobra matar 'a onça matou a cobra'

301. joko miči pĩr mā

Yoko jacaré matar intenção 'Yoko vai matar o jacaré'

Em outro estudo sobre o Suyá, Santos (2002) afirma que tanto verbos transitivos quanto intransitivos podem ter formas longa e curta. Em estudo anterior (Santos, 1999 *apud* Santos, 2002), o autor propõe "uma distribuição complementar entre verbos de forma curta que ocorriam como último elemento da oração e os de forma longa que ocorriam em orações negativas, no futuro e progressivas". Exemplos:

302. hẽn wa hw̃isi re<sup>33</sup>

asp 1ps fruta colher 'eu colhi fruta'

303. i - re hw̃isi ren mã

1ps erg fruta colher fut 'eu colherei fruta'

Contudo, dados apresentados nesse estudo (2002) mostram a ocorrência de forma longa em outros ambientes que não os apontados no estudo anterior, como, por exemplo, seguida de um advérbio, ou em orações afirmativas sem estar no futuro ou na forma progressiva. Exemplos:

304. pireje tõ ra hrõn mberi

Menina sing ms correr bem 'a menina correu bem'

305. i - t - a kuru s̃ire

1ps rel coisa comer pouco 'eu como pouco'

Enfim, percebe-se que as condições para o surgimento da forma longa ou da breve em sete línguas da família Jê assemelham-se às do Pykobjê, mas nenhuma das hipóteses explicaria completamente o condicionamento dos casos ocorridos nesta língua.

---

<sup>33</sup> Os destaque são nossos.

#### 4.2.3. As variações morfonológicas do verbo em Pykobjê

A seguir serão listados os verbos encontrados no *corpus*, agrupados de acordo com o tipo de variação, sendo que a primeira forma sempre representa o tempo passado ou a posição não-final nos casos já mencionados. Os verbos que exigem a presença do pronome dependente são apresentados com a forma de 1<sup>a</sup> pessoa.

	<b>Forma longa com n final</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
306.	j-apin	j-api	'procurar'	Trans.
307.	j-akjin	j-akji	'buscar'	Trans.
308.	kjin	kji	'puxar'	Trans.
309.	kin	ki	'ralar'	Trans.
310.	men	me	'derrubar'	Trans.
311.	korən	kora	'matar'	Trans.

	<b>Forma longa com m final</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
312.	ej-kom	ej-ko	'beber'	Intrans.
313.	ej-tem	tẽ	'ir'	Intrans.
314.	ej-tʃəm	tʃa	'levantar'	Intrans.

	<b>Forma longa com r final</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
315.	ej-tʃwir	tʃwa	'banhar'	Intrans.
316.	kwir	kwa	'pegar'	Trans.
317.	j-artʃar	j-artʃa	'correr'	Intrans.

318.	<b>ej-tʃar</b>	tʃa	‘morder’	Intrans.
319.	<b>j-ãr</b>	j-ã	‘levantar’ (da cama)	Intrans.
320.	<b>tʃər</b>	tʃə	‘guardar’	Trans.
321.	<b>j-ahər</b>	j-ahə	‘construir’	Trans.
322.	<b>ej-kator</b>	ej-kato	‘sair’	Intrans.
323.	<b>ej-kotor</b>	ej-koto	‘ir embora’	Intrans.
324.	<b>ej-mõr</b>	mõ	‘andar’	Intrans.
325.	<b>kor</b>	ko	‘comer’	Trans.
326.	<b>j-ahir</b>	j-ahi	‘caçar’	Trans.

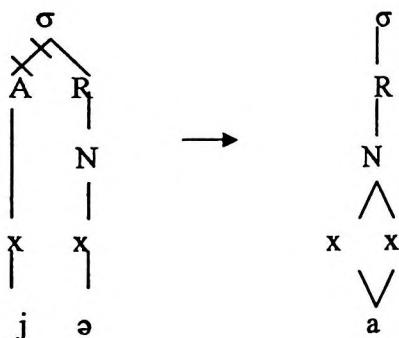
Os verbos ‘banhar’(315) e ‘pegar’ (316) apresentam um abaixamento no timbre da primeira vogal quando estão no tempo não-passado. Aparentemente, não há nenhum condicionamento fonético para a ocorrência desse processo. Os verbos ‘levantar’ (314) e ‘morder’ (318 ) apresentam uma forma breve homônima - tʃa - diferindo nas formas longas - tʃəm - e - tʃar -, respectivamente, o que é um indício de que a forma base é a longa, já que não se pode prever qual consoante será acrescida à forma breve.

Esses verbos também podem ser reagrupados em subclasses de acordo com a presença ou não do pronome dependente, o que será feito ao final da apresentação das variações.

Além da apócope da consoante final, podem ocorrer outros tipos de variação com o verbo:

	<b>Forma longa</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
327.	j-əpin	a:pi	'pescar'	Intrans.
328.	j-əpən	a:pə	'comer'	Intrans.
329.	(k <sup>h</sup> up) j-əpir	(k <sup>h</sup> up) a:pi	'ventar'	Intrans.

Esses verbos, a exemplo dos verbos 'banhar' (315) e 'pegar' (316), apresentam um abaixamento no timbre da primeira vogal. Além disso, apresentam alterações também na forma inicial do verbo. O primeiro segmento da forma longa – o glide j – sofre uma aférese. Tal fenômeno provoca um alongamento na vogal da primeira sílaba, visto que sílabas V não podem se realizar na superfície (Sá, 1999).



O alongamento vocálico é similar ao que ocorre com o pronome dependente de 2<sup>a</sup> pessoa, caracterizando, dessa forma, um grupo específico de verbos. Pode-se relacionar tais casos com outros verbos cuja forma breve apresenta, no lugar de uma vogal alongada, uma sílaba VC, como será visto na seção 5.2.

É interessante notar que a forma longa dos três verbos apresentam o pronome dependente, inclusive o verbo 'ventar', que é defectivo. A forma breve, entretanto, prescinde do pronome, mas um indício de que o glide j não representa um prefixo relacional no caso do verbo 'ventar', mas sim uma forma padrão, já que ele seria obrigatório também na forma

breve. Além disso, esses verbos, quando estão em posição não-final, em tempos não-passado, apresentam redundantemente a marca de 3<sup>a</sup> pessoa, inclusive na suposta relação de contigüidade:

330. ne: k<sup>b</sup>up h -əpir no:re

NEG ‘vento’ 3 NEG

‘não está ventando’

331. ki ha me h- əpin to pra

3 FUT PL 3 ‘pescar’ DIR ‘caminho’

‘eles vão pescar’ (estão a caminho)

332. ne: hōmre h -əpən no:re

NEG ‘homem’ 3 ‘comer’ NEG

‘o homem não está comendo’

Há ainda outros tipos de variação:

	<b>Forma longa</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
333.	ej-pemter	amte	‘sonhar’	Intrans.
334.	ej-pempra:	ampra:	‘acordar’	Intrans.
335.	ej-pespo	aspo	‘brigar’	Intrans.
336.	ej-pespar	aspə	‘criar’	Intrans.

Esses verbos parecem pertencer a uma mesma classe, pois os três apresentam como forma longa uma sílaba inicial CVC cujo primeiro segmento – p – é suprimido na forma breve, tornando-se a sílaba VC, assim como o ponto de articulação da vogal dessa sílaba muda de coronal para dorsal. A única diferença na forma breve desses temas é que os

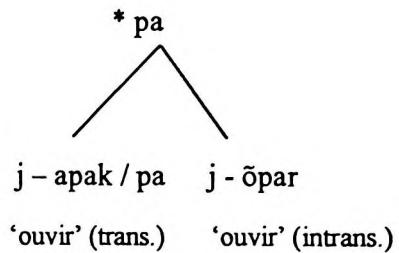
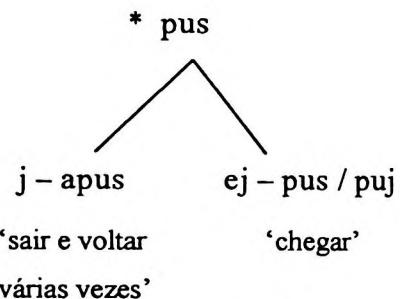
verbos ‘sonhar’ (333) e ‘criar’ (336) possuem uma forma longa com a aproximante **r** no final enquanto que os demais – ‘acordar’ (334) e ‘brigar’ (335) – não apresentam diferença na última sílaba. A sílaba VC das formas breves desses verbos serão objetos de estudo da seção 5.2. A exemplo dos verbos ‘comer’ (327), ‘pescar’ (328) e ‘ventar’ (329), esses verbos também prescindem do pronome dependente na forma breve.

Outras alterações também são vistas com os verbos abaixo:

	<b>Forma longa</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
337.	<b>ej-pus</b>	<b>puj</b>	‘chegar’	Intrans.
338.	<b>j-apak</b>	<b>pa</b>	‘ouvir’	Trans.

Os dois verbos apresentados também prescindem do pronome dependente na forma breve. A alternância do verbo ‘chegar’ (337) quanto aos segmentos coronais fricativo **s** e glide **j** é apresentada na subseção 2.2.1. Quanto ao verbo ‘ouvir’ (338), ocorrem dois processos diferentes. O primeiro é a supressão de toda a primeira sílaba – **ja** – e não somente do pronome pessoal dependente, num caso raro quando se compara com os verbos dos exemplos 327, 328 e 329. O segundo processo é a apócope do último segmento, a oclusiva glotal – **k** – caso único dentre os exemplos.

O interessante desses dois verbos é que ambos se aproximam de dois verbos com mesmo campo semântico: **j-apus** ‘sair e voltar várias vezes’ e **j-ōpar** ‘ouvir’ (com a noção de capacidade; intransitivo). Esses verbos, entretanto, não apresentam variação nas formas, mas pode-se pensar em uma forma básica hipotética que resultou diacronicamente em duas formas diferentes, com sentidos mais específicos:



Uma outra analogia pode ser feita com um nome que pode derivar um verbo transitivo com a partícula causativa {to}:

339. ej - mẽ k<sup>h</sup>ri

1 DAT 'frio'      'eu estou com frio'

340. ej - te to ku j-ak<sup>h</sup>ri

1 ERG CAUS 'água' 'esfriar'      'eu esfriei a água'

Já com outros verbos, ocorre uma mudança parcial ou total da forma:

	<b>Forma longa</b>	<b>Forma breve</b>	<b>Glossa</b>	<b>Valência</b>
341.	j-õt	ŋōr	'dormir'	Intrans.
342.	jəmjōr	jəm <sup>D</sup> gōr	'pagar'	Trans.
343.	kahun	kato	'cozinhar'	Trans.
344.	tʃər	ka	'assar'	Trans.

Ainda que sejam praticamente formas supletivas, as condições para ocorrerem são as mesmas dos verbos vistos anteriormente. O verbo 'assar' apresenta uma forma longa homônima à do verbo 'guardar' - tʃər (exemplo 320) - embora as formas breves sejam diferentes. No caso dos verbos 'dormir' e 'pagar' (341) e (342) não se pode demonstrar a existência de uma forma breve em oposição a uma forma longa, já que não há supressão de

nenhum segmento nas posições esqueletais da sílaba. Esses verbos são também alguns dos poucos exemplos de ocorrência da velar pré-nasalizada <sup>h</sup>g e a alternância entre j e <sup>h</sup>g.

A título de ilustração serão apresentados também os verbos encontrados no *corpus* que não apresentam variação nenhuma, para que se possam comparar suas formas com as dos verbos com formas longa e breve. É importante ressaltar que é nessa subclasse – a dos verbos sem variação – que se encontram os verbos estativos da língua, ou seja, aqueles que apresentam carga semântica próxima dos adjetivos e que, em muitos casos, são utilizados com a partícula causativizadora { to } em relações transitivas.

	Verbo	Glossa	Valência
345.	ko	'estar molhado'	Estativo
346.	ka	'estar crescido'	Estativo
347.	krə	'estar seco'	Estativo
348.	kro	'cheirar mal'	Estativo
349.	krē	'sentar'	Ativo
350.	prə	'estar aceso'	Estativo
351.	pro	'pegar, capturar vivo'	Ativo
352.	kakro	'estar quente'	Estativo
353.	ka:ka	'respirar'	Ativo
354.	kari	'roçar'	Ativo
355.	j - õrə	'dar'	Ativo
356.	həhi	'amarra'	Ativo
357.	haprə	'limpar'	Ativo
358.	popo	'ver'	Ativo
359.	wendi	'vender' (empréstimo)	Ativo

360.	estoda	'estudar' (empréstimo)	Ativo
361.	tom	'estar sujo'	Estativo
362.	hər	'dançar'	Ativo
363.	j - ak <sup>h</sup> ep	'estar cortado'	Estativo
364.	tʃit	'estar queimado, assado'	Estativo
365.	prōprōt	'estar fervido'	Estativo
366.	huk	'pintar o corpo'	Ativo
367.	tək	'estar morto, findo'	Estativo
368.	ka:kuk	'falar'	Ativo
369.	katik	'machucar'	Ativo
370.	j - õpar	'ouvir (faculdade)'	Ativo
371.	j - atoj	'voltar'	Ativo
372.	j - apus	'sair e voltar várias vezes'	Ativo
373.	j - ēpis	'construir'	Ativo
374.	j - akrepes	'saber'	Ativo
375.	empes	'estar bem feito'	Estativo

Analisando as formas desses verbos e comparando-as com as variações entre formas longa e breve dos verbos anteriores, observa-se que um grande número deles não apresentam consoante final e, dentre os que apresentam uma consoante nessa posição, apenas três possuem os segmentos mais comumente encontrados nas formas longas – r, m ou n – **tom** (361), **j-ópar** (370) e **hər** (362); nos demais, as consoantes finais são oclusivas – p, t e k – e aproximantes – j e s (sendo esta última considerada variante da primeira, cf. seção 2.1). Vale ressaltar que a quantidade de verbos ativos que não apresentam variação é

expressivamente menor do que a dos verbos com variações entre formas longas e breves, o que poderia fortalecer a hipótese de um sistema ativo-estativo para essa língua; contudo, é interessante observar a presença de dois empréstimos de verbos ativos do Português – **wendi** e **estoda** – nos quais não ocorre a variação, o que poderia apontar para uma simplificação da morfologia verbal.

Voltando à análise dos verbos que apresentam variação, pode-se ainda agrupá-los em subclasses conforme a exigência ou não da presença do pronome dependente em ambas as formas.

#### a) Verbos intransitivos com pronomes dependentes na forma breve

Forma longa	Forma breve	Glossa
j-artʃar	j-artʃa	‘correr’
j-ẽr	j-ã	‘levantar’ (da cama)
ej-kom	ej-ko	‘beber’
ej-kator	ej-kato	‘sair’
ej-kotor	ej-koto	‘ir embora’

#### b) Verbos intransitivos sem pronomes dependentes na forma breve

Forma longa	Forma breve	Glossa
j-apak	pa	‘ouvir’
j-əpin	a:pi	‘pescar’
j-əpən	a:pə	‘comer’
k <sup>h</sup> up j-əpir	k <sup>h</sup> up a:pi	‘ventar’
j-õt	ŋõr	‘dormir’

ej-tʃar	tʃa	'morder'
ej-tʃəm	tʃa	'levantar'
ej-tʃwir	tʃwa	'banhar'
ej-tem	tē	'ir'
ej-pus	puj	'chegar'
ej-mõr	mõ	'andar'
ej-pemter	amte	'sonhar'
ej-pempra	ampra:	'acordar'
ej-pespo	aspo	'brigar'
ej-pespar	aspá	'criar'

Relembrando a análise das funções exercidas pelos pronomes dependentes na subseção 4.1.2, é interessante notar que todos os verbos intransitivos encontrados no *corpus* exigem a presença do pronome dependente na forma longa, lembrando que essa ocorre não somente no tempo passado, mas também com o verbo em posição não-final seguido de certas partículas e apenas uma pequena subclasse de verbos apresenta o pronome dependente redundantemente na forma breve (essa sim restrita aos tempos não-passado).

### c) Verbos transitivos com pronomes dependentes em ambas as formas

Forma longa	Forma breve	Glossa
j-akjin	j-akji	'buscar'
j-apin	j-api	'procurar'
j-ahər	j-ahə	'construir'
j-ahir	j-ahi	'caçar'

**d) Verbo transitivo com pronome dependente na forma longa**

j-əmjör	j-əm <sup>º</sup> gōr	'pagar'
---------	-----------------------	---------

**e) Verbos transitivos sem pronomes dependentes**

Forma longa	Forma breve	Glossa
kjin	kji	'puxar'
kin	ki	'ralar'
men	me	'derrubar'
kwir	kwa	'pegar'
tʃer	tʃə	'guardar'
kor	ko	'comer'
kahun	kato	'cozinhar'
tʃer	ka	'assar'
korən	kora	'matar'

Já com os verbos transitivos, há duas pequenas subclasses de verbos que apresentam redundantemente os pronomes dependentes, coincidentemente todos iniciando-se com vogal, e uma subclasse maior de verbos junto aos quais não se encontram os pronomes. A subclasse dos temas verbais iniciados por vogal deve ser analisada com mais profundidade em estudos futuros sobre formas derivadas, uma vez que pode haver uma correlação com a formação do verbo 'esfriar' a partir da causativização de 'frio' – j-akri < kri – como visto anteriormente.

Enfim, os dados apresentados permitem traçar algumas hipóteses sobre a ocorrência das formas breve e longa no Pykobjê.

Primeiro, os falantes fazem distinção clara entre uma forma e outra, não sendo, portanto, apenas uma variação fonética, diferindo do que ocorre com o Panará (Dourado, 2001).

Segundo, tais variações ocorrem somente com verbos ativos, tanto transitivos quanto intransitivos, à semelhança do que afirma Santos (2002) para o Suyá.

Terceiro, é evidente o fato de que em orações independentes, nas quais o verbo ocupa a posição final, a forma longa ocorre num tempo passado e a forma breve em tempos não-passado, podendo, inclusive, assemelhar-se às hipóteses de Dourado (2001), de Araújo (1989) e de Ferreira (2003) quanto aos aspectos perfectivo e imperfectivo. A essa hipótese pode-se somar as propostas de Wiesemann (1986) para o Xerente, de Reis e Silva & Salanova (2002) para o Mẽbengokrê e de Ferreira (2003) para o Parkatejê quanto à marcação de caso, já que as formas longa e breve operam com pronomes pessoais diferentes na função de sujeito, embora este tópico não tenha sido tratado neste estudo.

Quarto, quando a posição final da oração é ocupada pela partícula de negação {**no:re**}, o que sempre ocorre, independendo do aspecto em que estiver o verbo, a forma longa é que aparece. Esse fato é opcional na presença de alguns quantificadores como ‘muito’ (**kate, rat**) e ‘pouco’ (**kri:re**), que também podem aparecer em posição final, mas não necessariamente, e não ocorre com advérbios de tempo como ‘agora’ (**kormə**), ‘ainda’ (**ri?mə**), ‘cedo’ (**ejrərənɪ**) e ‘tarde’ (**tʃəre**), cuja posição canônica não é final de oração. A posição não-final seguida de marca de negação aparece também nas propostas de Reis e Silva & Salanova (2002) para o Mẽbengokrê e de Santos (2002) para o Suyá.

A hipótese de Souza (1997) de que os segmentos finais das formas longas sejam reduções de advérbios de movimento parece improvável no Pykobjê, já que tais formas não ocorrem somente com verbos de movimento, embora exista o caso único no *corpus* da partícula { to } que indica direção e também condiciona a ocorrência da forma longa.

Com essas hipóteses, todas de caráter morfossintático, fica descartada a possibilidade de que a ocorrência da forma longa tenha motivações fonológicas ou prosódicas. Contudo, novos estudos sobre as várias possibilidades de formas longas e breves em textos mais longos, como narrações, e mais espontâneos, como diálogos, auxiliarão na compreensão desse fenômeno nas línguas Jê.

#### **4.2.4. O papel da negação nos estudos das línguas do complexo Timbira**

Analisando o papel da partícula de negação no condicionamento das formas longas e breves do Pykobjê e em outras línguas do complexo Timbira, foram constatados dois fatos que parecem diferenciar a língua em estudo das demais do mesmo grupo: a dupla negação através da utilização de duas partículas – **ne:** e **no:re**– e o marcador de negação no tempo futuro – **wir** – , conforme descrito em Amado (2003b). As próximas subseções tratarão desses dois fenômenos no Pykobjê, através de sua descrição e análise comparativa com outras línguas do complexo Timbira.

#### **4.2.4.1. O verbo e a dupla negação em Pykobjê**

A partícula {**no:re**} representa no Pykobjê a marca de negação típica das línguas Timbira (Krahô e Ramkokamekrá – **nare** ; Apaniekrá - **nare** ; Parkatejê – **nōre/inūare**; Krinkati – **nore**). Entretanto, no Pykobjê, a presença de uma outra partícula nas sentenças negativas é obrigatória – o {**ne:**}.

Sua ocorrência foi exaustivamente testada junto aos informantes Gavião. Todos, sem exceção, declararam ser agramatical a realização de uma sentença negativa sem a presença dessa partícula

Quanto à ocorrência de uma partícula correlata nas demais línguas do complexo Timbira, dois estudos citam-na como presente nas línguas em questão, o de Alves (2001) sobre o Apaniekrá e o de Popjes & Popjes (1986) sobre o Ramkokamekrá, sendo que apenas o de Popjes & Popjes faz referência a um papel semântico específico na frase. Outros estudos – Souza (1997) sobre o Krahô, Araújo (1989) e Ferreira (2003) sobre o Parkatejê – citam exemplos de frases negativas, nas quais não ocorre a presença de nenhuma partícula correlata. Quanto ao Krinkati, embora não haja estudos acadêmicos realizados até o presente, os próprios índios Pykobjê, que mantêm contato freqüente com integrantes desse grupo, confirmam a existência da dupla negação nessa língua, fato que também comprovei na oficina de grafia uniformizada Timbira realizada em dezembro de 2003.

O estudo de Popjes & Popjes (1986) aponta uma função semântica específica para a partícula { **ne:** } no Ramkokamekrá: a idéia de ‘nem mesmo, nem assim’ (*not even*).

376. i - picahur ne ne: i - cator nare  
1 'correr' CONJ NEG 1 'chegar' NEG 'I ran but didn't (even) arrive'<sup>34</sup>

Em outras sentenças negativas, a partícula não ocorre. Já o estudo de Alves (2001), embora não se aprofunde na questão da partícula *nẽ*, propõe a existência de um sistema ergativo cindido no Apāniekrá cujas características seriam a presença da posposição *-te*, o verbo na forma longa, sujeito expresso por pronome dependente, entre outras. Ora, como a posição da negação é sempre pós-verbal, o que condiciona a forma longa do verbo, similarmente ao que foi visto na seção 4.2.1. no Pykobjê, a negação seria, desta forma, mais um fator motivador para explicar a existência de um sistema ergativo cindido no Apaniekrá, conforme exemplo abaixo:

377. ku - k<sup>h</sup>rẽ  
3 - 'comer' 'coma!'
378. nẽ i? - k<sup>h</sup>rẽr nare  
NEG 3 - 'comer' NEG 'não coma!'

Dahl (1979), em um estudo tipológico sobre a negação, analisou 240 línguas e constatou em poucas delas a presença de duas partículas expressando negação. O caso mais conhecido é o do Francês, que apresenta as partículas *ne* e *pas*, mas línguas maias e celtas também relataram tal fenômeno. Para explicá-lo o autor se vale da hipótese histórica de Jespersen (1949) de que em algumas línguas o advérbio negativo torna-se semanticamente enfraquecido e uma outra palavra passa a ganhar o status de negação, até que finalmente o

---

<sup>34</sup> Tradução: 'eu corri mas nem assim cheghei' (p. 149).

original acaba desaparecendo. Para exemplificar esse ciclo, ele se vale do Francês:

379.	non	dico	(Latim)	
	NEG	'dizer'	'eu não digo'	
	jeo	ne	di	(Francês antigo)
	1	NEG	'dizer'	
	je	ne	dis pas	(Francês moderno literário)
	1	NEG	'dizer' NEG	
	je	dis	pas	(Francês moderno coloquial)
	1	'dizer'	NEG	

No Português, expressões do tipo “*eu não vou não*” e “*eu não quero nada*” corroboram a hipótese do enfraquecimento semântico do advérbio de negação ou do pronome negativo e do conseqüente surgimento de uma outra palavra para reforçar a idéia negativa, no caso o próprio advérbio de negação; contudo, nesta língua, não há nenhum indício recente de desaparecimento do advérbio original ou do pronome, como tem acontecido no Francês.

São necessários, portanto, mais estudos comparativos não só com as línguas do complexo Timbira, mas também com outras línguas Jê, para se compreender se este é um fenômeno recente no Pykobjê ou se é um resquício de uma construção antiga conservada nesta língua.

#### 4.2.4.2. A negação no futuro: uma ruptura nos tempos não-passado

Estudos morfossintáticos feitos com línguas Timbira têm apontado a existência de apenas dois tempos verbais: o passado e o não-passado. Tal classificação resulta do fato de que os verbos nos tempos presente e futuro mantêm suas formas inalteradas, marcando-se a diferença apenas pelo uso de uma partícula modalizadora de futuro, no caso do Pykobjê – o **ha** - e de várias partículas aspectuais. Além disso, os pronomes pessoais utilizados variam se o verbo ativo estiver no passado ou no não-passado, como foi visto na seção 4.1.2.

Exemplos:

380. **wa ha ku jakji**

1 FUT ‘água’ ‘buscar’ ‘eu vou buscar água’

381. **wa ku jakji**

1 ‘água’ ‘buscar’ ‘eu estou buscando água’

382. **ej - te ku jakjin**

1 ERG ‘água’ ‘buscar’ ‘eu busquei água’

Contudo, a negação parece apontar uma diferenciação do Pykobjê quanto a outras línguas do complexo Timbira. Há uma opção de se marcar a negação nas orações que estejam no futuro. Ao invés de utilizar-se a dupla negação - {ne:} e {no:re} - a partícula que aparece com muito mais freqüência é {wir} entre o sujeito e o objeto ou mesmo antes do sujeito, em início de frase. Ocorrendo esta partícula, não se usa o {ha}, pois já está

indicado o tempo futuro. A partícula {wir} seria o que na literatura denomina-se morfema *portemanteau*, já que acumula as funções de negação e de futuro. É importante ressaltar também que, ao se utilizar essa partícula, não se usa a dupla negação, vista na subseção anterior. Exemplos:

383. **wir**      wa    ku    jakji

NEG/FUT 1    'água' 'buscar'

'eu não vou buscar água'

384. **wa    ne:**    ku    jakjin    **no:re**

1    NEG 'água' 'buscar' NEG

'eu não estou buscando água'

Embora seja de uso opcional, este morfema aponta uma cisão entre os tempos futuro e presente, considerados até então como não-passado. Essa classificação, baseada na mudança ou não das formas verbais, e não na presença de partículas de tempo, deve ser, portanto, reavaliada.

No trabalho de Popjes & Popjes (1986) há a citação de uma partícula correlata - **wyr** - mas que apresenta um significado específico, de ser a resposta negativa a um imperativo, com a presença da partícula {ha}.

385. **wyr**    wa    ha    to

NEG 1    FUT 'fazer'

'I won't do it'<sup>35</sup>

O Tuyuca, língua do tronco Macro-Tucano, falado na Amazônia colombiana e na brasileira, segundo estudo de Barnes (1994), apresenta inúmeros sufixos para expressar a

---

<sup>35</sup> Tradução: 'eu não farei isto' (p. 162)

negação, dentre os quais, um que nega verbos e verbos nominalizados no passado e no futuro – { -ri } – e um outro que nega verbos nominalizados no presente – { -e }. O Kamaiurá, língua Tupi-Guarani, segundo Seki (2000), também apresenta sufixos, partículas e um proclítico para formar construções negativas, dependendo do tipo de oração (se dependente ou independente), do modo verbal nas orações independentes (se declarativa, imperativa, exortativa, existencial), da natureza do predicado não-verbal nas orações independentes, do tipo de relação expressa nas orações independentes não-verbais e do escopo da negação. Dessa forma, não é raro encontrarem-se partículas distintas para expressar a negação nos tempos verbais e nos tipos de oração e um estudo comparativo com as demais línguas Jê poderia apontar talvez situações análogas.

Ainda com relação às alternâncias entre formas longas e breves condicionadas à presença da partícula de negação pós-verbal, como foi analisado na seção 4.2.1. é interessante notar que não é apenas o aspecto semântico o motivador da escolha da forma, visto que na presença do morfema *portemanteau* - *wir* - tal fato não ocorre. Assim, é possível afirmar que tanto a carga semântica negativa quanto a posição pós-verbo acarretam a mudança da forma verbal.

Portanto, a análise realizada sobre o papel da negação e os tempos verbais no Pykobjê permite-nos chegar a duas conclusões: I. a dupla negação é obrigatória no Pykobjê e também no Krinkati, aparece no Apaniekrá; adquire um aspecto semântico diferenciado no Ramkokamekrá; e não ocorre, ao menos nos estudos até hoje feitos, no Krahô e no Parkatejê; II. há, no Pykobjê, uma opção à dupla negação no tempo futuro com a utilização do morfema *portemanteau* {*wir*}, o que, inclusive, ocasiona uma cisão nos tempos não-passado – presente e futuro.

## **5. ASPECTOS DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL DO PYKOBJÊ**

A morfologia derivacional envolve dois processos de formação de palavras: a derivação propriamente dita e a composição. Entende-se que a derivação está relacionada à afixação, isto é, à junção de nomes ou verbos com prefixos e sufixos, e a composição relaciona-se com a junção de duas raízes nominais ou de uma raiz e um termo de classe.

Este capítulo se subdivide em duas seções: a primeira analisa a relação entre derivação/composição e alongamento vocálico e padrão acentual; já a segunda descreve e analisa possibilidades da sílaba VC como prefixo na formação de palavras.

## **5.1. Formação de palavras e alongamento vocálico**

Analizando os dados de que disponho acerca do alongamento vocálico em Pykobjê, pude estabelecer um panorama acerca das possibilidades desse processo na língua. O alongamento ocorre principalmente em nomes; há casos esparsos de tal processo na classe dos verbos, como foi visto na seção 4.2.3., e no pronome de 2<sup>a</sup> pessoa, motivado pela preservação da estrutura silábica. No caso dos nomes, aparentemente há uma motivação prosódica devido ao padrão acentual, que permanece na composição de raízes distintas ou de raiz + termo de classe ou na afixação de raiz + sufixo derivacional.

Em Sá (1999) propus um processo de alongamento compensatório em determinados nomes compostos, cujo primeiro radical portaria em posição de coda uma consoante não-especificada quanto ao ponto de articulação – a saber a glotal **h** que se realiza como ? – a qual, ao formar a nova palavra, sofreria um apagamento, causando um alongamento na vogal precedente. Contudo, após inúmeros testes com os informantes, cheguei à conclusão de que tal processo não é obrigatório, visto que a consoante glotal pode variar ou não com uma vogal alongada ou ainda com uma vogal breve nos radicais mencionados. Abaixo seguem alguns exemplos de compostos formados com a junção de raiz + termo de classe ou raiz + raiz:

	RAIZ	RAIZ / TERMO DE CLASSE	NOME COMPOSTO
386.	pẽ? ~ pẽ: ~ pẽ	krat	pẽ:krat
	‘árvore’	‘ângulo, canto’	‘tronco’
	pẽ? ~ pẽ: ~ pẽ	k <sup>b</sup> ə	pẽ:k <sup>b</sup> ə
	‘árvore’	‘o que reveste’	‘casca’
387.	to? ~ to: ~ to <sup>36</sup>	hu	ej-to:hu
	‘olho’	‘pêlo’	‘meus cílios’
	to? ~ to: ~ to	k <sup>b</sup> ə	ej-to:k <sup>b</sup> ə
	‘olho’	‘o que reveste’	‘minha pálpebra’
388.	pa? ~ pa: ~ pa	krat	ej-pa:krat
	‘braço’	‘ângulo’	‘meu antebraço’
	pa? ~ pa: ~ pa	k <sup>b</sup> ön	ej-pa:k <sup>b</sup> ön
	‘braço’	‘ligação, nó’	‘meu cotovelo’
389.	te? ~ te: ~ te	jẽ	ej-te:jẽ
	‘perna’	‘carne’	‘minha panturrilha’
	te? ~ te: ~ te	he	ej-te:he
	‘perna’	‘osso’	‘minha canela’

A mesma variação, ou seja, entre vogal breve ou longa na primeira sílaba, ocorre com as palavras formadas pelo processo de composição. É importante relatar que todos os nomes compostos apresentam acentuação à margem direita, ou seja, todos são oxítonos. Estes nomes, como outros que serão vistos a seguir, formam um grupo de palavras que diferenciam a língua Pykobjê das demais línguas do complexo Timbira. Tal fato foi atestado na elaboração das listas de palavras pelos participantes da oficina de grafia uniformizada realizada em dezembro de 2003, onde ficou claro que, com exceção da língua

---

<sup>36</sup> Os exemplos 387, 388 e 389 designam nomes inalienáveis, que sempre vêm acompanhados de pronomes pessoais.

Krinkati, as demais – Ramkokamekrá, Krahô, Apâniekrá – apresentam raras palavras em que há alongamento vocálico, ao contrário do que acontece com o Pykobjê, como atestam os exemplos constantes nas listas (apêndice). Tal fato parece demonstrar uma tendência nesta língua de apresentar sílabas pesadas, ainda que as mesmas não portem acento. A seguir outros exemplos:

- |      |                        |               |
|------|------------------------|---------------|
| 390. | <b>k<sup>h</sup>ə:</b> | ‘pátio’       |
| 391. | <b>pu:</b>             | ‘palha’       |
| 392. | <b>hi:</b>             | ‘roupa, pano’ |
| 393. | <b>ku:</b>             | ‘piolho’      |
| 394. | <b>kra:</b>            | ‘paca’        |
| 395. | <b>mə̄:</b>            | ‘ema’         |
| 396. | <b>tʃo:</b>            | ‘cachorro’    |
| 397. | <b>rō:</b>             | ‘coco’        |
| 398. | <b>kru:</b>            | ‘porco’       |
| 399. | <b>pō:</b>             | ‘campo’       |

Os exemplos de 393 a 399 constam das referidas listas elaboradas no encontro (apêndice) e assinalam casos que as demais línguas Timbira apresentam vogal breve enquanto no Pykobjê não há variação, havendo sempre alongamento das vogais.

Tal alongamento permanece obrigatoriamente quando o monossílabo torna-se componente de uma nova palavra (exemplos de 396 a 399), deixando, contudo, de portar o acento, que se desloca para a última sílaba, seguindo o padrão acentual da língua (Sá, 2003).

	RAIZ	RAIZ / TERMO DE CLASSE	NOME COMPOSTO
400.	tʃo:	re	tʃo:'re
	'cachorro'	DIMIN	'raposa'
401.	tʃo:	te	tʃo:'te
	'cachorro'	AUMENT	'lobo guará'
401.	rõ:	pər	rõ:'pər
	'babaçu'	'pé-de-'	'pé-de-babaçu'
401.	rõ:	hu	rõ:'hu
	'babaçu'	'folha, palha'	'palha do babaçu'
401.	rõ:	k <sup>h</sup> ə	rõ:'k <sup>h</sup> ə
	'babaçu'	'casca'	'casca do babaçu'
402.	kru:	twim	kru:'twim
	'porco'	'banha, gordura'	'banha de porco'
402.	kru:	re	kru:'re
	'porco'	DIMIN	'caitetu'
402.	kru:	jẽ <sup>h</sup>	kru:'jẽ <sup>h</sup>
	'porco'	'carne'	'carne de porco'
403.	põ:	re	põ:'re
	'campo'	DIMIN	'grama'
403.	põ:	te	põ:'te
	'campo'	AUMENT	'capim alto, chapada'
403.	põ:	hə	põ:'hə
	'campo'	'semente'	'milho'

Prosseguindo com a análise dos dados, seguem abaixo exemplos de palavras dissílabas e trissílabas que apresentam alongamento vocálico na penúltima e na antepenúltima sílabas.

### Alongamento vocálico na penúltima e na antepenúltima sílaba

404. a:'pən	'piranha'	419. kra:.te'pər	'samambaia'
405. a:.tʃor'te	'mutum'	420. ti:'re	'carrapato'
406. a:.tʃə?'te	'veado galheiro'	421. ko:'kin	'cotia'
407. as.tə:'tʃə	'marimbondo amarelo'	422. ko:.prot'te	'marimbondo branco'
408. hē:'pu	'lagoa'	423. ko:'krat	'anta'
409. ha:'hi	' ninho'	424. ko:'tʃoj	'pato'
410. ka:.po'te	'jaó'	425. ko:'pət	'guariba'
411. ka:'pre	'garça'	426. ko:'kuj	'macaco'
412. ka:'pir	'bacaba'	427. kri:'re	'tatu-china'
413. ka:.puk're	'uiti-da-chapada'	428. hi:'re	'aranha'
414. ka:.puk'te	'uiti-da-mata'	429. 'hi:.re	'magro'
415. ka:'tʃwa	'sal'	430. 'kri:re	'pequeno (para objetos)'
416. kə:'hə	'fogo'	431. 'krẽ:.re	'pouco (adj.)'
417. ka.ti:'re	'estrela'	432. 'no:.re	'não' (adv. negação)
418. ka.ti:'te	'estrela grande'		

Dos dados acima, pode-se observar que das 29 palavras arrroladas, apenas 4 (cerca de 15%) apresentam padrão acentual diferenciado, tendo o acento recaído na sílaba cuja vogal está alongada, duas dessas, inclusive, formam pares mínimos com palavras cujo acento recai na última sílaba: os exemplos (427) *kri:re* e (430) *'kri:re* e (428) *hi:'re* e (429) *'hi:.re*. Ora, o Pykobjê apresenta um pé métrico dominante à direita (mais de 90% do *corpus* analisado durante o mestrado contava com esse padrão) e, considerando-se os dados acima, comprova-se que a língua, embora privilegie sílabas pesadas, com mais de uma

mora, não é sensível ao peso silábico, ainda que apresente o sistema iâmbico, conforme postula Hayes (1995).

Dentre os exemplos acima arrolados, há casos claros de palavras compostas, cujas raízes, contudo, não são encontradas livremente no léxico. Alguns nomes de animais apresentam o sufixo de aumentativo incorporado ao próprio nome, talvez designando o porte do animal, mesmo se tratando de insetos (comparando-se o tamanho de certos insetos com outros) como é o caso dos exemplos 405, 406, 410 e 422:

- |             |                     |
|-------------|---------------------|
| a:.tʃor'te  | 'mutum'             |
| a:.tʃəʔ'te  | 'veado galheiro'    |
| ka:.po'te   | 'jaó'               |
| ko:.prot'te | 'marimbondo branco' |

Exemplos desse tipo de incorporação do aumentativo com nomes de animais seguem abaixo:

- |                                |                                    |
|--------------------------------|------------------------------------|
| 433. hək <sup>h</sup> ate      | 'jibóia'                           |
| 434. roʔte                     | 'sucuri'                           |
| 435. prəmte                    | 'borrachudo'                       |
| 436. pohotte                   | 'mutuca'                           |
| 437. prutte                    | 'sapo'                             |
| 438. k <sup>h</sup> ikatetekte | 'teiú'                             |
| 439. roʔte                     | 'juruva '                          |
| 440. krijtē                    | 'papagaio'                         |
| 441. krote                     | 'mucura' (um tipo de gambá grande) |
| . 442. k <sup>h</sup> ete      | 'cascudo'                          |

Outros casos envolvem o sufixo de diminutivo, também incorporado ao próprio nome, seguindo a mesma noção de porte do animal, como nos exemplos 420, 427 e 428:

ti:<sup>h</sup>re                  'carrapato'

kri:<sup>h</sup>re                  'tatu-china'

hi:<sup>h</sup>re                  'aranha'

O mesmo tipo de incorporação é visto nos exemplos abaixo:

- |      |                          |              |
|------|--------------------------|--------------|
| 443. | a? <sup>h</sup> torre    | 'lambu'      |
| 444. | jojojre                  | 'permilongo' |
| 445. | jonre                    | 'beija-flor' |
| 446. | k <sup>h</sup> rēre      | 'periquito'  |
| 447. | k <sup>h</sup> rətjarare | 'mariposa'   |
| 448. | k <sup>h</sup> upre      | 'mosquito'   |
| 449. | krawkrawre               | 'socó'       |
| 450. | pakre                    | 'escorpião'  |
| 451. | po? <sup>h</sup> pojre   | 'barata'     |
| 452. | popejre                  | 'cabra'      |
| 453. | popore                   | 'surubim'    |
| 454. | promre                   | 'formiga'    |
| 455. | prəmre                   | 'pium'       |
| 456. | ropre                    | 'gato'       |
| 457. | totre                    | 'pomba'      |
| 458. | wapre                    | 'pulga'      |
| 459. | wetre                    | 'calango'    |

Analisando os exemplos acima, podemos agrupar os animais de acordo com a classificação de aves, répteis, mamíferos, anfíbios, insetos etc e teremos:

- a) três aves de porte médio: o mutum, o jaó e o papagaio (405, 410 e 440);
- b) três répteis relativamente grandes: a jibóia, a sucuri e o teiú (433, 434 e 438);
- c) três insetos comparativamente maiores a outros: o marimbondo branco, o borrachudo (comparado com o pium, exemplo 455) e a mutuca (422, 435 e 436);
- d) dois mamíferos relativamente grandes: o veado galheiro e o mucura (uma espécie grande de gambá – exemplos 406 e 441).

Quanto ao cascudo (442), poder-se-ia compará-lo ao surubim (453); entretanto, ambos os peixes têm tamanhos semelhantes. Quanto ao sapo (437), não é possível estabelecer comparações com nomes de animais do *corpus*, já que não disponho dos termos para ‘perereca’ ou ‘rã’, por exemplo, e, em relação à juruva (439), por ser um pássaro relativamente pequeno não há como avaliar o significado do sufixo {-te}, se realmente for uma palavra segmentável.

Em relação ao sufixo do diminutivo {-re}, encontramos:

- a) um grande número de insetos: aranha (428), carapato (420), pernilongo (444), mariposa (447), mosquito (448), escorpião (450), barata (451), formiga (454), pium (455) e pulga (458);
- b) um grupo de pássaros menores: lambu (443), periquito (446), socó (449), beija-flor (445) e pomba (457);
- c) mamíferos de pequeno porte como o tatu-china (427), a cabra (452) e o gato (456);
- d) um réptil, o calango (459), um lagarto bem menor do que o teiú (438).

É possível, dessa forma, estabelecer, ainda que de forma incipiente, uma classificação de animais em Pykobjê, considerando os sufixos {-te} e {-re} como termos de classe. É claro que muitos outros nomes de animais não possuem esse termo incorporado,

como se pode verificar na lista elaborada pelos participantes da oficina de grafia (apêndice), mas, de qualquer forma, deve-se levar em conta esse tipo de incorporação lexical.

Outros exemplos encontrados ainda com esses sufixos relacionam-se com nomes de plantas como: uiti-da-chapada (413) e uiti-da-mata (414), os quais os próprios informantes disseram ter diferença no tamanho. Ainda encontram-se no *corpus* outros espécimes de plantas que, aparentemente, podem apresentar alguma relação de tamanho com os sufixos que apresentam (se forem segmentáveis) como ‘açaí’ – **tire** –, ‘pau d’arco’ – **tukre** –, ‘tucum’ – **ronre** –, ‘capim-miçanga’ – **a?kare** –, ‘coco-da-praia’ – **rōte** –, ‘jenipapo’ – **prute** – e ‘pimentão’ - **pirhə?te**.

Cabe ainda ressaltar que muitos testes com os informantes foram feitos procurando possíveis relações entre palavras que poderiam ser formadas por outros termos de classe, como no caso da sílaba / ka:- / dos exemplos 410 e 411 (que designam animais) e dos exemplos de 412 a 414 (que designam frutos), assim como o caso da sílaba / ko:- / dos exemplos de 421 a 426 (que designam animais). Contudo, nenhuma relação de classificação foi estabelecida. No estudo de Reis e Silva & Salanova (2000) sobre o Mẽbengokrê, os autores apontam também para uma possível classe de “animais maiores”, nem todos comestíveis, que têm o nome iniciado por /ku/: {kunūm} ‘cutia’, {kukruwt} ‘anta’, {kukoj} ‘macaco’, {kukej} ‘cobaia’, {kubwt} ‘macaco-guariba’ (não-comestível) e {kubē} ‘homem branco, bárbaro’ (não-comestível). Há uma possibilidade, portanto, dessa sílaba - / ko:- / no Pykobjë e / ku- / no Me bengokrê – ser um prefixo classificador; para tanto, um estudo mais aprofundado sobre o léxico das línguas Jê deve ser feito.

À guisa de complementação, voltando ao alongamento vocálico, seguem abaixo

dados que, embora em menor número, exemplificam casos de alongamento na última sílaba sobre a qual recai, invariavelmente, o acento.

#### Alongamento vocálico na última sílaba

460. a: <sup>1</sup> jo:	'anzol'	464. h-a' <sup>1</sup> ra:	'braço dele'
461. am' <sup>1</sup> krə:	'seca'	465. kre' <sup>1</sup> ru:	'cará, inhame'
462. am' <sup>1</sup> re:	'acabado, findo'	466. kom' <sup>1</sup> tʃi:	'bacuri'
463. ja' <sup>1</sup> ka:	'branco (cor)'	467. rop' <sup>1</sup> kro:	'onça pintada'

Com todos esses exemplos citados poder-se-ia concluir que o Gavião Pykobjê, ao contrário das demais línguas do complexo Timbira, prioriza sílabas pesadas tanto em monossílabos quanto em palavras com número maior de sílabas, mesmo que aquelas não sejam as portadoras do acento, sem que o alongamento seja subjacente. Contudo, tomando-se como modelo o estruturalismo de Troubetzkoy (1973), o qual preconiza como primeiro passo para a identificação de unidades distintivas de uma língua a ocorrência de pares mínimos, chega-se a um impasse, tendo-se em vista a existência de pares mínimos contrastando vogais breves e vogais longas:

468.	hi	'genitália feminina'	hi:	'roupa, pano'
469.	ku	'água'	ku:	'piolho'
470.	k <sup>h</sup> ə	'o que reveste'	k <sup>h</sup> ə:	'pátio'
471.	ti're	'açaí'	ti: <sup>1</sup> re	'carrapato'

Tais dados foram exaustivamente testados e todos os informantes foram

categóricos em afirmar a distinção entre as palavras mencionadas. Seriam as vogais desses exemplos realmente longas no léxico e as apresentadas nos exemplos anteriores resquícios de um alongamento subjacente que persiste no Pykobjê e que tem desaparecido gradualmente nas outras línguas Timbira? O presente estudo não tem condições de responder a essa questão. Comparações feitas com outros segmentos – como o caso da fricativa sibilante – e com outros níveis de análise lingüística – como o caso da dupla negação – entre o Pykobjê e as demais línguas Timbira têm apontado para um possível conservadorismo dessa língua em relação às outras; contudo, será necessário um estudo comparativo mais aprofundado visando a uma reconstituição do proto-Timbira para que questões como a do alongamento vocálico possam ser melhor compreendidas.

## 5.2. A sílaba VC como prefixo

A sílaba VC somente ocorre em início de palavra, podendo ser considerada um *edge effect* (efeito de borda; Blevins, 1995). A hipótese inicial é de que essa sílaba sempre representa um prefixo na formação de palavras. Analisando todas as ocorrências encontradas no *corpus*, pude depreender dois principais ambientes em que ela ocorre – como pronome pessoal dependente e como prefixo generalizador.

### Pronomes pessoais/possessivos

	<b>ej</b>	1p
472.	<b>ej-k<sup>h</sup>ẽ</b>	‘meu cabelo’
	<b>eh<sup>37</sup></b>	3p
473.	<b>e?-k<sup>h</sup>rit</b>	‘nariz dele’

### Prefixo generalizador - a?

474.	<b>a?-rẽ</b>	‘flor’	480.	<b>a?-pri</b>	‘palha’
475.	<b>a?-hu</b>	‘folha’	481.	<b>a?-kit</b>	‘mato’
476.	<b>a?-tʃu</b>	‘fruto’	482.	<b>a?-kot</b>	‘morro’
477.	<b>a?-hə</b>	‘semente’	483.	<b>a?-kotte</b>	‘montanha’
478.	<b>a?-k<sup>h</sup>ru</b>	‘cipó, timbó’	484.	<b>a?-k<sup>h</sup>rare</b>	‘criança’
479.	<b>a?-jẽ</b>	‘carne’	485.	<b>a?-to</b>	‘raízes e plantas medicinais’

<sup>37</sup> A glotal fricativa h sempre se realiza como oclusiva ?.

Os nomes acima citados podem ser encontrados sem a presença do prefixo generalizador (GEN), desde que tenha sido mencionado a quem eles pertencem ou estão relacionados, como segue nos exemplos abaixo:

486. wa ha a? - tʃu ko  
1 FUT GEN ‘fruto’ ‘comer’ ‘eu vou comer fruta’
487. tem ri?mə hu ?  
INT DUR ‘fruto’ ‘ainda está dando fruta?’  
(olhando para uma mangueira)

Além disso, tais nomes ou termos de classe podem compor novas palavras, como demonstram os exemplos abaixo:

488. rẽj - rẽ                          491. pratʃi - hə  
‘flor de laranjeira’                          ‘semente de melancia’
489. pop - hu                                  492. prəte - jẽ  
‘folha da bananeira’                                  ‘carne de vaca’
490. krow - tʃu                                  493. po:hə - pri  
‘fruto do buriti’    ‘palha de milho’

Além desses dados dos pronomes pessoais e do prefixo generalizador, há ainda mais duas possibilidades de prefixos, ocorrendo com menos freqüência.

O primeiro deles tem relação direta com o pronome pessoal de 3<sup>a</sup> pessoa: { e?- }. Foi encontrado em apenas um nome composto: e?ka:põntʃə 'vassoura'. Este se forma a partir de um verbo, como será visto a seguir.

494. ej - te ej - k<sup>b</sup>re ka:põn

1 ERG 1 'casa' 'varrer' 'eu varri minha casa'

495. ej - te e? - ka:põn

1 ERG 3 'varrer' 'eu a varri'

496. wa ha e? - ka:põ

1 FUT 3 'varrer' 'eu vou varrê-la'

497. e? - ka:põn - tʃə

3 'varrer' NOM 'aquilo que varre, vassoura'

Percebe-se, dessa forma, uma incorporação do pronome dependente de 3<sup>a</sup> pessoa com função de objeto à raiz do verbo. Esta, por sua vez, assume a forma longa e recebe o sufixo nominalizador { - tʃə }. Este fenômeno poderia ser denominado de incorporação por justaposição, conforme Mithun (1984). Contudo, a autora se refere à junção de nome + verbo para resultar em um predicado intransitivo; neste caso, a junção é de pronome + verbo + sufixo, resultando em um novo nome.

Este sufixo é encontrado também em outros nomes da cultura material dos Pykobjê como həmkjentsə 'cesta' e k<sup>b</sup>ajhə?tekajpirtʃə 'abano de talo de buriti'.

Um segundo caso de prefixo tem relação com uma possível generalização de verbos transitivos após a junção de um prefixo { aw - }.

498. wa ha aw - j-apru

1 FUT GEN ‘comprar’ ‘eu vou fazer compras’

wa ha rit j-apru

1 FUT ‘rede’ ‘comprar’ ‘eu vou comprar rede’

499. wa ha aw - j-aku

1 FUT GEN ‘fumar’ ‘eu vou fumar’

wa ha tsekar j-aku

1 FUT ‘cigarro’ ‘fumar’ ‘eu vou fumar cigarro’

500. wa ha aw - j-arẽ

1 FUT GEN ‘contar’ ‘eu vou contar, fazer uma narrativa’

wa ha h - arẽ

1 FUT 3 ‘contar’ ‘eu vou contar algo’

501. wa ha aw - j-ahi

1 FUT GEN ‘caçar’ ‘eu vou caçar’

wa ha kra: j-ahi

1 FUT ‘paca’ ‘caçar’ ‘eu vou caçar pacá’

Pode-se relacionar essa generalização de verbos com a mesma generalização de nomes que foi vista acima, com a junção do prefixo { a? - }. Note-se, contudo, que tais

formas apenas ocorrem no tempo não-passado. A forma generalizada no tempo passado perde o prefixo { aw - } e ganha um outro afixo - { õ } - e a marca de pessoa:

502. j - õ - j-apru

1 GEN ‘comprar’ ‘eu fiz compras’

503. ej - te rit j-apru

1 ERG ‘rede’ ‘comprar’ ‘eu comprei uma rede’

Coincidemente, a forma desse novo afixo generalizador é a mesma do morfema indicador de posse para nomes alienáveis: j - õ - k<sup>h</sup>retʃi ‘meu colar’, fato que não deve ser desprezado, uma vez que um objeto alienável é algo que pode deixar de pertencer ao indivíduo, tornando-se de outrem ou de ninguém, como um objeto genérico.

Tanto a afixação de {aw-} quanto a de {-õ-} nesses casos podem representar um fenômeno de incorporação por composição lexical, de acordo com Mithun (1984), já que neste caso há a derivação de verbos intransitivos a partir de verbos transitivos. Este novo verbo não representa uma simples descrição, mas uma atividade ou um estado especializado.

Oliveira (2003) observou o mesmo prefixo { aw- } em Apinajé e denominou o processo de junção de “destransitivização” de verbos transitivos. Ao verbo intransitivo resultante desse processo a autora chama de “forma finita” e também está associada ao tempo não-passado em Apinajé. No tempo passado, o verbo intransitivo passa a ter uma forma não-finita à qual se podem juntar marcas de pessoa. Essa forma, contudo, difere da do Pykobjê. Ao invés do afixo {-õ-}, o Apinajé apresenta o prefixo relacional - č - no lugar da vogal a da forma finita e ocorre a vocalização do glide w e a ressilabificação em u:

	<b>Forma intransitiva finita</b>	<b>Forma intransitiva não-finita</b>	
504.	<b>aw - j - apro</b>	<b>- č - u - j - apro</b>	'comprar'

Oliveira afirma que as formas finitas também poderiam ser mais curtas que as formas não-finitas, casos que correspondem às formas breves e longas dos verbos, como visto na seção 4.2.

Voltando ao tópico das formas longas e breves, veremos abaixo verbos cuja forma breve apresenta uma sílaba VC:

<b>Forma longa</b>	<b>Forma breve</b>	
ej-pe <u>m</u> ter	amte	'sonhar'
ej-pe <u>m</u> pra:	ampra:	'acordar'
ej-p <u>e</u> spo	asp <u>o</u>	'brigar'
ej-p <u>e</u> sp <u>a</u>	asp <u>a</u>	'criar'

Parece claro que a sílaba VC, assim como a vogal alongada nos verbos estudados na subseção 4.2.3., assume novamente um papel morfossintático na língua, já que cabe a ela distinguir os tempos passado e não-passado de uma classe de verbos, só que nesse caso não há qualquer sinal de generalização, já que dois deles – 'sonhar' e 'acordar' – já são intransitivos.

Do *corpus* ainda restaram inúmeras palavras que apresentam a sílaba VC, incluindo nomes, advérbios e cores, com as quais não foi possível estabelecer nenhum tipo de análise, mas que, acredita-se, serem passíveis de estudos futuros sofre morfologia derivacional.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta tese foi apresentar uma descrição e análise de processos morfológicos ocorrendo na flexão e derivação/composição de palavras da língua Pykobjê. A iniciativa do estudo foi resultado do meu trabalho de mestrado realizado sobre a fonologia desta língua, no qual alguns tópicos foram descritos, mas não suficientemente analisados apenas sob o enfoque fonológico, dentre os quais foram o alongamento vocálico, a sílaba VC, as formas longas e breves dos verbos e o sistema pronominal.

A tese conta com cinco capítulos, excluindo-se este. O primeiro tratou de considerações sobre o povo Pykobjê, a filiação da língua no complexo Timbira, na família Jê e no tronco Macro-Jê. Além disso, apresentaram-se as etapas da pesquisa lingüística, a investigação de campo, a análise dos dados e a apresentação deste trabalho.

O segundo capítulo mostrou um panorama da fonologia do Pykobjê, baseando-se em minha dissertação de mestrado (Sá, 1999) e em reanálises feitas a partir de novos dados coletados.

O terceiro capítulo contou com um esboço da morfologia da língua, apresentando-se as classes de palavras envolvidas neste estudo. Considero apenas um “esboço” porque descrever e analisar todas as classes de palavras detalhadamente demandaria um estudo morfossintático acurado, o qual não foi o objetivo desta tese, embora, em vários momentos, aspectos da sintaxe tenham sido abordados durante o trabalho, como as posições do verbo na frase, sistema de marcação de caso etc.

O quarto capítulo apresentou aspectos da morfologia flexional da língua. Ele foi dividido em duas seções. A primeira tratou do sistema pronominal, buscando demonstrar,

através da discussão de estudos sobre os prefixos relacionais em línguas do tronco Macro-Jê, uma análise morfofonológica sobre a junção dos pronomes com nomes inalienáveis e com verbos intransitivos. Ficou claro que o Pykobjê não apresenta evidências que justifiquem a existência de um grupo de prefixos relacionais, mas somente resquícios de uma relação de dependência entre um grupo de palavras envolvendo os segmentos **h** e **tʃ**, para a qual seriam desejáveis estudos mais aprofundados sobre o sistema de classificação das palavras, tendo em vista as possibilidades de agrupar certos nomes sob determinadas categorias, como propõe Lichtenberk (1983) para as línguas australásicas. Tal sistema de classificação também poderia se aplicar à variação dos verbos em formas longas e breves, tópico da segunda seção deste capítulo. Esta seção buscou discutir o fenômeno da alternância verbal do Pykobjê com propostas de estudos feitos com línguas do ramo setentrional da família Jê. A descrição das várias possibilidades de variação e a análise das ocorrências mostraram que se trata de um fenômeno morfossintático, já que não há condicionamento fonético para as diversas mudanças nos verbos, embora haja padrões fonológicos para as mudanças. A forma longa ocorre em Pykobjê nos verbos que estejam em posição final da frase em tempo passado ou em posição não-final, em qualquer tempo, seguido da partícula de negação {**no:re**} ou, eventualmente, de quantificadores. Esta seção tratou também da dupla negação e da cisão dos tempos não-passado com a utilização da partícula *portemanteau* {**wir**}, fatos que diferenciam, morfossintaticamente, o Pykobjê de outras línguas do complexo Timbira.

O quinto capítulo tratou de aspectos da morfologia derivacional do Pykobjê. Este capítulo também foi dividido em duas seções. A primeira descreveu e analisou a relação de processos de formação de palavras com o alongamento vocálico e o padrão acentual. A conclusão a que se chegou é que a língua privilegia sílabas pesadas ainda que as mesmas

não portem o acento, o que contraria a proposta de Hayes (1995) sobre as línguas iâmbico-moraicas. A segunda seção tratou da sílaba VC como possível prefixo no Pykobjê, uma vez que ela só ocorre em início de palavra. Algumas possibilidades foram encontradas como o prefixo generalizador de nomes e o de verbos, sendo este último um caso de incorporação por composição lexical, criando verbos intransitivos a partir de verbos transitivos; contudo, muitos outros casos de sílaba VC devem ser analisados sob o enfoque lexical em futuros trabalhos.

Enfim, este trabalho não teve a pretensão de ser um produto final sobre a morfolofonologia da língua Pykobjê. O objetivo foi de lançar novas propostas para discussões sobre as línguas da família Jê e contribuir para estudos futuros sobre o complexo Timbira. Mais do que isso, este estudo buscou compreender melhor o universo da cultura Timbira, especificamente do pensar e do falar dos Gavião Pykobjê, suscitando novos trabalhos nos campos da morfologia lexical e da terminologia da língua falada por esse povo.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F.C. (1999). *Aspectos fonológicos do Apāniekrá (Jê)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Processos desencadeados pelo uso da negação nas orações independentes do Apaniekrá (Jê)*. Comunicação apresentada no VI Seminário de Teses em Andamento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (manuscrito).
- \_\_\_\_\_. (2002a). *A discussão da grafia unificada para as línguas Timbira*. Comunicação apresentada no 50º Seminário do GEL, Universidade de São Paulo, (manuscrito).
- \_\_\_\_\_. (2002b). *Sistematização das diferenças entre as classes de pronomes pessoais do Apaniekrá (Jê)*. In: CD-Rom da XXXI Revista de Estudos Lingüísticos do GEL. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Traços classificatórios dos nomes e verbos em Timbira Apāniekrá*. Comunicação apresentada no Simpósio em Lingüística Antropológica no NHII/USP (manuscrito).
- AMADO, R.S. (2003a). *Aspectos morfofonológicos do sistema pronominal do Gavião Pykobyê*. In: CD-Rom da XXXII Revista de Estudos Lingüísticos do GEL. Taubaté: UNITAU.
- \_\_\_\_\_. (2003b). *A negação em Pykobyê*. In: Língua: uma questão de regras e de usos? – V Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo. FFLCH/USP, pp. 19-26.

- ANDERSON, S.R. (1985). *Inflectional morphology*. In: SHOPEN, T. (ed.) **Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon**, v. III. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, cap. 3, pp. 150-201.
- ARAÚJO, L. (1989). **Aspectos da língua gavião-jê**. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- AZANHA, G. (1984). **Forma Timbira: estrutura e resistência**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
- BARNES, J. (1994) *Tuyuca*. In: KAHREL, P. & BERG, R.V.D. (eds.) **Typological studies in negation**. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co., pp. 325-42.
- BLEVINS, J. (1995). *The syllable in phonological theory*. In: GOLDSMITH, J. A. (org.) **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Blackwell, pp. 206-244.
- BORGES, M.F. (1996). *Aspectos morfossintáticos das relações genitivas na língua Kayapó*. In: Moara – Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras, UFPA. Belém: 4, out/95-mar/96, pp. 77-82.
- BYBEE, J.L. (1985). **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Vol. 9. **Typological studies in language (TSL)**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co.
- \_\_\_\_\_ (2004). **Mechanisms of change as universals of language**. University of New Mexico. [http://www.unm.edu/~jbybee/mechs\\_univ.htm](http://www.unm.edu/~jbybee/mechs_univ.htm)
- CABRAL, A.S. (2000). *Flexão relacional na família Tupi-Guarani*. In: SOARES, M. E. **Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**. Fortaleza, v. 25, pp. 233-62.
- CÂMARA Jr, J. M. (1977). **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

- CAVALCANTE, M.P. (1987). *Fonologia e morfologia do Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese de doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CLEMENTS, G.N. & HUME, E.U. (1995). *The internal structure of speech sounds*. In: GOLDSMITH, J.A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, pp. 245-306.
- DAHL, Ö. (1979). *Typology of sentence negation*. In: *Linguistics* 17, pp. 79-106.
- DAVIS, I. (1966). *Comparative Jê phonology*. In: *Estudos Lingüísticos, Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, 1, (2), São Paulo, pp. 10-24.
- DOURADO, L. (1993). *Fenômenos morfonêmicos em Panará: uma proposta de análise*. In: *Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi*, série Antropologia, 9(2), pp. 199-208.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)*. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- FERREIRA, M.N.O. (2003). *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- FERREIRA NETTO, W. (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- GOMES, D. M. (2000). *Identificando a flexão relacional em Munduruku*. In: SOARES, M. E. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza, v. 25, pp. 263-84.
- GOLDSMITH, J. A. (1990). *Autosegmental and metrical phonology*. Cambridge: Blackwell.

HALLE, M. & VERGNAUD, J.R. (1987). *An essay on stress*. Cambridge, Massachussets: MIT Press.

HAYES, B. (1995). *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press.

ITÔ, J. (1986). *Syllable theory in prosodic phonology*. Tese de Doutorado. Massachussets: University of Massachussets.

JENSEN, J.T. (1990). *Morphology: word structure in generative grammar*. Series IV – Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co.

JESPERSEN, O. (1949). *Language: its nature, development and origin*. Nova Iorque: Macmillan.

KIPARSKY, P. (1982). *Lexical Morphology and Phonology*. In: S. YANG (ed) *Linguistic in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co. pp. 3-91.

LADEIRA, M.E. (2001) *De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira*. In: SILVA, A.L. & FERREIRA, M.K.L. (orgs.) *Antropologia, história e educação*. São Paulo: Ed. Global, Fapesp.

LICHENBERK, F. (1983). *Relational classifiers*. In: Lingua, n. 60, pp. 147-76.

MELATTI, J.C. (1972). *O messianismo krahô*. São Paulo: Ed. Herder/EDUSP.

MITHUN, M. (1984). *The evolution of noun incorporation*. In: *Language*. Volume 60, N° 4. pp. 847-94.

NIMUENDAJU, C. (1946). *The Eastern Timbira*. Berkeley & Los Angeles: University of California Publ. in American Archeology and Ethnology, vol. 41.

- OLIVEIRA, C. C. (2003). *Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé*. In: **International Journal of American Linguistics**, vol. 69, no. 3, pp. 243-74. The University of Chicago.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). *Canela-Kraho*. In: DERBYSHIRE, D.C. & PULLUM, G.K. (eds). **Handbook of Amazonian Languages**. New York: Mouton de Gruyter, pp. 128-199.
- REIS SILVA, A. & SALANOVA, A.P. (2000). *Verbo y ergatividad escindida em Mẽbêngôkre*. In: VAN DER VOORT, H. & VAND DE KERKE, S. (eds) **Ensayos sobre lenguas indígenas de las tierras bajas de Sudamérica. Contribuciones al 49º Congreso Internacional de Americanistas en Quito 1997**. Leiden: CNWS, pp. 225-42.
- RIBEIRO, E. R. (1996). **Morfologia do verbo Karajá**. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- \_\_\_\_\_. (2002a). **Prefixos relacionais em Jê e Karajá: um estudo histórico-comparativo**. II Encontro Macro-Jê, Unicamp, Campinas. (manuscrito).
- \_\_\_\_\_. (2002b). *O marcador de posse alienável em Kariri: um morfema Macro-Jê revisitado*. In: LIAMES - Línguas Indígenas da América do Sul. Vol. 2, p. 31-48.
- RODRIGUES, A.D. (1953). *Morfologia do verbo Tupi*. In: **Letras**, vol. 1, p. 121-52. Curitiba.
- \_\_\_\_\_. (1986). **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola.
- \_\_\_\_\_. (1994). **A case of grammatical affinity among Tupi, Karib and Macro-Jê**. Universidade de Brasília. (manuscrito).

- \_\_\_\_\_. (1999). *Macro-Jê*. In: DIXON, R M.W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê*. In: SOARES, M. E. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza, v. 25, p. 219-231.
- SÁ, R. M. (1999). *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2003). *O padrão acentual do Pykobyê*. In: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* nº 26, Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, p.542-44.
- SALANOVA, A. P. (2001). *A análise em Mebengokre e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação de mestrado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- SANTOS, L. (1997). *Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá / Kisêdjê (Jê)*. Tese de Doutoramento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Eliminação de segmentos fonológicos na língua Suyá*. In: SANTOS, L. & PONTES, I. (orgs.) *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Editora UEL, pp. 131-45.
- SAPIR, E. (1971). *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- SCHACHTER, P. (1985). *Parts-of-speech systems*. T. Shopen (ed) *Language Typology and Syntactic Description*. Vol.1. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-61.

- SEKI, L. (2000). **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu.** Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial.
- SELKIRK, E. (1982). *The syllable*. In: Hulst, S., v. 2, p. 337-83.
- SOUZA, S.M. (1990). **O sistema de referência pessoal da língua Krahô.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás.
- \_\_\_\_\_. (1997). **A sintaxe de uma língua de verbo no final: Krahô.** Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- TRUBETZKOY, N.S. (1973). **Principios de fonología.** Trad. Luís J. Prieto. Madrid: Cincel.
- WIESEMANN, U. (1986). *The pronominal systems of some Jê and Macro-Jê languages.* In: WIESEMANN, U. (ed.) **Pronominal systems.** Tübingen: Gunter Narr Verlag.

## **APÊNDICE**

Neste apêndice, apresento uma lista de palavras elaborada pelos participantes da oficina de grafia Timbira, realizada em Carolina, Maranhão, de 06 a 14 de dezembro de 2003. A lista consta do nome em Português, em Timbira padrão e ainda de uma transcrição fonética em Pykobjê elaborada por mim. A lista foi separada por campos semânticos: animais, botânica, cultura material, partes do corpo e termos de parentesco. Nestes dois últimos campos, os itens lexicais, principalmente os relacionados a partes do corpo, são apresentados com o pronome dependente de 3<sup>a</sup> pessoa, no caso do Pykobjê há duas possibilidades – e?- (ou en- ), h- e Ø – ; em alguns termos de parentesco consta o pronome pessoal de 1<sup>a</sup> pessoa – ej- ou j- para o Pykobjê – , em decorrência de uma certa hesitação dos participantes em fazer a referência para a 3<sup>a</sup> pessoa. Para alguns itens há duas ou três possibilidades, conforme a língua Timbira falada por alguns dos povos cujos representantes estiveram presentes; nesse caso, o último item é o do Pykobjê.

A seguir apresento também as letras aprovadas e uma explicação sobre sua aplicação em cada língua Timbira.

# OFICINA DE GRAFIA UNIFORMIZADA TIMBIRA

LETRAS APROVADAS EM 12.12.2003

CONSOANTES	VOGAIS
p - t - x - c - k - '	a - e - ē - ē - ī
m - n - g	y - ŷ - Ÿ
w - r - j - h	o - õ - õ - ū

## EXPLICAÇÃO DAS CONSOANTES

### 1. c – k

c → [ k ] - para final de sílaba: hapac ‘orelha dele’

c, k → respectivamente [ k ] e [ k<sup>h</sup> ] - para início de sílaba: ca ‘2p’, kōc ‘camaleão’

### 2. h – ’

h → [ h ] – para início de sílaba: hapac ‘orelha dele’

’ → [ ? ] – para final de sílaba: pa’nō - nome próprio

### 3. g – h

Os Krinkati escreverão <h> onde os falantes das outras línguas Timbira escreverão <g> (para os Pykobjê → [ <sup>h</sup>g ]): cahā / cagā ‘cobra’, hōr / gōr ‘dormir’.

#### 4. j - x

Os Pykobjê escreverão <x> no final de algumas palavras enquanto os falantes das outras línguas Timbira escreverão <j>: **caj / cax** 'cesto'.

#### 5. p - t - x - m - n - w - r

[ p, t, tʃ, m, n, w, r ] - como em todas as línguas Timbira essas letras já estavam sendo escritas da mesma forma, elas foram mantidas.

## EXPLICAÇÃO DAS VOGAIS

#### 1. a - ā

[ a ], [ ā ] / [ ə ] (este para o Pykobjê): ca '2p', pa '1p', cahāj 'mulher'

#### 2. y - ī

Alguns povos dizem [ ə ] ou [ ɔ ], enquanto outros dizem [ ə ] ou [ i ] (Pykopjê), mas todos escreverão < ī >: kwīr 'mandioca'.

Alguns povos dizem [ i ], enquanto outros dizem [ ə ] (Pykobjê), mas todos escreverão < y >: cōkryt 'anta'

#### 3. e - ē

Alguns povos dizem [ ε ], enquanto outros dizem [ e ] (Pykobjê), mas todos escreverão < e >: tep 'peixe'.

Alguns povos dizem [ e ], enquanto outros dizem [ i ], mas todos escreverão < ë >:  
caapér ‘bacaba’, parëj ‘cajá’<sup>38</sup>.

#### 4. o – ö

Alguns povos dizem [ o ], enquanto outros dizem [ o ] (Pykobjê), mas todos escreverão  
< o >: rop ‘onça’.

Alguns povos dizem [ o ], enquanto outros dizem [ u ], mas todos escreverão < ö >:  
caprö ‘sangue’, cömxë ‘bacuri’<sup>39</sup>.

#### 5. ê – ī

Alguns povos dizem [ ê ], enquanto outros dizem [ ê ] (Pykobjê), mas todos escreverão  
< ê >: cötë ‘murici’.

Alguns povos dizem [ ê ] (Pykobjê), enquanto outros dizem [ ī ], mas todos escreverão <  
ī >: mī ‘jacaré’.

#### 6. ô – ū

Alguns povos dizem [ ô ], enquanto outros dizem [ ô ] (Pykobjê), mas todos escreverão  
< ô >: wakô ‘quati’.

Alguns povos dizem [ ô ] (Pykobjê), enquanto outros dizem [ ū ], mas todos escreverão  
< ū >: hūmre ‘homem’.

---

<sup>38</sup> Para esse grafema não há previsão, em nenhuma das línguas Timbira, sobre a realização em [ e ] ou [ i ].

<sup>39</sup> O mesmo, sobre a realização em [ o ] ou [ u ].

## ANIMAIS

PORUGUÊS	TIMBIRA PADRÃO	PYKOBJÊ
Anta	cökryt	kok <sup>h</sup> rət
Arara azul	pÿn	pən
Arraia	xëwxët	tſewtſet
Asa	hara	hara
Ave	pryre jara	prəre jara
Barata	po'pojre	po?pojre
Beija-flor	jönre	jonre
Besouro	ajïnkö'köjtë	a:jënkö?kojte
Bicho de caça	pry jöphë	prə jophe
Bicho doméstico	pry pëjaparë	prə pejapare
Borboleta	wewe	wewe
Borrachudo	prýmtë	prəmte
Cabra	popejre	popejre
Calango	wetre	wetre
Camaleão	kōc	k <sup>h</sup> ök
Capivara	cömtöm	komtom
Caracol	twÿn	twin
Cascudo	këtë	k <sup>h</sup> ete
Cigarra	co'kot / kör	k <sup>h</sup> or
Cobra	cahÿ / cagÿ	ka <sup>h</sup> gë
Coelho	krÿjacra	k <sup>h</sup> rëjakra
Coruja	porpot	porpot
Cupim	rör	rur
Cutia	cökën	kok <sup>h</sup> in
Ema	mÿ	më
Enguia	pÿp	pip
Escorpião	pacre	pakre
Formiga	prömrë	promre
Gado	prytë	prate
Gafanhoto	xycxyc	tſiktſik
Galinha	xÿ'xÿc	tſë?tſëk
Gambá	pyke	pəke
Garça	caaprë	ka:pri
Gato	ropre	ropre

Gavião	hyc	hæk
Grilo	aröj	a:roj
Guariba	cöpyt	kopət
Teiú	kycatëctë	k <sup>h</sup> ikatetekte
Jacaré	mí	mē
Jaó	capöre	kapore
Jibóia	hÿkatë	hæk <sup>h</sup> ate
Juruva	rö'të	rö?te
Lagarta	amkö	amko
Lambu	a'torre	a?torre
Lobo guará	pöte / xöte	tʃo:te
Macaco	cököj	kok <sup>h</sup> uj
Mariposa	krytjarare	k <sup>h</sup> rətjarare
Morcego	xëp	tʃip
Mosca	köp	k <sup>h</sup> up
Mosquito	köpre	k <sup>h</sup> upre
Mucura	krotë	krote
Mutuca de cavalo	pöhöttë	pohotte
Mutum	pytëc	pətëk
Onça	rop	rop
Ovo	ëncre	enkre
Paca	cra	kra:
Papagaio	krÿjtë pej	krijte
Pato	cöxöj	kotsoj
Peixe	tep	tep
Pena	ëncwìn	enkwin
Perdiz	pëkë	pik <sup>h</sup> i
Periquito	krëre	k <sup>h</sup> rëre
Pernilongo	jöjöyre	jojojre
Piolho	ëncö	enko
Pium	prÿmre	prəmre
Pomba	tötre	totre
Porco	krö	k <sup>h</sup> ru:
Pulga	wapre	wapre
Quati	wakö	wak <sup>h</sup> ö
Raposa	xore	tʃo:re
Ratão	amxötë	amtʃote

Rato	amxo	amtʃo
Sapo	pröttē	prutte
Socó	crawcrawre	krawkrawre
Sucuri	ro'tē	ro?te
Surubim	pöpöre	popore
Tamanduá	pŷt	pŷt
Tartaruga	caprŷn	kaprŷn
Tatu	tön	tun
Urubu	xön	tʃun
Vaga-lume	wajca rŷ'rŷ	wajka ri?ri
Veado	cary	karə

## BOTÂNICA

PORUGUÊS	TIMBIRA PADRÃO	PYKOBJÊ
Abacaxi	pröprötxö / pröprö	ipropro
Abóbora	cö'köncahyc / jarëj	jarej
Açaí	tëre	tire
Algodão	caxytji	katjítjé
Amendoim	cahy	kahé
Araçá	tëcrýj	tikrij
Arroz	ary	a:rə
Bacaba	caapér	ka:pir
Bacuri	cömxë	komtji
Bambu	po'hë	po?hi
Banana	pypyre / panýnxö / pöpxö	poptsu
Batata & batata doce	jyt	jët
Buriti	crow	krow
Cabaça	cö'kön	ku?k <sup>b</sup> ön
Cacau	höncrytëxö	honkratetju
Cajá	pyréj	perej
Caju	a'krýt	a?k <sup>b</sup> rit
Capim-miçanga	capare'hy / a'cýre	a?kare
Coco	rörtë / rötë	röte
Espiga de milho	pöhy ca'kö	pöhë ka?k <sup>b</sup> o
Fava	pÿnkryt	pənk <sup>b</sup> rët
Feijão	pÿtjy'töj	pitji?töj
Folha de milho	pöhy'kö	pöhë?hu
Fumo	pÿrhö	pirhu
Gengibre	xëxëp	tjitsip
Inajá	awar	a:war
Inhame	krerö	k <sup>b</sup> teru
Jenipapo	protë	prute
Laranja	rÿj	rëj
Macaúba	ronhyc	ronhik
Mamão	prýmxö	prëmtsu
Mandioca	kwyr	k <sup>b</sup> wir
Mangaba	pënxö / a'pënxö	a?pintsu
Mel	pen	pen

Melancia	pratxë	prattʃi
Milho	põhy	põhə
Milho verde	põhy tetet	põhə tetet
Murici	cötē	kotē
Palha de milho	põhy'prȳ	põhə?pri
Pau d'arco	töcre	tukre
Pé de milho	põhypȳr	põhəpər
Pequi	prēn	pren
Pimenta	pȳrhy	pırhə
Pimentão	pȳthy'tē	pırhə?te
Puçá	crotot	krotot
Raspa de espiga	põhyxöm	põhətʃum
Samambaia	cratē / craatepȳr	kra:tepər
Timbó	a'krö	a?k <sup>h</sup> ro
Tucum	ronre	ronre
Urucum	py	pə

## CULTURA MATERIAL

PORUGUÊS	TIMBIRA PADRÃO	PYKOBJÉ
Abano de talo de buriti	kajhy'te cajpér xy	k <sup>h</sup> ajhə?te kajpir tʃə
Arco	cöhë	kohi
Borduna	kötì / ku	k <sup>h</sup> u
Carvão	projproj / prÿprÿj / prÿjprÿj	prəjprəj
Casa	ëkre / ejkre	ej-k <sup>h</sup> re
Cesta	hÿmcjénxÿ	həmkjentʃə
Cinto	cagÿ cöhë / xy	tʃi
Cocar	hÿ'kÿ	hə?kə
Colar	hōkrrexë	hōk <sup>h</sup> retʃi
Cuia	crat	krat
Dente de macaco	cököj xwa	kok <sup>h</sup> uj tʃwa
Dentes de animais	pryrexwa	prəretʃwa
Esteira	cö'pëp / ca'ty / pap	pap
Esteira de coco de babaçu	rõrhöte cö'pëp	rõrhute ku?pep
Esteira para meninos(as)	cöpëp	kupep
Fita de buriti	crowhö jōr	krowhu jōr
Flautinha	hykörxÿ / po'pa	po?pa
Flecha	kröw	k <sup>h</sup> row
Galheiro	po	po
Jirau	pÿr / kwÿc / par	par
Linha de tucum	ronrexë	ronretʃi
Maracá	cö'toj / cö'tox	ko?tos
Mocó (bolsa pequena)	maco / paptö	papto
Munguru (olho-de-cabra)	catëcre	katikre
Pacará	paptö / caj / cax	kas
Palha de buriti	crowhö	krowhu
Palha de inajá	awarhö	a:warhu
Palha de piaçaba	rõ pejhö / rõr pejhö / pö	pu
Pau-roxo	cöhë kÿ'tyc	kohi k <sup>h</sup> ə?tik
Pau-de-leite	arÿmhöc	a:rímhuk
Pena da asa	a'prÿ	a?prə
Pena do corpo	a'kwyn / ënkwyñ	enk <sup>h</sup> wiñ
Pulseira	ë'paxë	e?-patʃi
Tiririca	capare	kapare

## PARTES DO CORPO

PORUGUÊS	TIMBIRA PADRÃO	PYKOBJÊ
Antebraço	harakat / harakrat, e”pakrat	h-arak <sup>h</sup> rat , e?-pak <sup>h</sup> rat
Anus	hōka’kre / éntotkre	en-totk <sup>h</sup> re
Axila	harakre	h-arak <sup>h</sup> re
Baba	harrytē	h-arratē
Banha	e”tönÿ’twym	e?-tonətwim
Barba	hamahö / harhö	h-arhu
Barriga	ë’tö	e?-to
Bigode	ë’krÿhö / harhö	h-arhu
Boca	harkwa	h-ark <sup>h</sup> wa
Bochecha	hïte	h-ëte
Braço	hara , ë’pa	h-ara , e?-pa
Bunda	hō / éntot	en-tot
Cabeça	ë’krÿ	e?-k <sup>h</sup> rë
Cabelo	ë’kî	e?-k <sup>h</sup> ë
Calcanhar	ë’parkat / ë’parkrat	e?-park <sup>h</sup> rat
Canela	ë’te’hë	e?-te?he
Cara	ë’koc	e?-k <sup>h</sup> uk
Carne (de comer)	hï körxÿ	h-ë k <sup>h</sup> ortjë
Carne (de pessoa)	mëhï	mëhë
Cocô	hïn	h-ëñ
Coluna vertebral	ë’köhë	e?-k <sup>h</sup> öhë
Coração	ë’totoc	e?totok
Corpo	hïkönëa / hïkonë	h-ëk <sup>h</sup> onë
Costela	hëwrÿ’hë / hõrõ	h-õrõ
Cotovelo	ë’pakõn	e?-pak <sup>h</sup> õn
Coxa	ë’kjë	e?-kji
Cuspe	harcö	h-arku
Dar à luz, parir	cömÿ ë’kra pÿm	kumë e?-k <sup>h</sup> ra pëm
Dedo da mão	hü’kra’hë / hü’hë	h-õ?he
Dedo do pé	ë’parkrÿ’hë	e?-park <sup>h</sup> rë?he
Dente	wa	wa
Ele cuspiu	harcörë	h-arkurë
Ele se ajoelhou	ë’könkrÿ’najÿ	e?-k <sup>h</sup> önk <sup>h</sup> rë?najë
Esqueleto	më’hë	më?he

Estômago	hōx̄y	h-õtʃə
Fazer amor	ajn̄i	ajn̄e
Fígado	ëmpa	em-pa
Garganta	hōkrē / hōkre	h-õk <sup>h</sup> re
Goela	hōkrekat / hōkrekrat	h-õk <sup>h</sup> rek <sup>h</sup> rat
Gogó	hōkac / ë'ka	e?-k <sup>h</sup> a
Gordo	hēcot	h-ẽcot
Gordura	ë'twȳm	e?-twim
Grávida	e'kra / ë'tēc / ra'kra	ra?k <sup>h</sup> ra
Intestino	hǐnkrateket / hǐnkra	h-ẽnk <sup>h</sup> ra
Joelho	ë'kōnkrȳ	e?-k <sup>h</sup> õnk <sup>h</sup> rã
Lábio	ha'kȳ	h-a?k <sup>h</sup> ə
Lágrima	ëntocacö	en-to:kaku
Leite de mulher	ë'kȳcacö	e?-k <sup>h</sup> əkaku
Língua	hō'to	h-õ?to
Mandíbula	hama	h-a'ma
Mão	hū'kra	h-õ?k <sup>h</sup> ra
Menstruação	caprö	kapru:
Miolos	ë'krȳcajēn	e?-k <sup>h</sup> rãkajēn
Nádegas	hōj̄i / ëntotj̄i	en-totjē
Nariz	ë'kryt	e?-k <sup>h</sup> rit
Nascer	ë'pȳm	e?-pəm
Nervo	hǐcōxēc	h-ẽcotʃek
Nuca	ëmpöt kat / ëmpöt krat	em-pot k <sup>h</sup> rat
Ombro	hēkre	h-ek <sup>h</sup> re
Orelha	hapac	h-apak
Osso	ë'hē	e?-he
Osso da mão	hū'kra'hē	h-õ?k <sup>h</sup> ra?he
Ouvido	hōparx̄y / hapackre	h-apakk <sup>h</sup> re
Pança	ë'tectē	e?-tekte
Pé	ë'par	e?-par
Peido	ë'pēc	e?-pik
Peito	ë'kȳ	e?-k <sup>h</sup> ə
Peito de mulher	hōköt	h-õk <sup>h</sup> ot
Pele	ë'kȳ	e?-k <sup>h</sup> ə
Pêlo	ë'hō	e?-hu
Pênis	hēxöt	h-etʃut

Perna	ë'te	e?-te
Pescoço	ëmpöt	em-pot
Pulso	hũntŷj / hũmtŷx	h-õmtis
Quadril	ë'kat / ë'krat	e?-k <sup>h</sup> rat
Queixo	hahë / harhë	h-arhe
Ranho	hĩjarop	h-ẽjarop
Rim	a'nýprin / ë'cakrŷ	e?-kak <sup>h</sup> ri
Saliva	har.rŷ	h-arræ
Sangue	caprö	kapru:
Sobrancelha, cílio	ëntohö	en-to:hu
Sola do pé	ë'parjökwa	e?-parjök <sup>h</sup> wa
Suor	a'nýcö	a?nëku
Testa	ë'köcatŷx	e?-k <sup>h</sup> okatis
Testículos	ëncre	en-kre
Teta	ë'kŷ'krŷt	e?-k <sup>h</sup> æk <sup>h</sup> rit
Tornozelo	hõ'cojre / ë'parkõn	e?park <sup>h</sup> on
Tutano	cajin	kajen
Unha	hũ'kop	h-õ?k <sup>h</sup> op
Vagina	ë'hëkre / e'hë	e?hi
Veia	cöxec	kotsek
Vulva	ë'hëkrŷt	e?-hik <sup>h</sup> it

## TERMOS DE PARENTESCO

PORTUGUÊS	TIMBIRA PADRÃO	PYKOBJÊ
Avó paterna e materna	tyjté / tyjre	təjre
Avô paterno e materno	këtté / krÿtumwej	k <sup>b</sup> rëtõmwej
Enteado (a)	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Esposa	ë'prõ / hixé	h-ëtſi
Esposa do irmão da mãe de H <sup>40</sup>	ë'prõ	e?-prõ
Filha de irmã de H	ëjaparxwÿj / japarxwÿx	j-apartſwís
Filha de irmã de M <sup>41</sup>	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Filha de irmão de H	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Filha de irmão de M	ëjaparxwÿj / japarxwÿx	j-apartſwís
Filho de irmã de H	ë'týmxwÿ	e?-təmtſwí
Filho de irmã de M	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Filho de irmão de H	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Filho de irmão de M	ë'týmxwÿ	e?-təmtſwí
Filho, filha	ë'kra	e?-k <sup>b</sup> ra
Genro de H	ë'pëjöjë	e?-pejöje
Genro de M	ë'wawÿ / e'pëjöjë	e?-pejöje
Irmã	ë'töj / ë'töx	e?-töš
Irmã de esposa	ë'prõ / ë'pÿnje	e?-pÿnje
Irmã de marido	toctyjë / ë'prejë / awprejë	awpreje
Irmã mais velha	ë'töjkÿ / ë'töxkÿ	e?-tösk <sup>b</sup> ə
Irmão	ë'tö	e?-tö
Irmão de esposa	ëmpyjë	em-pÿje
Irmão de marido	ë'pjë / tokÿjë	tok <sup>b</sup> əje
Irmão mais velho	ë'tö'kÿ	e?-tö?k <sup>b</sup> ə
Madrasta	ënxētow	en-tſitow
Marido	ëmpjëñ	em-pjen
Marido da irmã do pai de H	këtté	kitte
Marido da irmã do pai de M	ëmpjëñ	em-pjen
Neta	ëjaparxwÿj / japarxwÿx	j-apartſwís
Neto	ë'týmxwÿ	e?-təmtſwí
Nora de H	ëpÿnjë	ej-pÿnje

<sup>40</sup> Homem

<sup>41</sup> Mulher

Nora de M	ëxwyje	ej-tʃwije
Padrasto	ënxitow	en-tʃütow
Pai	ënxit	en-tʃõ
Parente	ë'kwì	e?-k <sup>b</sup> wì
Sogra de H	hìxwìjë / ë'pynjë	e?-põnje
Sogra de M	propekëj / prekyxjë	prek <sup>b</sup> isje
Sogro de H	pìjkët / pìjkëtjë	pækkitje
Sogro de M	krý'tümjë / prekëtjë	prekitje
Tia materna mais nova	ënxeçöprì	en-tʃikoprə
Tia materna mais velha	ënxeçkì	entʃik <sup>b</sup> ə
Tia paterna	tyjre	tæjre
Tio paterno mais novo	ënxitçöprì	en-tʃökoprə
Tio paterno mais velho	ënxitkì	en-tʃök <sup>b</sup> ə